



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

Curso de Doutoramento em Teologia (*2.º grau canónico*)
Especialização: Teologia Sistemática

MARIA CONCEIÇÃO SOUZA DOS SANTOS

**O CARISMA DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO
CRISTÃ: UM CONTRIBUTO PARA A MISSÃO DA IGREJA**

Dissertação Final

sob orientação de:

PROFESSOR DOUTOR JOSÉ NUNES

Lisboa
2021

AGRADECIMENTO

Ao Deus Trino, princípio e fundamento da minha vida, que me conduz com seu amor infinito e me chama a realizar a sua vontade com um coração sensível às Palavras do Evangelho e transmiti-lo a todos, principalmente à juventude.

À minha família, que sempre me acompanha e, mesmo na distância, faz-se presente pelo amor que nos une.

Ao Instituto das Religiosas da Instrução Cristã, minha família religiosa, por incentivar e oferecer a oportunidade de capacitação profissional.

Às minhas co-irmãs da comunidade da Visitação, Ir. Etienne e Ir. Maricelia que neste processo acadêmico me acolheram e motivaram com alegria e amizade, apoio, incentivo e testemunho de vida na minha caminhada de formação.

Os amigos, na pessoa da Doutora Filomena Carvalho, presença alegre e disponível, no momento certo e na hora exata no *terminus* deste trabalho.

Ao Professor Dr. Ildo Silva, pela amizade, paciência e cuidado, pelo apoio nas correções do português do trabalho.

À Faculdade Católica Portuguesa, na pessoa do Professor Doutor, Padre, Alexandre Palma, todos os professores e secretarias, espaço facilitador de diálogo aberto, de acolhimento e incentivo para a conclusão desta primeira etapa do curso de doutoramento.

Ao Professor Doutor, Padre, José Nunes, pela orientação, apoio e rica contribuição em minha formação.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO 1 MADRE AGATHE VERHELLE: UM TESTEMUNHO DE ESPERANÇA.....	9
1.1 Quem foi Madre Agathe Verhelle?.....	10
1.1.1 Madre Agathe Verhelle.....	11
1.2. O contexto histórico da fundação da Congregação das Religiosas da Instrução Cristã.....	14
1.3. A Perseverança de Madre Agathe e de suas companheiras	24
1.3.1. A esperança e o amor em seus corações: testemunha o Evangelho vivo.	30
CAPÍTULO 2 O CARISMA DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ	35
2.1. Conceito das palavras Carisma e Instrução	35
2.1.1. Carisma	36
2.1.2. Instrução	40
2.2. Entender Instrução na perspectiva da missão e evangelização.....	43
2.3. O Carisma na vida e na missão de Evangelizar da Igreja.....	52
CAPÍTULO 3 NOTAS ATUAIS DA TEOLOGIA DA MISSÃO SOBRE A FORMAÇÃO CRISTÃ DOS JOVENS	59
3.1. A missão evangelizadora da Igreja Católica Apostólica Romana	60
3.2. O entendimento da Igreja do que seja missão e evangelização	68
3.3. Considerações da teologia da missão e pastoral sobre a formação cristã dos jovens.....	78
CAPÍTULO 4 A AÇÃO PASTORAL DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ NO BRASIL	86
4.1. O protagonismo missionário das primeiras Religiosas da Instrução Cristã Belgas no Brasil pernambucano de 1896	87
4.2. A concretização da ação apostólica das Religiosas da Instrução Cristã pós-Vaticano II.....	96
4.3 A vivência do Carisma das RIC. no Brasil em tempo de Pandemia.....	104
4.4. A ação pastoral de evangelização das Religiosas da Instrução Cristã e seus desafios para com os jovens dos colégios	105
4.5. A ação pastoral de evangelização das Religiosas da Instrução Cristã e seus desafios para com os jovens nas comunidades de inserção.....	112
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	121
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	125

RESUMO

Este trabalho dissertativo surge justamente por ocasião da aproximação do bicentenário de fundação da congregação das Religiosas da Instrução Cristã que ocorrerá em 2023, parecendo relevante investigar e identificar as contribuições e desafios desta Instituição para o cumprimento de sua missão evangelizadora e educacional em resposta aos apelos e necessidades da Igreja.

Utilizando o método teológico-bibliográfico, foi possível analisar o percurso histórico e vivencial do carisma de sacrifício e consagração à Juventude, na vida e na missão da Igreja Católica Apostólica Romana.

A análise dos documentos, das cartas e constituições da congregação, permitiu compreender o coração e as intenções de Me. Agathe Verhelle para o instituto em pleno século XXI, no que concerne à vivência da sua missão evangelizadora, mediante o ensino e a dedicação às “tarefas de promoção humana e de educação cristã, sobretudo junto aos jovens” (Conts. Art 57).

Constatou-se que, atualmente, os jovens passam por um tempo de crise, a perda de identidade, o que exige um desafio ao Instituto na instrução dos jovens, a fim de eles se consciencializarem das suas potencialidades e capacidades inerentes ao seu crescimento humano, psíquico e espiritual. Os jovens são o futuro e o renovar da Igreja.

Por isso, as religiosas, para chegarem aos jovens e lhes proporcionarem, de forma dinâmica e atraente, momentos de encontro significativos com Deus, não medem esforços e doação, tentando responder com fidelidade ao apelo feito nos documentos conciliares e em Puebla.

Portanto, conclui-se que a vivência do carisma de sacrifício e consagração das Religiosas da Instrução Cristã, nas escolas, nas comunidades inseridas nas suas obras de educação, representa um importante contributo à missão da igreja junto da juventude.

Palavras-chaves: Carisma, Religiosas, Instrução Cristã, Missão, Sacrifício, Consagração, Juventude, Igreja.

ABSTRACT

This dissertation paper arises precisely on the bicentenary approaching of the founding of the Congregation of Religious of Christian Instruction which will take place in 2023, and it seems relevant to investigate and identify the contributions and challenges of this Institution for the fulfilment of its evangelizing and educational mission, in response to the appeals and needs of the Church.

Using the theological-bibliographic method, it was possible to analyse the historical and experiential path of the charism of sacrifice and consecration to Youth, concerning the life and mission of the Roman Catholic Church.

The analysis of the documents, letters and constitutions of the congregation allowed us to understand the heart and intentions of Mother Agathe Verhelle for the Institute in the 21st century, regarding the experience of its evangelizing mission, through teaching and dedication to “tasks of human promotion and Christian education, especially among young people” (Conts. Art 57).

It was found that, currently, young people are going through a time of crisis and loss of identity, which in turn provides a challenge to the Institute regarding the education of young people. For them to become aware of their potential and abilities inherent to their human, psychic and spiritual growth the church must lean in. Young people are the future and renewal of the Church.

Therefore, in order to reach young people and administer them, in a dynamic and attractive way and meaningful moments of encounter with God, they have spared no effort or concession, trying to respond faithfully to the call made in the Council documents and in Puebla.

Therefore, it is concluded that the experience of the charism of sacrifice and consecration of Religious Sisters of Christian Instruction, in schools, in communities inserted in their educational works, represents an important contribution to the mission of the Church among its youth.

Keywords: Charism; Religious; Christian Instruction; Mission; Sacrifice; Consecration; Youth; Church.

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA	<i>Apostolicam Actuositatem</i> - Documento Vaticano II
AC	Ação Católica
AG	<i>Ad gentes</i> - Documento Vaticano II
CDC	Código de Direito Canônico
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida
DM	Documento de Medellín
DP	Documento de Puebla
DV	<i>Dei verbum</i> - Documento Vaticano II
EG	<i>Evangelii Gaudium</i> - Exortação Apostólica
EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i> - Exortação Apostólica
GS	<i>Gaudium et spes</i> - Documento Vaticano II
ICAR	Igreja Católica Apostólica Romana
LG	<i>Lumen gentium</i> - Documento Vaticano II
PC	<i>Perfectae Caritatis</i>
RIC	Religiosas da Instrução Cristã
RM	<i>Redemptoris Missio</i>
SC	<i>Sacrosanctum Concilium</i> - Documento Vaticano II
SCDFÉ	Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé
SD	Documento de Santo Domingo
VRC	Vida Religiosa Consagrada
VC	<i>Vita Consecrata</i>

INTRODUÇÃO

Ao longo da história da Igreja, muitos foram e são os carismas inspirados pelo Espírito Santo. Falamos das Religiosas da Instrução Cristã (RIC) e de todos quantos são convidados a viverem intensamente o Evangelho, segundo as perspetivas originais que guiam a caminhada de suas congregações religiosas, movimentos eclesiais e tantas outras obras dentro da Igreja.

O Papa Francisco, na *carta dirigida aos consagrados*, reconhece a importância de cada um dos Institutos dentro da Igreja, pois eles provêm duma rica história carismática. E afirma que: «Nas suas origens, está presente a ação de Deus que, no seu Espírito, chama algumas pessoas para seguirem a Cristo, traduzirem o Evangelho numa forma particular de vida, lerem com os olhos da fé os sinais dos tempos, e responderem criativamente às necessidades da Igreja»¹.

É desta forma que Madre Agathe e suas irmãs, com os olhos da fé e com o desejo de resposta às necessidades da Igreja, no século XIX, requerem ao papa o reconhecimento do instituto que, depois de certificado, passa a fazer parte integrante do corpo Místico de Jesus, para que se possa impedir o desvio das ovelhas tresmalhadas. Madre Agathe refere-se aqui à ideologia antieclesial, implantada pela revolução francesa e chefiada por Napoleão, que atingia os jovens que eram seduzidos pela cultura iluminista da não religião.

No entanto, com o passar do tempo, as Congregações e Institutos religiosos e as RIC enfrentam um desafio grande, ao se distanciarem do contexto em que estavam inseridos quando foram criados por seus fundadores por inspiração divina, sentem o impacto das exigências de respostas criativas, por parte do seu carisma, a novos desafios da humanidade.

O convite feito pelo documento pós-conciliar *Vita Consecrata* aos Institutos de «repropor corajosamente o espírito de iniciativa, a criatividade e a santidade dos fundadores e fundadoras, como resposta aos sinais dos tempos visíveis no mundo de hoje»².

As RIC assumem a atitude de oração e contemplação, nos três anos que antecipam as comemorações de 2020 a 2022, da trajetória histórica existencial do Instituto, desde *Madre Agathe* até a cada uma das Religiosas nos dias atuais.

¹ Carta Apostólica do Papa Francisco às pessoas Consagradas para proclamação do ano da vida Consagrada, acedido a 10 de setembro de 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacra.html.

² Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-sinodal, Vita Consecrata*, n.º 37, Lisboa: Editora Paulinas, 1996.

Este trabalho dissertativo surge justamente por ocasião da aproximação do bicentenário de fundação da Congregação das RIC, que ocorrerá em 2023, parecendo relevante investigar e identificar as contribuições e desafios desta Instituição no cumprimento de sua missão evangelizadora e educacional em resposta aos apelos e necessidades da Igreja. É pertinente perguntar: *Como é que o carisma da congregação das RIC se concretiza na ação evangelizadora na Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) ao longo de quase 200 anos de existência institucional?* É com essa indagação que o presente projeto surge, tendo por objetivo investigar a atuação das Religiosas da Instrução Cristã no desempenho do seu carisma junto dos jovens, nas escolas e comunidades inseridas, apresentando os frutos e os desafios de sua atuação perante a missão da Igreja.

Utilizando o método teológico-bibliográfico, buscar-se-á analisar o percurso histórico e vivencial do carisma de sacrifício e consagração à juventude, na vida e na missão da Igreja Católica Apostólica Romana. Tentar-se-á compreender, nos documentos, cartas e constituições da congregação, o coração e as intenções de *Me. Agathe Verhelle* para o instituto em pleno século XXI no que diz respeito à vivência da sua missão de evangelizar, do «ensinando e dedicando-se às tarefas de promoção humana e de educação cristã, sobretudo junto aos jovens» (Conts. Art 57). Também terá como base do desenvolvimento da temática o auxílio dos teólogos que apresentam escritos sobre a história da congregação, bem como as recentes manifestações do Magistério da Igreja, e serão consultados livros e artigos sobre o tema.

Essa pesquisa irá ajudar as RIC no processo de compreensão do seu carisma de sacrifício e consagração e da sua missão de instrução cristã da juventude ao longo dos anos. É nosso objetivo dar a perceber qual a sua contribuição e a sua importância ainda hoje junto da juventude cuja educação assumem como opção preferencial, atendendo ao apelo da Igreja da América Latina e renovado pelo Papa Francisco.

CAPÍTULO 1

MADRE AGATHE VERHELLE: UM TESTEMUNHO DE ESPERANÇA

O objetivo deste capítulo passa por apresentar o testemunho de *Madre Agathe Verhelle*, como verdadeiro sinal de esperança que se propaga não só na vida de quem já conhece a sua história, mas também na de muitos que, desconhecendo-a, têm na sua vivência os frutos de seus esforços.

Recordar a história de *Madre Agathe Verhelle* permite compreender as raízes e os objetivos que orientam a formação da Congregação das RIC que a tem como fundadora. Podemos, pois, afirmar que esta Instituição é um dos grandes legados de sua vida.

É muito importante que as RIC se apercebam do valor inerente à história da sua fundadora, proporcionando às gerações de Religiosas a possibilidade de continuarem a propagar o carisma de *Madre Agathe Verhelle*, procurando saber as características psicossomáticas, para identificar a idiosincrasia de tão ilustre personalidade.

Neste capítulo, inicialmente, procurar-se-á conhecer mais profundamente a história, personalidade, características e o carisma de *Madre Agathe Verhelle* para, em seguida, traçar um percurso fundamentado nos relatos históricos da congregação, traduzidos na sua origem europeia, mais precisamente, na Bélgica, e posterior expansão para os continentes Sul-Americano e Africano, fruto dos esforços de algumas irmãs, que, com determinação, procuraram descobrir o carisma de sua fundadora, a fim de proporcionar a aproximação ao seu “olhar” e às origens do Instituto.

A história da fundação da Congregação das RIC situa-se no contexto sociopolítico da Revolução Francesa que ocasionou transformações na vivência da sociedade europeia, mais precisamente, na França e na Bélgica, países que tiveram uma influência decisiva na História da Congregação.

Esse contexto foi responsável pela vivência espiritual e pela busca incessante por quase quatro décadas. No Brasil, no período compreendido entre os anos de 1838 a 1977, a história de *Madre Agathe Verhelle* não constava dentre os critérios de formação inicial das jovens que entravam no Instituto das RIC. A distância cultural, territorial e linguística entre Brasil e Bélgica dificultavam o acesso das irmãs aos escritos originais sobre a fundadora e a congregação de Madre Agathe por compreender o projeto de Deus para a sua vida e para a daquelas que o Senhor viria a confiar-lhe. Ela deixa para suas “filhas” um legado de valores que, na vida de uma Religiosa da Instrução Cristã, devem ser marcas de fé, esperança, força e

coragem. Marcas que devem estar presentes na sua vivência e refletidas na superação das dificuldades que lhes possam surgir, correspondendo à célebre afirmação da Irmã Miriam Vieira: «filha de Madre Agathe não é covarde!»

Ao fundar a *Congregação das Religiosas da Instrução Cristã*, Madre Agathe tornou-se instrumento dos desígnios de Deus que a escolheu para tanto. É esta marca divina, norteadora dos passos e ações de Madre Agathe, que será explorada nos parágrafos seguintes.

1.1 QUEM FOI MADRE AGATHE VERHELLE?

Esta pergunta desencadeou uma grande inquietação nos corações das novas gerações de freiras que entraram no Instituto, no fim da década de 1970, perdurando por quase quatro décadas. No Brasil, no período compreendido entre os anos de 1838 a 1977, a história de *Madre Agathe Verhelle* não constava dentre os critérios de formação inicial das jovens que entravam no Instituto das Religiosas da Instrução Cristã. A distância cultural, territorial e linguística entre Brasil e Bélgica dificultava o acesso das irmãs aos escritos originais sobre a fundadora e a sua congregação. Só a partir de 1977, é que uma Madre belga, *Me. Celina Paelinck*, dado o interesse manifestado pelas suas irmãs brasileiras em conhecer a vida e a obra de *Madre Agathe Verhelle*, decidiu aceder ao ensejo das irmãs, que queriam saber quem foi *Madre Agathe Verhelle*, como ela dedicava sua vida ao seu Instituto, desempenhava seu carisma frente aos acontecimentos da vida comunitária e do mundo, enquanto testemunho vivo da palavra de Deus.

Envolvida por tais emoções, decide investigar e dar a conhecer o coração daquela que foi toda amor e não poupou esforços e ânimo para realizar a vontade e o projeto de amor de Deus, que a chamava desde criança, e que só mais tarde entenderia a razão da força que a levou a não desistir, superando os momentos difíceis que surgiram na sua caminhada.

Envolvida por tal espiritualidade, *Me. Celina Paelinck* embarca na grande aventura da descoberta, da tradução e da compilação da primeira edição dos escritos espirituais de Madre Agathe, extraída das cartas às postulantes, às religiosas, às alunas; das conferências às “suas filhas”; das notas pessoais de alguns retiros e meditações. Na tentativa de a fazer reviver aos olhos das “suas filhas”, e da juventude que tanto amou, consagrando-se inteiramente ao Evangelho e a Igreja³.

³ Cf. Mère Celina Paelinck. MAV, *Escritos Espirituais Madre Agathe Verhelle*, 1977, 3.

Desde então, os esforços não pararam, outras irmãs investiram na pesquisa e na tradução dos documentos históricos da fundação do Instituto e da história de *Madre Agathe*, a fim de encontrar os traços de um rosto, que ainda não estava definido para as irmãs.

Foram as pesquisas, as traduções e escritos de Me. Celina, Ir. Janne Marie, Soer Monique Califice, Me. Paula Van Lantschoot e do Cónego Simenon que possibilitaram um conhecimento mais profundo de Madre Agathe nas diversas vertentes.

Mais que recuperar a imagem de Madre Agathe, foi o resgate de suas significações e as marcas de cada uma das suas conquistas, possibilitando que suas “filhas” fossem tocadas por cada um dos seus ensinamentos e que passassem a olhá-la com os olhos do coração. Várias foram as fontes que possibilitaram transmitir as características tão marcantes de *Madre Agathe*. Desde então, não tardou que, no Brasil, tão importante personalidade tivesse sua vida e obra propagadas por escritos, poemas, músicas, peças de teatro, criados pelas religiosas mais jovens como forma de perpetuar a presença e os ensinamentos desta mulher, modelo de santidade e de Orientação religiosa

1.1.1 MADRE AGATHE VERHELLE

Madre Agathe Verhelle é seu nome religioso. Nasceu em 23 de fevereiro de 1786, na cidade de Bruges, na Bélgica, com o nome civil de *Agnès Marguerite Verhelle*, numa época muito conturbada devido a fatores sociopolíticos. O futuro território belga passava por um difícil momento de transição: o fim do Antigo regime Imperial Romano-Germânico que tinha como característica a pertença comum de toda a região, a onnipresença do catolicismo como Religião do Estado, desde 380, sob o Reinado de Teodósio, Imperador Romano. Com a queda surgiu «uma sociedade pré-industrial que predominava sobre a rural»⁴. O futuro território belga sofreu um grande abalo, principalmente na vivência da fé das pessoas.

Não obstante estas dificuldades, a pequena Inês Margarida foi educada no seio familiar de forma profundamente cristã, católica. Seus pais – *François Verhelle e Charlotte Marie Van den Bussche* – cuidaram de batizá-la no dia seguinte ao seu nascimento, na Igreja de São Donato, próxima à propriedade da família conhecida por “De Hoorn.”

Muitas vezes, os pais da pequena *Agnès*, confiavam-na aos cuidados de uma tia muito piedosa que muito contribuiu na formação da sua fé. Deus tem os seus desígnios. Desde os primeiros dias de vida, Inês teve presente à ação do Senhor que já orientava os propósitos de

⁴ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*. Liège: DIC, Liège, 2015, 19.

sua vida. Ela encontrou graça diante do Divino Mestre por quem se apaixonou para sempre. Um dia, enquanto rezava, deu consigo a questionar-se: «Porque, disse ela, não posso mentir, não sei se amo o bom Deus mais do que a todas as coisas... Amo tanto meus pais!»⁵.

O Cônego Simenon convida-nos a contemplar a “personalidade eminente” de *Madre Agathe*. Ela «foi verdadeiramente o instrumento de Deus na vida da congregação. Quando tudo parecia perdido, ressuscitou e restaurou a sociedade»⁶. Desde criança, apresentou sinais de clara observância à presença e ação do Divino Mestre na sua vida.

Em 1793, quando a pequena *Agnès* nasceu «o país caiu sob o domínio francês, e a maior parte das Instituições de ensino foram destruídas»⁷. Portanto, não é possível informar como e em que escola a menina Inês teve sua instrução primária. O país vivia um período conturbado sob uma convulsão político-social, marcada pela perseguição à Igreja católica que abalou profundamente as estruturas familiares, religiosas e culturais.

Perante este conturbado contexto e insuficiência de meios adequados e suficientes de ensino, a jovem Inês, com uma vontade forte, adquiriu por si própria, uma sólida educação⁸ que, no futuro, haveria de constituir um forte alicerce para a fiel realização dos planos de Deus. «Tendo ouvido o chamamento Divino que a convidava a renunciar ao mundo, *Agnès Verhelle* não hesitou em segui-lo»⁹, enfrentando inúmeras dificuldades na caminhada para a realização da vontade de Deus.

Tentou entrar em duas congregações: Nas *Damas Inglesas*, que viviam em Bruges, mas que só aceitavam jovens de famílias inglesas; nas *Trapistas de Laval* na França, mas sem êxito. Foi então que ela compreendeu que realizar a vontade de Deus na sua vida não era tão fácil. Que realizar o apelo Divino ao seu coração requeria paciência e perseverança.

Em 1809, quando Inês soube da criação do estabelecimento das *Damas da Instrução Cristã* em Gand, identificou esta realização como sinal do Divino, a apontar o caminho para onde devia seguir. À época, Inês já não era uma criança, tinha 23 anos de idade, mas não pôde tratar de imediato da sua entrada nas *Damas Cristãs*, dada a oposição declarada dos pais, durante seis anos, colocando à prova a sua vocação, o que a levou a declarar:

⁵ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, Recife: Bagaço, 2003, 27.

⁶ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 25.

⁷ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 27.

⁸ Cf. Irmã Giovanna (Revisora), *A Reverenda Madre Agathe Verhelle, Fundadora do Instituto das Damas da Instrução Cristã 1786-1838*, Recife: Bagaço, 2003, 08.

⁹ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 27.

Todas as pessoas que me cercavam procuravam estimular cada vez mais a minha sensibilidade, esperando ver-me mudar de resolução. O temor de jamais poder consagrar-me ao Deus que me chamava tão misericordiosamente levou-me, durante seis anos, a empregar todos os meios de abalar o céu e obter, assim, à força de austeridade e de oração, o que os homens me recusavam tão obstinadamente¹⁰.

A jovem *Agnès* persistiu, durante seis anos no ideal de tornar-se religiosa, enfrentando a oposição frontal de sua família. Estas provações fortaleceram-na, dando-lhe oportunidade de lapidar o seu ser. A força, a austeridade e a oração acompanharam-na até ao momento em que Deus lhe reservava no futuro bem próximo: ser um testemunho impressionante para quantos a rodeavam.

Sua confiança está no céu e nos que nele habitam. É então que, «Em 18 de julho de 1815, com 29 anos, pode entrar no convento de Dooresele»¹¹ sigilosamente, escondida dos seus pais, sendo admitida ao noviciado e recebendo o nome de Agathe. Pronunciou os votos em 10 de outubro de 1816 e, no dia seguinte, foi enviada à comunidade da cidade de Audenarde. É, então, que começa a sua missão de educadora, com «fidelidade, exatidão, competência, q conquistando a estima das alunas e a confiança de sua superiora Madame de Peneranda»¹².

Seis anos mais tarde, em 1822, é informada das dificuldades que vão levar as comunidades de Dooresele e Audenarde a uma separação. Ocorre que Agathe Verhelle, mais do que ser uma mera ouvinte das dificuldades, ou de resumir sua atuação como conselheira de sua madre Peneranda, passa a ser sinal de esperança, mesmo diante do encerramento e da transformação em escombros de um instituto destruído pela perseguição política. Esta provação foi só o começo da missão que Deus para ela reservava.

Com a dominação feita pelos Franceses e Holandeses protestantes, as instituições católicas, na Bélgica, desmoronaram, dentre elas, a instituição das Damas da Instrução Cristã, que encerrou em 7 de julho de 1822. Inquieta e movida pelos apelos do Senhor ao seu coração, depois que o rei Guilherme I da Holanda fechou definitivamente a congregação em 1823, Madre Agathe não se deu por vencida e incansavelmente lançou mão de todos os meios para reanimar e convencer suas coirmãs, que voltaram para suas casas, a regressarem ao percurso interrompido, tentando ganhar a confiança dos governos civis e diocesanos, para fundar uma nova Instituição, preservando o nome da instituição extinta que, até aos dias de

¹⁰ Me. Paula Van Lantschoot (Revisora); Suer Monique Califice, *Madre Agathe Verhelle: Uma semente que germinou*, Fortaleza: OfinArtes, 2003, 13.

¹¹ Irmã Giovanna (Revisora), *A Reverenda Madre Agathe Verhelle, Fundadora do Instituto das Damas da Instrução Cristã 1786-1838*, 11.

¹² Mère Celina Paelinck. MAV, *Escritos espirituais Madre Agathe Verhelle*, 07.

hoje, continua a existir com uma pequena alteração, passando a designar-se por Instituto das Religiosas (Damas) da Instrução Cristã¹³ de que mais adiante falaremos mais pormenorizadamente.

Suas seguidoras têm em Madre Agathe um modelo de força, coragem, dedicação e amor, como o comprova a expressão da Ir. Miriam Vieira insistentemente repetida para as novas gerações do Instituto: «Filha de Madre Agathe não é covarde!» Lema que a canção a ela dedicada consagrou: «Madre Agathe era alguém que por Deus tudo deixou. Sacrificar-nos e consagrar-nos à juventude seu testamento deixou». Este é o seu legado, para suas queridas e amadas irmãs, do passado, do presente e do futuro.

A vida de Madre Agathe foi um longo e aventuroso êxodo de idas e vindas, sem nunca se deixar abater pelas dificuldades, sempre iluminada e encorajada pelo Espírito Santo.

1.2. O CONTEXTO HISTÓRICO DA FUNDAÇÃO DA CONGREGAÇÃO DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

Deus, na sua infinita bondade, realiza seus desígnios, mediante a sua elevada economia Divina; governa os homens e as coisas, suspende as leis naturais, mas normalmente limita-se a dirigir os acontecimentos. Deixa-os seguir o seu percurso normalmente para, no fim atingir «a meta fixada pela Divina sabedoria»¹⁴. Foi o que aconteceu ao Instituto das RIC nos seus quase duzentos anos de existência.

Segundo o Cónego Simenon, três acontecimentos importantes marcam a história existencial do Instituto: O estabelecimento de uma comunidade religiosa com o nome Damas da Instrução Cristã, na antiga Abadia de Dooresele, em Gandna Bélgica. A separação dessa casa daquela que, em França, tinha o mesmo nome; enfim, a supressão da referida Casa pelo governo Holandês¹⁵.

Entre os anos de 1780 e 1830, a Bélgica sofreu transformações significativas na vivência social, política, económica e religiosa. A competição económica pelas novas rotas comerciais e o início da Revolução Industrial desestabilizaram um império outrora inabalável.

¹³ No capítulo geral da congregação de 2010, as irmãs capitulares por voto secreto decidiram tirar o nome Damas e substituíram o mesmo pelo nome de Religiosas. Por acreditar que a palavra Damas não se adequava para as realidades não europeias dos Continentes: Africano e da América Latina. Embora nem todas irmãs concordem com a mudança pela questão histórica que o nome envolve.

¹⁴ Irmã Alina Leal da Câmara, traduzido por Irmã Jaeanne Marie Rodrigues, *Madre Loyola Steyart, Missionária e Educadora*, Fortaleza: OfinArtes, 1996, 07.

¹⁵ Cf. Cónego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 05.

É o início da desarmonia que acometeu o país por um longo período da sua história, durante o qual foram desencadeados três grandes movimentos que tiveram influência no que a Bélgica viria a ser: a centralização administrativa, a industrialização e a laicização da sociedade¹⁶. Com a revolução política, a soberania de Deus é substituída pela soberania do povo, causando com isso «a separação da Igreja do Estado. Por sua vez, a revolução industrial incentivou a cidade a custear a salvação em termos de eficiência produtiva, de segurança material e de centralização económica»¹⁷, seguindo as origens espirituais do capitalismo de Max Weber, vivida na doutrina calvinista da predestinação que leva ao asceticismo moral, favorável ao trabalho produtivo e contínuo, à economia e à ciência experimental.

Segundo Califice, «esta nova configuração social, no mesmo instante em que faz surgir a ideologia do progresso e da Razão, cria com ela uma nova entidade sociológica: o proletariado e uma nova onda social: o pauperismo»¹⁸. Marcada pelo pensamento filosófico do iluminismo que anuncia como novo a secularização do mundo.

Jean Claude Guillebaud, no livro *La tyrannie du plaisir*, afirma:

Muitos esqueceram que o tema progresso que governa nossa história desde o Iluminismo, não era outra coisa senão a laicização da ideia judeo-cristã de salvação. Seu fundamento original é religioso antes de ser científico e ideológico (...). Procedia de uma interpretação judeo-cristã do tempo: o tempo definido como uma flecha orientada para oposição ao tempo cíclico ou circular das culturas pagãs. O progresso humano (...) bem antes de ser uma noção científica ou histórica, se inscreve numa visão cristã de uma história de salvação, de uma história orientada por um sentido superior, de uma aventura da alma sensível no mundo. Foi apenas lentamente, ao longo dos séculos (...) que essa ideia deixou a interioridade da alma em marcha para o Céu, para ganhar a exterioridade do mundo material¹⁹.

Com o desaparecimento progressivo do Antigo regime, os cristãos e a Igreja passaram por momentos de desconforto e de perseguição. Bispos e padres que não apoiaram as mudanças da constituição civil do clero, assinada por Luís XVI em 12 de julho de 1790, «que impunha a reestruturação das dioceses e paróquias, assim como a eleição de bispos e de padres pelos leigos»²⁰, causou um verdadeiro cisma interno e externo na Igreja: De um lado, os bispos e padres que apoiavam as decisões do Estado chamados juramentados, do outro, os

¹⁶ Cf. Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 20.

¹⁷ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 20.

¹⁸ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 20.

¹⁹ Jean Claude Guillebaud, *La tyrannie du Plaisir*. Saint-Amand: Seuil, 1998, 391-392.

²⁰ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 21.

refratários que não juravam obediência que eram penalizados e perdiam suas remunerações estatais.

A Igreja e as ordens religiosas foram obrigadas a colocar os seus bens à disposição do Estado, sem qualquer indemnização. Alguns bispos e padres não juramentados tiveram que se refugiarem noutros países por «ocasião da criação do estado civil, no dia 20 de setembro de 1792»²¹. Este período de perseguição à Igreja e às instituições a ela ligadas, como congregações religiosas e seminários, atingiu gravemente os cristãos e os seus líderes religiosos, causando-lhes grandes sofrimentos.

Quando a Bélgica, em 1793, caíra sob o domínio francês, a maioria das suas Instituições de ensino ruíra completamente. A forma como a instrução era levada em consideração pela revolução napoleónica sem a presença dos religiosos até o regime holandês revelava, mediante o sistema de ensino, qual era o projeto de sociedade que queria implantar. Segundo Carlos Verdete:

Ao negar a importância da fé e da Revelação, e ao absolutizar como única via do conhecimento a razão, o Iluminismo colocou os pressupostos da laicidade, que a Revolução Francesa haveria de consignar constitucionalmente. Foi nova a situação que o século XIX colocou à Igreja²².

Desconsideraram a importância imprescindível da Igreja Católica na educação das crianças e jovens e a sua contribuição para o bem-comum²³, ao longo dos tempos, passando assim, a instrução académica e educacional para a responsabilidade do poder político, o que gerou grandes tensões e conflitos com a sociedade, que preferia as instituições de ensino administradas pela igreja às escolas estatais.

Afirma Califice:

as cidades se opunham, se bem que passivamente, às ordens vindas dos chefes das comarcas, e o povo, desconfiado, não via utilidade em modificar seus hábitos, não queriam outra escola. Tudo isso levou, num primeiro momento, ao fracasso da administração republicana na sua vontade de popularizar a escola sem Deus²⁴.

A história das Religiosas da Instrução Cristã é um sinal da resistência de Deus à opressão do povo pela Revolução Industrial e política com suas ideias Iluministas e anticlericalistas, conducentes a perseguições veementes à Igreja e às Ordens religiosas

²¹ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 14.

²² Carlos Verdete, *História da Igreja II, do cisma do Oriente (1054) até o fim do século XIX*, Lisboa: PAULUS Editora, 2009, 6.

²³ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 14.

²⁴ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 15.

impedidas de se dedicarem à educação e aos doentes. A República estava consciente e reconhecia a sua carência na área da educação.

Os governos republicanos reconheciam a importância da grande responsabilidade da Igreja nesta região, na área do ensino da língua, da matemática básica e da espiritualidade para crianças²⁵.

Rapidamente o direito dado às Igrejas pelo Antigo regime de educar jovens e crianças, lhes foi retirado. A República interdita, por decreto, em 1797, as escolas religiosas, demonstrando uma grande e violenta resistência ao catolicismo, desconsiderando todo o bem e contribuição da Igreja para a construção e organização da sociedade por meio da educação na Bélgica e no mundo, tornando o ensino “absolutamente público” que se ocupou mais especificamente da educação dos meninos, deixando de se responsabilizar pela educação das meninas. Foi neste momento histórico, que madre Agathe nasceu. Por isso, Padre Simenon, no seu livro, destaca que não sabe onde a menina Inês Margarida foi alfabetizada e onde adquiriu tamanha sabedoria²⁶.

Vemos aqui Deus a preparar o caminho existencial do Instituto das Religiosas da Instrução Cristã que nasce com o nome de outro Instituto já extinto, para se dedicar à educação das jovens, dado que a política educacional vigente apenas se preocupava com a educação dos jovens.

É nesse contexto que surge o *Instituto das Damas da Instrução Cristã*, na França, com o padre Varin e um grupo de irmãs que fizeram a sua consagração ao Coração de Jesus, na Capela dos Padres da Fé, em 21 de novembro de 1800, realizando o sonho de seu amigo e companheiro de missão, padre Torneli, de fundar uma sociedade religiosa feminina. Cinco anos após a convenção aprovar por voto, em 21 de fevereiro de 1795, a liberdade de culto. Anos mais tarde, em 1801, Napoleão conclui um acordo com a Santa Sé²⁷, visando à restauração da Igreja Católica na França e nos países da pós-revolução. Esta abertura não elegia o catolicismo religião do país, mas concedia aos católicos a liberdade de professar a sua fé, contanto que respeitasse a religião oficial, o protestantismo.

No desejo de fazer a vontade de Deus e realizar a missão que lhes fora confiada, a pequena comunidade do padre Varin, se dirigiu à cidade de «Amiens, onde retomou um

²⁵ Cf. Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 15.

²⁶ Cf. Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 27.

²⁷ Cf. Carlos Verdete, *História da Igreja, Do cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX*, Vol. II, Lisboa: Editora Paulus, 2009, 105.

pensionato dirigido até aquele momento por uma antiga monja, Madame Hyacinthe Devaux»²⁸.

Sabendo da existência e do bom resultado da missão da nova congregação, o prelado-príncipe, Maurício de Broglie, após ter tomado posse da Diocese de Gand, na Bélgica, em dezembro de 1807, desejando ter na sua cidade episcopal um colégio para as jovens, convidou a Comunidade de Amiens para a sua Diocese, a fim de realizar os seus intentos. O grupo de Religiosas francesas, cinco Madres e algumas irmãs coadjutoras, denominadas *Damas da instrução Cristã*, partiram de Amiens para a antiga abadia cisterciense de Dooresele, onde se estabeleceram em maio de 1808, abrindo ali um colégio, sob a direção de uma irmã Belga chamada Madre Marie – Antoinette – Ghislaine de Peñaranda²⁹ com 21 anos de idade, nascida em Bruges, mas de origem espanhola.

A comunidade caracterizava-se pelo espírito de pobreza e despojamento. Quando Madre Barat, hoje pertencente ao catálogo dos Santos como Santa Madaeleine – Sophia Barat³⁰, visitou a comunidade, escreveu:

não posso dizer-vos até que ponto me sinto bem aqui, num quarto grande, mas com uma mesa nua, de madeira, e todo o resto harmonizado. A Igreja é soberba, mas todos os objetos do culto são emprestados. Deus seja Louvado!³¹

Em 1811, quando voltou à comunidade, elogiou-a por se sentir em família amável, a ponto de sentir-se com dificuldade de deixá-la.

Não passou muito tempo para o testemunho das irmãs recém-chegadas à cidade transpor os muros do convento, despertando a vocação à vida religiosa nas jovens belgas, que vieram reforçar a comunidade e o internato que recebia inúmeras alunas. Portanto, a casa tornava-se mais linda e florescente, dia após dia.

As irmãs são luzes que iluminam, que se sentem convidadas pelo Senhor faz ecoar a sua Palavra: «Assim deve brilhar a vossa luz diante dos homens, para que, vendo as vossas boas obras, glorifiquem o vosso Pai que está nos Céus» (Mt 5,19). Elas entendem que ser luz não é ser o centro nem a pessoa mais importante, nem a que mais se nota, e compreendem que iluminar deve ser de maneira impercetível, eficaz e discreta, a exemplo de Jesus que veio para fazer a vontade do Pai e não a sua Própria vontade (Cf. Jo 6, 38-39).

²⁸ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 15.

²⁹ Cf. Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 07.

³⁰ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 06.

³¹ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 08.

Tudo parece correr bem no que respeita à realização da vontade do Senhor na nova congregação e sua missão. Mas, inevitavelmente as dificuldades surgiam, trazidas pelas circunstâncias políticas e «favorecidas pelas dificuldades internas pelas quais passava a jovem congregação religiosa, que deveria acontecer num futuro muito próximo»³². As relações entre as comunidades de Gand e Amiens começaram a sofrer alguns abalos, «provocados por Monsenhor Saint-Estève que se ocupava da redação das novas regras, defendendo uma estrutura do tipo mais monástico»³³. Padre Josphe Varin e Madre Barat não concordavam com a interferência do Abade Saint-Estève, por saberem que esta modificaria a identidade do novo Instituto, mas submetem-se sem guerrilha, por ele gozar da autoridade emanada do Santo Padre, dos Cardeais e da Corte de Luís XVIII, privilégio de que sabia usar e abusar. Cheio de si e prepotente escreve para Madre Barat: «Reze, sofra, tenha paciência e espere»³⁴. Esta imposição roubaria à Madre a tranquilidade e a capacidade de analisar profundamente as novas regras que supostamente o Monge redigira. Mas, na verdade, a primeira parte das novas regras não se afasta muito do espírito das do Instituto presente nos «sessenta artigos dos Estatutos Antigos a que ela não parava de se referir»³⁵.

Quando em 1812, Padre Varin e Madre Barat enviaram os novos estatutos para Gand, Madre Peñaranda responde que: «quanto a ela, sempre desejou viver sob a regra de Santo Inácio, que preferia afastar-se da sociedade a se conformar com normas nas quais não encontrava nada do que a havia atraído»³⁶. A fim de convencer a Madre Peñaranda a não separar-se da casa da França, foi-lhe enviado, mais tarde, outro Estatuto com algumas melhorias, mas ela e suas colaboradoras Belgas recusaram adotar qualquer mudança.

Como se não bastassem as discórdias internas vividas pela jovem congregação provenientes do desentendimento entre a casa da França e a comunidade de Doorisele, surge, após o «concílio de Paris em 1811, o desencadear de violências contra o bispo de Gand e contra os padres e seminaristas de sua diocese»³⁷ mercê da aversão dos católicos belgas à França. As dificuldades políticas provocadas pelo domínio francês, tiveram grande influência na história das Religiosas da Instrução Cristã, que será escrita no meio de várias complicações

³² Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 08.

³³ Califice Isabelle; *Séverine Janssen, Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 27.

³⁴ Califice Isabelle; *Séverine Janssen, Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 27.

³⁵ Califice Isabelle; *Séverine Janssen, Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 27.

³⁶ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 09.

³⁷ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 09.

enfrentadas por aquela, que, no futuro muito próximo, viria a ser a sua fundadora, a reverenda *Madre Agathe*.

A tirania religiosa de Napoleão e a brutalidade do governo francês contra o episcopado Belga deixara, na população de Gand, muitos traços de resistência, de aborrecimento e antipatia contra a França.

Com a queda da soberania napoleónica, em Dezembro de 1814, o povo belga liberta-se do jugo francês. A cidade de Gand vibra de alegria por assistir ao regresso triunfante do seu bispo, Monsenhor de Broglie, exilado desde 1811, mercê da sua oposição à tirania religiosa de Napoleão.

Neste contexto, torna-se difícil um Instituto de origem francesa permanecer na cidade de Gand. Madre Peñaranda estava ciente dos problemas que enfrentaria se continuassem ligadas à fundação da França.

Segundo Califice, para Madame de Peñaranda a situação era muito difícil, recairia sobre ela a responsabilidade de uma decisão exigida pelo povo e pelas autoridades da Igreja local. Apercebeu-se que «não podia continuar a obedecer a uma superiora geral francesa. Mas uma decisão implicaria, pensava ela, romper com os seus concidadãos e com a sua sensibilidade»³⁸. pois ficar significava partilhar das ideias dos seus irmãos patriotas.

Para a Comunidade de Dooriselle, em Gand, desde então, ficou difícil manter-se sob a influência da comunidade de Amiens. «Ficou tão perigoso que o bispo não trabalhava no sentido de uma verdadeira harmonia»³⁹ entre as duas comunidades, mas apoiou a Madre Peñaranda na decisão de ruptura da comunidade de Gand com a Comunidade de Amiens. Portanto, no mês de Dezembro de 1814, as religiosas francesas que faziam parte da comunidade de Doorisele voltaram para a França, «enquanto as belgas e a madre Peñaranda permaneceram em Gand»⁴⁰, sob a aprovação das autoridades diocesanas.

Um escrito que sustenta a tese de uma iniciativa episcopal no ato de separação das duas comunidades é o de Monsenhor Baunard, que dizia: «Por decisão episcopal, Dooresele

³⁸ Califice Isabelle; *Séverine Janssen, Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 39.

³⁹ Califice Isabelle; *Séverine Janssen, Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 39.

⁴⁰ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 10.

separou-se da Sociedade estabelecida em França»⁴¹. Também politicamente, em 1815, após a batalha de Waterloo, a Bélgica se separa da França, ficando integrada nos Países Baixos.

Depois que as religiosas francesas estabelecidas em Gand voltaram para Amiens, em dezembro de 1814, assumiram, em 1816, a denominação de Damas do Sagrado Coração, enquanto as religiosas belgas, que moravam em Dooresele, continuaram com o nome de Damas da Instrução Cristã e com a obra começada em 1808, sob a direção de Madame de Peñaranda que, em 1º de março de 1816, foi eleita superiora⁴².

Esse episódio constituiu uma experiência dolorosa para Mère Barat, para Mère Peñaranda e para Madame Agathe Verhelle que, mais tarde, se tornaria a restauradora de Dooresele e fundadora da nova congregação.

A história das RIC é feita de encontros e desencontros, superações e resistências, de êxitos e fracassos, mas nunca de derrota.

Madre *Agathe Verhelle* demonstra uma sensibilidade aos sinais reveladores da ação Divina nos acontecimentos da sua vida. «Logo que soube, em 1809, da existência de uma casa, em Gand, das Damas da Instrução Cristã, sentiu que Deus a esperava lá, em Dooresele. Nada poderá detê-la diante da estrada que se abre... nem os obstáculos exteriores»⁴³.

Deus e só Ele sabia o que lhe estava reservado num futuro muito próximo, fruto da ação do Espírito Santo no percurso de formação do Instituto que conhecemos até os dias de hoje. Como diz na canção: «Tudo começou há um tempo, lá na Bélgica».

Na comunidade belga, tudo estava a correr bem. As feridas causadas pela separação iam sendo sanadas, «o número de religiosas crescia, faziam votos de pobreza, de castidade e de obediência, seguindo a Regra, e usavam o hábito primitivamente adotado em Amiens, tinham o ofício do coro e dedicavam-se à educação das jovens»⁴⁴. A comunidade, adaptando-se às mudanças políticas decorrentes da queda de Napoleão, tornara-se totalmente belga. Seus membros, embora privados de regulamentos estáveis e aprovados, levam uma vida piedosa, e seu maior desejo era dedicar-se à grande obra da Educação.

Mas não podiam esquecer o facto de que, para um novo começo, elas precisavam de novas regras que seriam submetidas à aprovação das autoridades eclesiásticas, pois as que as

⁴¹ Mosenhor Baurarde, *Histoire de la Vénérable Mère Madeleine-Sophie Barat*, Paris: 1900, 173.

⁴² Cf. Califice Isabelle; *Séverine Janssen, Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 40.

⁴³ Mère Celina Paelinck. MAV, *Escritos espirituais Madre Agathe Verhelle*, 06.

⁴⁴ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 11.

orientavam eram os nove artigos que, «em 1807, tinham sido apresentados para a aprovação do governo imperial, sendo apenas um resumo rudimentar das verdadeiras regras que se observavam»⁴⁵. O bispo e o seu vigário geral M. J. Le Surre, em 1815, com zelo de pastores, «convenceram Madre Peñaranda a redigir uma regra definitiva que eles pudessem aprovar»⁴⁶. Assim se fez: «Para atender às diretrizes da Igreja de Gand, Madame de Peneiranda apresenta uma regra em que alguns artigos reforçam o poder da superiora, à custa da autoridade episcopal, recusando-se fazer as emendas solicitadas»⁴⁷.

É claro que estas regras foram rejeitadas pelo Vigário-geral que tentou esclarecer a superiora da necessária ligação com a Igreja local, mas ela recusou obstinadamente submeter-se às mudanças, provocando assim a autoridade do Vigário que quis empregar medidas de rigor, o que teria ocorrido, se não fosse a intervenção de seu colega, o Vigário-geral Goethals⁴⁸. A partir deste acontecimento, foram cortadas as relações entre as autoridades eclesiais e a comunidade de Dooresele. Preferiram caminhar sozinhas sem o apoio do seu Bispo que sofreu com isso, pois esperava manter uma boa ligação com a congregação.

Neste mesmo ano de 1815, entrara no Instituto «aos 29 anos Agnés, animada por Monsenhor de Bloglie»⁴⁹. No meio dos conflitos políticos vividos pela congregação, ela recebe a sua formação, mas só depois da sua admissão à profissão religiosa, em 1816, quando é enviada para Audenarde, sua nova moradia, é que tem conhecimento de toda a problemática vivida pelo Instituto, «com os vigários Capitulares da Diocese e com o governo Holandês»⁵⁰.

Após a Bélgica passar a pertencer aos países baixos, depois da derrota de Napoleão em Waterloo, o país passara a ser governado pela autoridade Holandesa de Guilherme I que, em 1819, pediu «às comunidades religiosas que se dedicavam à educação da juventude, lhe submetessem seus estatutos; as que negligenciassem assim proceder seriam suprimidas»⁵¹.

Segundo Calífice, o rei, de confissão protestante, e seu governo, inquietam-se e «exasperam em virtude do aumento do poder e da influência do ensino organizado pelo clero, o que provocou uma autêntica caça aos “inimigos internos”: deportações (entre outras a de

⁴⁵ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 12-13.

⁴⁶ Na realidade, Madre de Penaranda governava segundo os Estatutos gerais em sessenta artigos, que ela havia trazido de Amiens, mas que não havia submetido ao bispo de Gand. (Tese de L. J. de Charry, P. 657). L. J. de Charry, P. 657, citado por Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 10.

⁴⁷ Mère Celina Paelinck. MAV, *Escritos espirituais Madre Agathe Verhelle*, 07.

⁴⁸ Cf. Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 13.

⁴⁹ Me. Paula Van Lantschoot; Suer Monique Calífice, *Madre Agathe Verhelle: Uma semente que germinou*, 14.

⁵⁰ Me. Paula Van Lantschoot; Suer Monique Calífice, *Madre Agathe Verhelle: Uma semente que germinou*, 15.

⁵¹ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 14.

Monsenhor de Broglie, em 1817, que faleceu logo no exílio), exigência formal para que as congregações se submetam estatutariamente à aprovação real»⁵².

Na ocasião, Madre Peñaranda recusou-se, por encontrar incompatibilidades entre suas obrigações religiosas e as recentes leis do Estado, no que toca ao ensino, e não aceitou submeter às regras do instituto à aprovação do poder civil. Esta seria uma das duas causas que justifica a resistência da Madre Peñaranda, a outra seria a alegação que sua companhia não era uma Sociedade Religiosa porque não tinha Constituições aprovadas pela autoridade eclesiástica.

Temendo as consequências desta recusa que, no momento, não se justificaria, «os vigários gerais tentaram fazê-la mudar de opinião, aconselhando-a a submeter à aprovação real os nove artigos primitivos. Todos os esforços foram inúteis. Chegaram mesmo a pedir ao governo holandês que a casa de Dooresele fosse poupada, mas em vão»⁵³.

Madre Peñaranda não esperava que o governo holandês tomasse uma decisão tão drástica. Não esperou muito que Guilherme I emitisse, em 7 de julho de 1822, um decreto que «proclamou a dissolução da Congregação das Damas da Instrução Cristã»⁵⁴. Por não chegar a um consenso, em 17 de julho de 1822, o prefeito de Gand manda executar o Decreto de Dissolução das Damas da Instrução Cristã, dando o prazo de 15 dias para que as religiosas e as alunas deixassem o convento e voltassem para as suas famílias. O mesmo aconteceu com a casa de Audenarde, declarada encerrada no dia 31 de julho, pondo, deste modo, termo ao Instituto da Instrução Cristã. Infelizmente o temido pelos vigários e por Madre Agathe aconteceu! Ela, que em Audenarde, quando tomara conhecimento, por sua superiora, das dificuldades que surgiram entre ela e as autoridades eclesiais e civis, tentou com insistência fazê-la perceber a importância de submeter às regras às autoridades eclesiais.

Os esforços e conselhos de Madre Agathe não foram ouvidos por Madre de Peñaranda que estava certa de que tomara a decisão correta. Quando deu por si, já não havia o que fazer. Embora tenha tentado correr atrás do prejuízo junto ao rei, junto ao ministro Fack e ao arcebispo de Malines, Monsenhor de Méan, não aceitaram sua obra para a educação das jovens. «Tentou até reconstruir sua comunidade nessa última cidade e entrar em acordo com

⁵² Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 26.

⁵³ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 14.

⁵⁴ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 14.

as autoridades religiosas e civis. Entretanto suas tentativas foram inúteis»⁵⁵. Madre de Peñaranda viu concretizar-se a profecia de Madre Barat que, em 1814 predissera: «O galho separado do tronco não pode criar raiz e não tardará a secar»⁵⁶. Não tendo mais o que fazer, Madre de Peñaranda e algumas irmãs voltaram para a congregação do Sacré Coeur de Madalena Sophie, na França, que, esquecendo o que se passou, as acolhe com alegria.

Este é o ponto final? Como ficam as sementes que foram semeadas nos corações e quem cuidará para que germinem, cresçam, desenvolvam, floresçam e dêem frutos? Deus teria falhado ao lançar a chama do seu Espírito nos corações belgas? A esperança morreu? - Não! A esperança não morreu! Nada do que Deus faz é ocasional, sempre há um propósito a atingir! Como diz um ditado popular: Deus escreve direito por linhas tortas.

1.3. A PERSEVERANÇA DE MADRE AGATHE E DE SUAS COMPANHEIRAS

O que parecia o fim era apenas o começo. Mesmo com a dissolução da congregação, as irmãs belgas não perderam a esperança. Ansiosas, por retornarem ao claustro, aguardavam a hora de Deus. Mesmo em seus lares ou em casas de amigos, não deixaram de alimentar o desejo de consagrar-se ao Senhor, conservando no íntimo de seus corações e na alma «a convicção de que a Providência lhes permitia reconstruir a obra primitiva»⁵⁷. Embora sofridas pela expulsão que as atingira, cuja causa a maioria ignorava, elas não desistiram de realizar o sonho que Deus plantara em seus corações, de doar-se inteiramente ao Seu Reino. Madre Agathe e as suas companheiras religiosas belgas passaram a protagonizar a característica de perseverança. Com a graça de Deus, não desistiram, mas insistiram em realizar o desejo do Senhor entre a juventude, com pertinência e constância.

Segundo o dicionário Infopédia, a perseverança nada mais é que o «ato de perseverar, de persistir em determinado comportamento ou opção»⁵⁸. Estas qualidades de perseverança; constância; firmeza são características marcantes de Madre Agathe. Sua capacidade de sustentação voluntária de uma atividade implicada por uma tarefa prolongada, minimiza a espera que não se prolongou por mais tempo. As irmãs reconhecem em Madre Agathe a sua

⁵⁵ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 15.

⁵⁶ Mosenhor Baurarde, *Histoire de la Vénérable Mère Madeleine-Sophie Barat*, Paris: 1900, 173.

⁵⁷ Irmã Giovanna (Revisora), *A Reverenda Madre Agathe Verhelle, Fundadora do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 12.

⁵⁸ *In: Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 2003-2020, acessado a 5 de maio de 2020, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/perseveranca>.

grande inteligência, perspicácia e vontade enérgica capaz de reunir e aproveitar o que ainda resta da antiga casa para levantar um novo edifício, sobre sólidos alicerces, uma nova construção que pudesse resistir à ação dos tempos. Ela acredita que aqueles que ouvem a palavra do Senhor e a põe em prática são semelhantes ao «homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha. Caiu a chuva, engrossaram os rios, sopraram os ventos contra aquela casa; mas ela não caiu porque estava fundada sobre a rocha» (Mateus 7, 24).

A obra não pode ser destruída pela fraqueza humana, mas, se é de Deus, deve continuar e expandir-se mais e mais nos corações dilacerados e ameaçados por aqueles para quem a religião é um obstáculo à sua ganância e poder. implantados pela Revolução Francesa.

Segundo o Papa Francisco, na sua carta encíclica,

muitos jovens preocupam-se com o seu corpo, procurando o desenvolvimento da força física ou da aparência. Outros inquietam-se, desejosos de desenvolver as suas capacidades e conhecimentos, sentindo-se mais seguros. Alguns apostam mais alto, tentando comprometer-se mais, procurando um desenvolvimento espiritual. Dizia São João: «Escrevo-vos, jovens, porque sois fortes, porque conservais a palavra de Deus» (1 Jo 2, 14)⁵⁹.

As religiosas sentem, como apelo do Senhor, o dever de se manterem perseverantes a ajudar os (as) jovens a procurarem Deus, e proporcionar-lhes o conhecimento da sua palavra, para que, conhecendo-o, procurem responder-lhe com a própria vida e, desta forma, cresçam na virtude. Segundo o Papa Francisco: «Isso torna fortes os corações dos jovens. Para isso, é necessário manter a ligação com Jesus, estar alinhados com Ele.»⁶⁰ Pois sem Jesus, o jovem não crescerá em felicidade e santidade.

Quando Madre Agathe e suas duas irmãs assistentes escreveram ao Papa Leão XIII, pedindo a aprovação da Regra, expressaram o desejo ardente de que, com o amor dos seus corações e a intensidade de suas almas, haviam de trabalhar para verem «aumentar o rebanho do Divino Pastor ou impedir que o lobo venha devastar ou dispersar o rebanho»⁶¹.

Com a decisão de Madre Peneranda de partir para a França e entrar na Congregação do Coração de Jesus, deixa sob a responsabilidade de «Agathe Verhelle a possibilidade de retomar a direção, como restauradora da comunidade de Dooresele e fundar o Instituto das Damas da Instrução Cristã»⁶². No meio das adversidades, Agathe permaneceu firme e,

⁵⁹ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Christus Vivit: Aos jovens e a todo o povo de Deus*, Lisboa: A. O. Lisboa, 2019, 82.

⁶⁰ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Christus Vivit: Aos jovens e a todo o povo de Deus*, 82.

⁶¹ *Constituições das Damas da Instrução Cristã*. 7

⁶² Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 43-44.

incentivada por suas coirmãs, fez vários requerimentos ao bispado, o primeiro dos quais, em 11 de outubro de 1822, no paço episcopal de Gand, onde encontrou o cônego Raepsaet, secretário da Cúria episcopal, que viria a ser seu conselheiro e um dos principais benfeitores, bem como o Vigário geral Goethals, admirador das eminentes virtudes de Madre Agathe, não cessando de estimular os seus esforços para a realização de seus planos⁶³. E, como as regras do Instituto tinham de ser aprovadas pelo governo, teve de contatá-lo por diversas vezes. Tantos foram os esforços de Agathe que sua saúde foi seriamente abalada. Tendo sido chamada à atenção pelo seu confessor pelos excessivos atos de penitência, Agathe respondeu:

Não foram as austeridades que arruinaram minha saúde, mas nossa infeliz supressão, após a qual senti o maior peso, por mil circunstâncias, cuja repetição se tornaria enfadonha; mas, sobretudo, pela confiança com que me honrou nossa antiga superiora, a veneração e a afeição que tive por ela e, sobretudo, por não conseguir revelar os erros nos quais eu a vi, apesar de tentar combatê-los. Se me restou, ainda, um pouco de domínio sobre mim, Monsenhor, eu o teria certamente perdido por ocasião dessa aflitiva separação, quando minha superiora e um grande número de minhas irmãs, todas muito queridas, partiram para a França e empregaram todos os meios para que eu as acompanhasse. Nesse momento, Monsenhor, perdi fôlego. Somente Deus me sustentou entre tantos problemas, contrariedades e reveses. Também lhe asseguro que, nesse momento, se eu não tivesse encontrado nos meus superiores eclesiásticos, verdadeiros pais, teria infalivelmente sucumbido⁶⁴.

De modo descontraído e leve acrescenta: «Atribua, por favor, Monsenhor, a todos esses acontecimentos a decadência de minha saúde e peça desculpa às minhas austeridades»⁶⁵.

Madre Agathe demonstra capacidade de sair do centro das atenções, não deixa que os acontecimentos que a fizeram sofrer, lhe atinjam o ânimo, mas alimenta a esperança que nunca abandona o seu coração. Ela confia tudo à gestão de Deus que lhe diz: «Eu nunca te deixarei, jamais te desampararei» (Hb 13,5). Agathe lança sobre Ele toda a sua ansiedade, porque ela acredita que Deus cuida dela e de suas irmãs e conseqüentemente da obra que a elas confia. Por isso, não desiste e continua a caminhar com passos firmes, de cabeça erguida e olhar voltado para o céu, onde se encontra o seu coração.

Madre Agathe cheia de confiança em Deus e animada por suas onze coirmãs que nela depositaram a responsabilidade de agir em seu nome, «em 26 de fevereiro de 1823, deram-lhe

⁶³ Cf. Irmã Giovanna (Revisora), *A Reverenda Madre Agathe Verhelle, Fundadora do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 13-14.

⁶⁴ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 31-32.

⁶⁵ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 32.

uma procuração geral para tratar de todos os negócios e, principalmente para tomar posse da casa de Dooresele»⁶⁶ e bens adquiridos como membros integrantes do antigo Instituto.

Seguindo os conselhos dos seus amigos vigários gerais e do governo da província, o conde de Lens, no dia 27 de fevereiro de 1823, Madre Agathe e suas assistentes dirigiram ao Rei o pedido de rever o decreto de 7 de julho de 1822; e ao mesmo tempo, submeteram à aprovação real os seis artigos dos «estatutos rudimentares, redigidos em língua neerlandesa»⁶⁷. Tal iniciativa foi vista pelo rei Guilherme I, como um ato de respeito à sua autoridade, amenizando a situação e levando-o a revogar o decreto de supressão, permitindo a reabertura das Casas que fechara. Nova luz surgia no horizonte. Faltava apenas reaver a casa de Dooresele e abri-la.

Com humildade e respeito, Madre Agathe informa e pede à sua antiga superiora para ceder o antigo convento, mas madre de Peñaranda dificulta discretamente as negociações, deixando sob a responsabilidade de seu irmão os acertos aquisitivos. Antes disso, os vigários gerais, em 14 de março de 1823, em reunião decidiram que Madre Agathe e suas quatro irmãs tomassem posse da Abadia de Dooresele⁶⁸. Quando lá chegaram, a casa estava vazia, toda a mobília se encontrava distribuída pelas casas de várias pessoas em Gand, em nome de Madre Peñaranda, que era a proprietária legal do imóvel⁶⁹. Até as chaves das portas foram levadas. Para reaver tudo o que pertencia à comunidade, foram provocadas situações de maneira a ocasionar grandes aborrecimentos e preocupações no coração de Madre Agathe, que necessitou da intervenção da polícia.

Para evitar mais aborrecimentos, foi dada uma procuração ao Monsenhor Louis Van den Bosche, no mês de abril de 1823, que se encarregou de «negociar a partilha dos imóveis e a aquisição definitiva do edifício»⁷⁰. Negociações que foram longas e difíceis, até que a antiga superiora se desvinculasse da propriedade, o que só foi possível mediante o pagamento de uma soma de 22.104,88 francos, em 10 de setembro de 1829.

Animadas pelo Espírito Santo e com o coração cheio de entusiasmo em fazer a vontade de Deus, a casa foi entregue, no dia 25 de março de 1823, com a presença do

⁶⁶ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 19.

⁶⁷ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 19-20.

⁶⁸ Cf. Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 20.

⁶⁹ Cf. A Madre de Peñaranda era a proprietária legal do imóvel e que, por ela e pelas Damas que haviam seguido para a França, poderiam pretender uma parte do mobiliário. Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 22.

⁷⁰ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 22.

monsenhor Raepsaet que celebrou discretamente a Eucaristia pela manhã, só para as irmãs, pois o decreto de supressão proibia fazer uso da capela para o Santo Sacrifício da Missa⁷¹. A alegre novidade da abertura da casa ultrapassou os muros do convento, chegando a várias irmãs dispersas depois da dissolução da congregação que, ao saberem da notícia, vieram neste mesmo dia juntar-se às suas companheiras de comunidade, pois sentiam a esperança florescer nos seus corações.

Durante a tarde, vieram ter com as irmãs representantes dos líderes locais: o ministro Goubau que veio acompanhado do governador da província, os vigários gerais e membros da Igreja, firmando assim o apoio do governo e da Igreja. Sem perder tempo, *Madre Agathe* e suas irmãs pediram ao Ministro Goubau que considerasse e permitisse o retorno das funções celebrativas da Igreja, o que lhes foi concedido, tendo as religiosas manifestado a sua alegria⁷². Para os governos civis e eclesiásticos era muito importante ter na sua cidade e diocese uma congregação dedicada à educação das jovens, pois esse tipo de instituição era raro na época.

A comunidade continuava a crescer, a ponto de, em 3 de abril de 1823, haver já 21 irmãs, doze madres e nove irmãs conversas. O número de irmãs possibilitou, em 23 de julho 1823, a reabertura das classes de aulas sob a orientação de *Madre Agathe*, que gozava de afeto e estima das famílias de Gand, que lhe confiavam suas filhas⁷³. É o espírito de fé e de zelo, de abnegação e simplicidade que anima *Madre Agathe* em todos os momentos de sua vida, quer na alegria, quer na tristeza. Tenta viver um dia de cada vez, distribuindo as suas próprias «preocupações por cada dia da semana» (cf. Mt 6,34). É assim que ela vai superando as dificuldades que lhe vão aparecendo ao longo da sua vida.

Madre Agathe testemunha com a vida a esperança que se encontra na profunda confiança em Deus que a ajuda e a fortalece. Confiando, ela espera em Deus sem desistir, certa de que as promessas se cumprirão. Pois diz o Senhor: «Eu conheço bem os desígnios que tenho acerca de vós, desígnios de prosperidade e não de calamidade, de vos garantir um futuro de esperança – oráculo do Senhor» (Jeremias 29, 11). *Madre Agathe* testemunhou a sua espera em Deus, mediante o trilhar de um caminho difícil, o que cativa suas coirmãs que, em 9 de abril, por unanimidade, a elegem superiora da congregação por três anos. Dias depois,

⁷¹ Cf. Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 45.

⁷² Me. Paula Van Lantschoot; Suer Monique Califice, *Madre Agathe Verhelle: Uma semente que germinou*, 22.

⁷³ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 45.

em 19 de abril de 1826, percebendo que ela fora a escolhida de Deus, as irmãs aclamam-na Superiora Geral vitalícia.

É o seu espírito de fé, o seu amor à Igreja e o seu desejo de ver o Instituto reconhecido como célula da Igreja que levam *Madre Agathe* a redigir de cor as constituições, uma vez que não dispunha dos textos das antigas regras, em 6 de agosto de 1826, para que a autoridade diocesana elevasse, ainda que a título de experiência, o Instituto das Religiosas da Instrução Cristã a uma Congregação Religiosa⁷⁴. *Madre Agathe* buscava seguir as orientações de São Paulo aos Romanos: «nos gloriamos também nas tribulações, sabendo que a tribulação produz a perseverança, a perseverança a virtude comprovada, a virtude comprovada a esperança. E a esperança não nos decepciona porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado». (Rom 5, 3-5). Tudo o que ela vive e sente é fruto dos seus sacrifícios e de suas orações, das súplicas e trabalhos e sobretudo, da sua fidelidade às luzes do Espírito Santo.

Como se não bastassem as antigas exigências que mal haviam sido resolvidas, o Governo holandês volta a implicar sobre a capacidade da comunidade nascente na matéria de instrução⁷⁵, exigindo, por sua parte, que as religiosas prestassem exame para certificar suas capacidades para o ensino. Graças à intervenção do Mosenhor de Raepsaeto, o júri aceitou deslocar-se a Dooresele, para aplicar o exame às irmãs. Quando lá chegaram, a primeira a submeter-se ao teste foi *Madre Agathe* que recebeu de uma só vez, tanto para si, como para todas as irmãs, a maior classificação. Como negar a predileção de Deus por *Madre Agathe*? É impossível negar à amada escolha de Deus a casa de Dooresele.

Madre Agathe caminha com passos firmes e acertados, mas tem a consciência de que deve ser sem pressa. Como diz um ditado português: «um passo de cada vez». Foi assim que ela viveu a sua missão, «passo a passo, com Jesus ao seu lado»⁷⁶.

Os apelos de Deus não param, Ele não se aquieta até ver realizada a sua obra. *Madre Agathe* sente em seu coração que a aprovação diocesana é muito importante, mas não o bastante para o que Deus sonha para elas, ainda lhes faltava adquirir aprovação de Sua Santidade, o Papa Leão XIII. A fim de tornar o Papa conhecedor da existência da

⁷⁴ Cf. Mère Celina Paelinck. MAV, *Escritos espirituais Madre Agathe Verhelle*, 8-9.

⁷⁵ Cônego Simonon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 23.

⁷⁶ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, Aprovado pelo Capítulo Geral de Flône em 25 de julho de 1980, Recife: 1980, artigo 27.º, 24.

congregação, da sua intenção e seus trabalhos, aos 12 de Setembro de 1826, *Madre Agathe* e suas irmãs, cheias de confiança, escreveram:

Estabelecidas pelo zelo do Monsenhor de Broglie, último bispo de Gand, na sua cidade episcopal, com o nome de Damas da Instrução Cristã, desfrutamos constantemente da proteção do clero diocesano, como também partilhamos seus sucessos e seus infortúnios. Nossa única finalidade e o mais sincero desejo de nossos corações é sacrificar-nos e consagrar-nos inteiramente à juventude... em toda a parte onde pudermos cooperar na propagação da glória do Senhor⁷⁷.

Diante do negacionismo da fé e da impiedade geradas pelo progresso, estas se comprometeram com o voto ardente em seus corações de se multiplicarem, a fim de proteger a juventude que se encontra cada vez mais exposta aos perigos que impendem sobre ela.

Madre Agathe e suas irmãs são sustentadas e encorajadas pelos bons católicos e pelo clero, pois acreditam na seriedade do desejo de Deus para as Religiosas da Instrução Cristã, que não se cansam de esperar a decisão do Santo Padre. É então que, a 10 de agosto de 1827, Sua Santidade Leão XIII, aprova, finalmente, a congregação com o selo pontifício.

A Sagrada Congregação da Santa Igreja Romana, propostos os trabalhos dos Bispos e regulares, sendo relator sua Eminência Bertazzoli, tendo visto o que era preciso ver e considerado o que tinha de ser pesado, julgou:

Que é preciso suplicar a Sua Santidade para aprovar a Sociedade e as Regras das Damas da Instrução Cristã, na cidade de Gand, com as observações propostas por sua Eminência o Relator". A relação de tudo que precede foi feita a Sua Santidade pelo Senhor Secretário, abaixo-assinado, na audiência do dia 10 do mês abaixo citado, sendo aprovados e confirmados todos os seus pontos. Roma, 3 de agosto de 1827. Assinado: G. CARD, ODESCALCHL, Prefeito. FORELIUS, Secretário da Congregação⁷⁸.

Agora, as irmãs, cheias de alegria, gozavam da aprovação e do bem-querer da Santa Sé e da cúria Diocesana. Parece que já não lhes falta mais nada!!! Não é verdade. Nem tudo que parece é. A missão sonhada por Deus para a jovem congregação só estava começando!

Havia que arregaçar as mangas, lançar as redes, não para pescar peixes, mas, para serem «pescadoras de homens» (Cf. Mt 4,19) e, mais precisamente, pescadoras de jovens. Atendendo ao chamamento do Divino Senhor, sua vida já não lhes pertencia; o convite foi o de viver com o Sagrado.

1.3.1. A ESPERANÇA E O AMOR EM SEUS CORAÇÕES: TESTEMUNHA O EVANGELHO VIVO

⁷⁷ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 7.

⁷⁸ Aprovação de Sua Santidade Leão XII. Vide Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 50.

Incansavelmente Madre Agathe e suas irmãs, trabalhavam com Deus, em Deus e para Deus, sem jamais almejar nada diferente do maior interesse de Deus. Consagradas a Ele no Instituto que acabara de ser reconhecido pela Igreja, expressam o desejo de viver n'Ele o sentido do martírio, do crucificar-se para o mundo e para o qual o mundo seja crucificado, ou seja, mortas para seus próprios interesses, para só viverem pela justiça que não está fundamentada nos medos pessoais, dos privilégios próprios ou das perseguições, mas que testemunham a nova vida que se dá no despojamento de suas afeições terrestres, para que se revestindo de Jesus Cristo, mostrem-se verdadeiras servas de Deus por seus trabalhos, pela austeridade de vida, correspondendo às luzes do Espírito Santo; para servirem ao Senhor na adversidade como na prosperidade, na honra como na abjeção, na infâmia como na boa reputação⁷⁹, «correndo a passos largos em direção da pátria celeste e para ela conduzindo tantos quantos puderem, sem jamais almejem outra coisa que o maior interesse de Deus»⁸⁰.

Logo, os testemunhos de Madre Agathe e de suas irmãs contagiaram a todos que presenciavam o espírito que elas viviam. A esperança, a fé e o amor em seus corações testemunham o Evangelho vivo, que em meio da desesperança, descrença e desamor, causados pela dominação francesa na Bélgica, as desafiaram neste país, como missão, a serem luz onde falta a luz, e deste modo, orientar o caminho a percorrer.

Como fala o Papa Francisco na sua Carta *Lúmen Fidei*: «quando falta a luz, tudo se torna confuso: é impossível distinguir o bem do mal, diferenciar a estrada que conduz à meta daquela que nos faz girar repetidamente em círculo, sem direção. Por isso, urge recuperar o carácter de luz que é próprio da fé, pois quando a sua chama se apaga, todas as outras luzes acabam também por perder o seu vigor»⁸¹. É essa luz da fé, que nasce do encontro com o Deus vivo, que fortalecera, iluminara e enchera de esperança Madre Agathe e suas irmãs diante das pedras mal niveladas dos desafios e dificuldades encontradas e que ainda encontrariam ao longo do caminho até a reafirmação missionária e existencial da Congregação.

A Sagrada Escritura, a Bíblia, fala que Deus tem planos bons para as vidas dos homens e mulheres que criou, que lhes dão esperança. No livro do profeta Jeremias o Senhor

⁷⁹ Para melhor clarificar a compreensão do significado das palavras utilizei os sinónimos em segundo plano: adversidade - contrariedades como na prosperidade - felicidade, na honra - aplausos como na abjeção - contestações, na infâmia - desonra como na boa reputação – fama.

In: *Dicionário infopédia da Língua Portuguesa*, Porto: Porto Editora, 2003-2020, acedido a 14 de setembro de 2020, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/perseveranca>.

⁸⁰ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 10.

⁸¹ Papa Francisco, *Carta Encíclica: Lúmen Fidei*. Lisboa: Editora Paulus, 2013, 09.

diz: «Sim, eu conheço os desígnios que formei a vosso respeito - oráculo de Iahweh -, são desígnios de paz e não de desgraça, para vos dar um futuro e uma esperança» (Jr 29,11). Quando o homem e a mulher passam por momentos de dificuldades, geralmente eles têm a esperança de que momentos assim não serão para sempre, Deus agirá e os livrará ou os ajudará a passar, com Ele, pelos sofrimentos, na harmonia e na paz. E no fim tem-se a esperança de viver para sempre com Deus, sem mais sofrimento nem tristeza.

Portanto, quem vive na esperança tem sempre a expectativa de que algo vai acontecer. É assim que Madre Agathe e suas coirmãs vivem, pois acreditam que aquilo que ainda não veem e que está no futuro que só pertence a Deus, vai acontecer. A carta de Paulo aos Romanos expressa o que é esperar na esperança. E diz assim: «Pois nossa salvação é objeto de esperança; e ver o que se espera já não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos» (Rm 8,24-25). A esperança e a fé estão ligadas, pois para todo cristão, Deus é a esperança porque Ele sempre cumpre o que promete.

Madre Agathe e suas irmãs viviam esta perspectiva da vivência da fé e da Esperança do Evangelho, que implica esperar, não de braços cruzados, mas caminhando, buscando, construindo e planejando segundo o sopro do Espírito (Cf. Jo 3,8). Elas acreditavam que algumas promessas de Deus podem levar tempo para se cumprirem, mas no seu tempo Ele as realizará por meio do Espírito que abrirá o caminho às coisas que vão acontecer (Cf. Jo 16,13). É essa esperança que alimenta a vontade das irmãs e de Madre Agathe, de irem além, e a prova disso é o fato de que, mesmo em meio a enormes dificuldades, não pararam de sonhar o sonho de Deus, plantado em seus corações, de propagar a glória do Senhor, não só na diocese de Gand, mas, ousara estenderem-se e empreenderem, sem reservas, na abertura de novas fundações em outras cidades e dioceses. A prova disso é que, no espaço de dez anos, abriram seis novas casas em: «Vracene, em 1827; Audenarde, em 1829; Bruges, no mesmo ano; Renaix, em 1832; Anvers, em 1834; Liège, em 1838»⁸². A maneira que Madre Agathe e as irmãs agiam testemunhava a confiança que elas tinham em Deus. Sabiam esperar com paciência, sem desistir, pelo tempo de Deus, até que Ele cumprisse as suas promessas.

As RIC, motivadas por Madre Agathe, buscavam testemunhar na vida, a vivência do verdadeiro espírito religioso, do amor a Deus, do amor ao próximo e da missão com a juventude. Elas viviam a confiança no Senhor, assim como os discípulos quando saíam para pregarem o Evangelho por toda a parte. Segundo o relato do Evangelho de São Marco: «O

82 Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 33.

Senhor os ajudava e confirmava no que eles diziam, realizando, por meio deles, sinais milagrosos» (Cf. Mc 16, 20). O testemunho de amor e doação dessas mulheres Religiosas, num contexto pós-revolução francesa, foi, para inúmeras jovens, um sinal de Deus, despertando em seus corações a vocação e o desejo de viver a vida consagrada como meio de doação total de suas vidas ao Divino Amor e ao serviço do Seu Reino, no novo Instituto. Desde então, a Congregação das RIC, como um novo alvorecer, despontou em crescimento, continuamente, jovens atraídas em viver o mesmo ideal não cessavam de procurar as irmãs⁸³.

As Irmãs RIC eram, naquele país fragmentado, sinais da beleza eterna de Deus. Segundo São João Paulo II, quando ainda era Papa, na exortação *Vita consecrata*: «A primeira tarefa da vida consagrada é tornar visíveis as maravilhas que Deus realiza na frágil humanidade das pessoas chamadas. Mais do que com as palavras, elas testemunham essas maravilhas com linguagem eloquente de uma existência transfigurada, capaz de suscitar a admiração do mundo»⁸⁴. Não para si mesmas, mas para Aquele que as chamou e as capacitou a propagar o reino de Deus ao mundo (cf. At 13, 32-33). Também a exortação *Perfectae caritatis*, com fecunda vivacidade intensifica:

Todos os religiosos, portanto, difundam no mundo inteiro a boa nova de Cristo, pela integridade da sua fé, caridade para com Deus e para com o próximo, amor à cruz e esperança da glória futura, a fim de que o seu testemunho seja visível a todos e glorificando o nosso Pai que está nos céus (cf. Mt 5,16)⁸⁵.

Aos Consagrados ao Senhor, preciso reconhecer que a missão que receberam é o prolongamento da missão do Mestre, e que é este o fundamento da sua vocação⁸⁶. O Ide e anunciai (cf. Mc 16,15), é o convite que os fundadores ouviram e transmitiram a outros irmãos e irmãs, que prontamente aderiram ao chamamento de Jesus; formaram comunidade e juntos puseram-se a caminho para enriquecerem «a terra com o Evangelho de Cristo, pondo-se na vanguarda da missão, perseverando “de todo coração» (cf. At 11, 23)”⁸⁷ com fervor e dinamismo.

Madre Agathe e suas irmãs assumem o compromisso com o evangelho, tomando-o como regra norteadora de suas vidas para que enviadas pelo Espírito Santo (At 13, 4) às

83 Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 33.

84 João Paulo II, *Exortação Apostólica Pós-sinodal Vita Consecrata*. n.º 20, 31.

85 *Concílio Ecuménico Vaticano II*, Decreto sobre a conveniente renovação da vida religiosa *Perfectae caritatis*, n.º 25. 185.

86 Cardeal de Aviz João Braz; J. Rodríguez Carballo, *Anunciai: Carta circular aos consagrados e consagradas, testemunhas do Evangelho entre os povos*, N.º 13, Lisboa: Paulus, 2016, 22.

87 Cardeal de Aviz João Braz; J. Rodríguez Carballo, *Anunciai: Carta circular aos consagrados e consagradas, testemunhas do Evangelho entre os povos*, N.º 13, 22.

diversas periferias existentes, a assim serem luz e alegria do próprio Evangelho (cf. Mt 5, 13-16). Para que, assumindo o mundo com o coração dirigido ao Senhor, proclamarem com a vida e com palavras «a Boa Notícia de Jesus, o Messias de Deus (cf. Mc 1,1), sinal de esperança para todos, especialmente para os pobres»⁸⁸.

O testemunho das pioneiras RIC foi de vidas doadas, plenas e fecundas, de total dedicação infatigável, próprio da vivência do ser consagrado e da disponibilidade à ação do Espírito Santo e do encarnar na vida a Sagrada Escritura. Vidas doadas, gastas, consumidas por amor, com amor, e para o Amor. «Se o grão de trigo, caído na terra morre, dá fruto ao centuplo». Porque «aquele que escuta a palavra dá muitos frutos». Este é o testemunho que ficou para as novas gerações do Instituto e que continua nutrindo as RIC nestes quase 200 anos de existência.

A história da Congregação das Religiosas da Instrução Cristã é permeada por força, persistência e devoção, fruto dos esforços, da oração e perseverança da sua fundadora, Madre Agathe, e de suas companheiras. Exemplos de mulheres que, abertas ao sopro do Espírito Santo, fizeram a diferença, escrevendo na sociedade e na Igreja, a história de fidelidade ao chamado do Senhor e ao carisma institucional. Testemunhos que resistiram ao tempo, nestes quase 200 anos de existência e que ainda hoje tocam o coração das jovens religiosas que se consagram no Instituto. Nascido na Bélgica, em meio às águas turbulentas da revolução Francesa, e do pós-revolução sob o domínio holandês protestante do Rei Guilherme I, até 1830, quando o país se tornou independente.

As irmãs, sob a orientação da jovem Madre Agathe Verhelle, dona de um espírito ousado e apaixonado, persistiram com zelo e amor, até que se fizesse a vontade de Deus: no ano de 1823, na cidade de Doorsele.

Desde então, desbravaram terras desconhecidas com a missão de propagar a Glória de Deus, através das sementes da fé e do Carisma Agatheano, sacrificando-se e consagrando-se pela juventude, em toda a parte onde o Senhor apelava. Com o coração repleto de esperança e com a força que a fé e a educação possuem, não se cansaram de ir além, para serem luz.

⁸⁸ Cardeal de Aviz João Braz; J. Rodríguez Carballo, *Anunciai: Carta circular aos consagrados e consagradas, testemunhas do Evangelho entre os povos*, N.º 13, 22

CAPÍTULO 2

O CARISMA DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

O capítulo anterior apresentou a história de *Madre Agathe* e do instituto que ela fundou na Bélgica, no meio de uma sociedade em transformação sócio - política, desorientada pela perseguição à Igreja, proveniente de ideais da Revolução Francesa.

Observou-se, ainda, que mesmo no contexto pós-revolução, desencadeado pela queda de Napoleão, o instituto fundado por *Madre Agathe* deu continuidade ao seguimento de Jesus, permanecendo aberto ao Espírito Santo e que, mesmo no meio de implicâncias e exigências, feitas por parte do governo protestante do Rei holandês, Guilherme I, às instituições de educação, persistiu na busca e reafirmação de seu carisma: «sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à juventude».

Madre Agathe e suas irmãs venceram os empecilhos que lhes surgiram com uma força divina, evidente a todos e sobretudo ao clero local, fazendo de suas vidas, testemunhos de perseverança e dedicação ao ideal da promoção da educação e mais especificamente, usando o termo daquela época, da “instrução” das jovens raparigas. Perseverantes na oração e abertas ao Espírito Santo, determinadas a realizar a vontade de Deus e indo sempre além do impensado, investiram todos os esforços para que as jovens tivessem acesso à educação e em especial à instrução cristã.

O objetivo deste segundo capítulo é investigar o Carisma das RIC que, em consonância com o Decreto e o requerimento das suas constituições, volta à fidelidade das intenções da fundadora no início da vida do Instituto. Procurar-se-á aprofundar as terminologias das palavras *Carisma* e *Instrução* nos diversos dicionários, documentos da Igreja e autores, teólogos, que falem sobre o sentido etimológico das duas palavras. E, assim, aprofundar o carisma das RIC, dentro da perspectiva de missão e evangelização da Igreja. O antigo/novo carisma das RIC: *sacrificar-se e consagrar-se à formação cristã dos Jovens* que estão cada vez mais expostos «aos progressos que fazem a irreligião e a impiedade», dando-lhes a conhecer as riquezas da fé.

2.1. CONCEITO DAS PALAVRAS CARISMA E INSTRUÇÃO

Para falar do Carisma das RIC, torna-se necessário proceder a uma análise do significado das duas palavras: *Carisma* e *Instrução*, expressões que dão às RIC a qualidade de

uma congregação e definem a particularidade da sua missão, dentre as demais congregações e institutos de vida consagrada da Igreja.

O carisma da Congregação das Religiosas da Instrução Cristã é compreendido como necessário à missão da Igreja Católica Apostólica Romana, para transmitir a Boa Nova do Evangelho a todos os povos; no caso das irmãs RIC, transmitir o evangelho à juventude em toda a parte, conforme as necessidades da Igreja.

Para mergulhar mais profundamente na beleza espiritual do carisma e missão das RIC, é necessário o esclarecimento e aprofundamento do sentido etimológico destas duas palavras que nos ajudarão a entender o sentido espiritual com que as irmãs viveram a sua missão de Instruir a juventude, a ponto de viverem com ousadia e doação sem medida o seu carisma de consagração e dedicação à juventude, contagiando muitas jovens que, ao longo do tempo, deram continuidade à existência da congregação, rompendo assim a cortina do tempo a quase 200 anos de existência.

Hoje, em pleno século XXI, há que descobrir o motivo pelo qual o Espírito Santo suscitou no coração daquelas irmãs o carisma de doação total à juventude, mediante a missão das RIC no século XIX.

2.1.1. CARISMA

O que é um carisma? Segundo o dicionário etimológico da língua portuguesa, o termo Carisma é uma «força divina conferida a uma pessoa. Do Latim Charisma-ātis, ‘dom, graça divina»⁸⁹. Deriva do grego «χάρισμα, χάρισματος (carisma), favor que alguém recebe sem qualquer mérito próprio, dom da graça divina, virtude ou dons que denotam poderes extraordinários que distinguem certos cristãos e os capacitam a servir a igreja de Cristo. A receção desses dons é fruto do poder da graça divina que opera sobre suas almas pelo Espírito Santo»⁹⁰.

Percebe-se, então, que o dicionário da língua portuguesa se refere a carisma como uma força divina que é conferida a uma pessoa, enquanto o dicionário grego, a um dom que alguém recebe sem qualquer mérito próprio, emanado da graça divina que opera sobre sua

⁸⁹ Antônio Geraldo da Cunha, *Dicionário etimológico da língua Portuguesa*, 4.^a edição, Rio de Janeiro: LEXIKON editora, 2010, 128.

⁹⁰ James Strong, *Dicionário Strong Hebraico-Aramaico-Grego*, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002, 1758.

alma pelo Espírito Santo. É Deus que escolhe quem vai receber o dom e qual a natureza e características desse dom oferecido em prol dos outros.

Portanto “carisma”, no sentido geral, é dom de Deus conferido gratuitamente a uma pessoa; é «graça, benefício de origem sobre-humana que privilegia um ser humano, qualidade marcante»⁹¹, em ordem à realização da vontade divina. Isso significa que a fonte do carisma não parte do esforço pessoal, mas sim da bondade de Deus, do seu amor gratuito *para quem* o recebe. Deus, na sua bondade, cumula os seus eleitos com os seus dons, com suas dádivas, necessárias à realização da missão que lhes foi confiada e, desta forma, serem «Bem-aventurados»⁹² «felizes»⁹³.

No dicionário da língua portuguesa, a palavra carisma significa em particular «eleição»⁹⁴. Ou seja, quem recebe o dom divino, foi antes eleito para assumir uma missão. Segundo o padre Vitório «os dons que Deus concede a cada pessoa é em vista do bem»⁹⁵ a ser realizado. O evangelho de São Mateus 25, 14-15, narra Jesus a contar a parábola dos talentos que relata justamente os critérios, para a escolha, ou seja, a eleição de um homem que ia viajar para o estrangeiro e que entregou os seus bens para os seus empregados, para que o seu dinheiro continuasse a render enquanto ele viajava. Jesus conta que a cada empregado o homem deu quantidades diferentes: «A um deu cinco talentos, a outros deu dois, e ao terceiro, um; a cada qual de acordo com sua capacidade. Em seguida viajou». O homem conhecia os seus empregados e sabia as suas capacidades. Os empregados, por sua vez, conheciam o seu senhor e sabiam que quando ele voltasse pedir-lhes-ia contas dos talentos. O Evangelista São Mateus Narra que:

O empregado que havia recebido cinco talentos saiu logo, trabalhou com eles e lucrou outros cinco. Do mesmo modo, o que havia recebido dois lucrou outros dois. Mas aquele que havia recebido um só saiu, cavou um buraco na terra e escondeu o dinheiro do seu patrão. Depois de muito tempo, o patrão voltou e foi acertar contas com os empregados. O empregado que havia recebido cinco talentos entregou-lhe mais cinco, dizendo: Senhor, tu me entregastes cinco talentos. Aqui estão mais cinco, que lucrei. O patrão lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel! Como foste fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Vem participar da minha alegria! Chegou também o que havia

⁹¹ J. Almeida Costa; A. Sampaio e Melo, *Dicionário da Língua Portuguesa.*, 7.^a edição, Porto: Porto Editora, 1994, 349.

⁹² Bem-Aventuranças (gr.lj.aKapía; lat. Beatitudo; in. Beatitudo; fr. Béatitude; ai.S eligheit; it. Beatitudiné). O significado desse termo pode distinguir-se do de felicidade (v.), de que é sinônimo, porque designa um estado de satisfação completa, perfeitamente independente das vicissitudes do mundo. Vide Nicola Abbagnano, *Dicionário de Filosofia*, Tradução da 1.^a edição brasileira, São Paulo: Editora Martins Fonte, 2007, 109.

⁹³ Do Latim *felicitas*, “felicidade” de *Felix*, “feliz”, de um verbo grego *Phyo*, “produzir”, que traz a conotação de “fecundo, produtivo”. <https://origemdapalavra.com.br/palavras/felicidade/>, acedido a 23 de outubro de 2020.

⁹⁴ Francisco Fernandes, *Dicionário de sinónimos e Antónimos da Língua Portuguesa*, 37.^a edição, São Paulo: Editora Globo, 1921, 189.

⁹⁵ Jaldemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, Belo Horizonte: Editora o Lutador, 2012, 59.

recebido dois talentos, e disse: Senhor, tu me entregastes dois talentos, Aqui estão mais dois que lucrei. O patrão lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel! Como fostes fiel na administração de tão pouco, eu te confiarei muito mais. Vem participar da minha alegria! Por fim chegou, aquele que havia recebido um talento, e disse: Senhor, sei que és um homem severo, pois colhes onde não planta e ceifas onde não semeaste. Por isso, fiquei com medo e escondi o teu talento no chão. Aqui tens o que te pertence. O patrão respondeu: “Servo mau e preguiçoso! Tu sabias que eu colho onde não plantei e ceifo onde não semei? Então, devias ter depositado o meu dinheiro no banco, para que, ao voltar, eu recebesse com juros o que me pertence” (Mt 25, 26).

O patrão sabia que esse empregado tinha os seus limites e reconhecia a pouca capacidade de ele gerir uma grande quantidade como os outros. Mas o patrão deu-lhe o talento, porque ele acredita na pouca capacidade do seu empregado, de outro modo, não lhe teria dado o talento. A questão aqui é que o empregado não acredita nele próprio, é preguiçoso, acomodado, não quer trabalhar, não quer arriscar. Na prestação de contas, vai receber o castigo por não pôr o talento a render. Em seguida, o patrão ordenou: «Tirai-lhe, pois, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos. Porque ao que tem será dado e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado. A esse servo inútil, lançai-o nas trevas exteriores; ali haverá choro e ranger de dentes» (Mt 25, 28-30).

O texto da parábola dos talentos, intensifica a visão de eleição daquele que recebera os talentos, são vistas também as suas capacidades, só então o escolhido recebe «os dons divinos e a exigência de fazê-los frutificar»⁹⁶. Quem recebe o talento não tem autonomia de se fazer escolhido ou determinar sua cota parte, o poder de eleição e de favor pertence ao patrão, seu senhor. Acontece o mesmo com os dons que Deus oferta a cada pessoa por obra e ação do Espírito Santo.

Carisma, portanto, é uma graça sobrenatural que é concedida pelo Espírito Santo a uma pessoa, em benefício de uma comunidade. O art. 11,§1 da constituição das RIC afirma: «Todo o carisma é em si mesmo uma manifestação, entre outras, da graça em prol do bem comum»⁹⁷.

No dicionário de Teologia bíblica: «Entende-se por carismas (geralmente no plural) um dom sobrenatural e transitório que é concedido para a edificação do corpo de Cristo e é atribuído ao Espírito Santo»⁹⁸.

O Apóstolo São Paulo diz que: «cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos» (1 Cor 12, 7). O primeiro dom concedido da parte de Deus ao homem é o próprio Espírito Santo, como resultado da imposição das mãos (cf. At 8,17; 19,6). É pelo

⁹⁶ Jaldemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 59.

⁹⁷ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 15.

⁹⁸ Koch R., *Carisma*, In: J. B. Baueb, *Dicionário de Teologia Bíblica*, Barcelona, Editorial Herder, 1967, 165.

Espírito Santo que recebemos os demais carismas e Paulo está seguro disso. Na compreensão paulina, os carismas são dons específicos e diferentes, distribuídos por Deus para cada um, pela ação do Espírito Santo, para a utilidade de todos, formando um só corpo de Jesus Cristo, a Igreja (cf. 1 Cor 12,12). O Espírito Santo, «derramado em nossos corações» (Rm 5,5), é o primeiro dom que Deus nos concede. Na origem de todos os outros carismas está o Espírito Santo, e é Dele, portanto, que provêm todos os chamados «carismas espirituais»⁹⁹. São Paulo, na sua primeira carta aos Coríntios, nos capítulos, 12 e 14, elenca uma série de dons espirituais concedidos ao eleito para que ele possa cumprir a vontade e a missão de Deus no mundo.

O termo carisma, na perspectiva vocacional, foi utilizado pela primeira vez pelo Papa Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio* (1971), número 11: «Só assim podereis despertar de novo os corações para a Verdade e para o Amor divino, segundo o carisma dos vossos Fundadores, suscitados por Deus na sua Igreja»¹⁰⁰. O documento do magistério assume a terminologia paulina de carisma, mediante a perspectiva vocacional com diversas aceções: carisma da vida religiosa, carisma do fundador, carisma do Instituto, carisma originário, carisma institucional, carisma de uma família religiosa.

No entanto, ao olhar para o carisma, na perspectiva vocacional, ou seja, enquanto manifestação da vocação de uma pessoa, de uma ordem religiosa, de um instituto religioso, como dom concedido, é possível observá-lo como uma marca que foi impressa na alma e no coração daquelas pessoas, ou daquele grupo, conferindo-lhes uma identidade. E se “carisma” se refere à identidade, ele está conectado à ordem do «ser» e não à ordem do «fazer». Por esta linha de pensamento, contemplamos na Igreja vários Institutos e congregações religiosas diferentes que têm apostolados e missões em comum, serviços parecidos, mas com uma identidade própria que os distingue uns dos outros. A forma de eles servirem os pobres, de pregarem o evangelho, desenvolverem sua missão, ou o modo como rezam, pode ser parecido, mas dissociam-se porque é da ordem do «ser». O que define as RIC não é o que fazem, isto é a sua missão, mas sim o «ser» que as identifica, que as move, que as motiva, ou seja, o seu carisma, que é: «Sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à Juventude».

Os colégios, escolas e as casas inseridas no meio dos mais pobres, simplesmente são os meios e instrumentos utilizados pelas RIC, e que possibilitam que essas empreendam a

⁹⁹ Jaldemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 60.

¹⁰⁰ Papa Paulo VI, *Exortação Apostólica Evangelica Testificatio*, sobre a renovação da vida religiosa segundo os ensinamentos do Concílio, N.º 11, acedido a 6 de fevereiro de 2021, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19710629_evangelica-testificatio.html.

busca do seu objetivo, pensado e desejado, e não o fundamento do seu “SER”. É o seu carisma que as identifica e que deve transparecer na sua maneira de viver. Quem contempla uma RIC, deve perceber por seu testemunho, o espírito que a move, que a impulsiona, que a fortifica, que a mantém de modo perseverante e esperançoso diante dos percalços da vida, com o objetivo de alcançar o fim último que o senhor Deus, pelo Espírito Santo, plantou em seu coração: fazer Jesus Cristo conhecido pela juventude.

A exemplo de *Madre Agathe*, as RIC cultivam a intimidade espiritual com Jesus, esposo de suas almas, buscam viver o discernimento mediante a abertura ao Espírito Santo para que as guie.

As religiosas receberam do Senhor, com caráter de eleição, o seu carisma de “sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à juventude” através do Espírito Santo como marca impressa no coração de Madre Agathe Verhelle, conferindo-lhe a graça, o dom divino, o benefício de viver e edificar a missão da Instrução Cristã, em favor da comunidade e da Igreja. Carisma e missão bem vividos e testemunhados por Madre Agathe, que alcançou outros corações que os assumiram como RIC não foram as dificuldades que as impediram de seguir Jesus, perante as transformações sociopolíticas e religiosas que ocorriam na Bélgica e em toda a Europa naquela época (contextos já apresentados no capítulo anterior), mas a oportunidade para fazer algo mais, fazer a diferença no país e depois fora dele. Foi assim que disseram sim ao Senhor que lhes concedeu a força da esperança, a ousadia e a confiança em Deus.

2.1.2. INSTRUÇÃO

A Etimologia da palavra *instrução* no dicionário de português, tem sua origem no latim “*īnstructiōne*”, «ato ou efeito de instruir; ensino; educação literária e científica; conhecimentos adquiridos; saber; preparação (processo)»¹⁰¹. Há uma certa mistura no significado, apresentando a instrução como educação, termos que na sua origem têm sentidos distintos. No dicionário francês *instrução (instruction)* é «a aula; o ensino; a ordem»; é *instruir (instruire)* «informar alguém de alguma coisa»¹⁰².

O sentido da palavra *instrução* nos dicionários francês e português não aprofunda e não deixa claro o significado da palavra em questão. Em parte, confundem a Instrução com:

¹⁰¹ *Dicionário de Latim-Português*, 2.ª Edição, Porto: Porto Editora, 2001, 1033.

¹⁰² *Dicionário de Francês-Português*, Português-Francês, Neckarsulm: Editora Mixing, 1999, 380.

«*educação e ensino*»¹⁰³. O Prof. Doutor C. Benito Almaguer Luaiza, no seu artigo «Educação, ensino e instrução: o que significam estas palavras?», afirma que «A instrução tem sido utilizada indistintamente para se referir ao que se define como educação, e também tem sido empregue com a denotação dada aqui de ensino. Isso traz consigo um grande dilema. Soma-se a essa ambiguidade do termo, o facto de existirem erros de tradução de um idioma para outro»¹⁰⁴. Problemática denotativa que envolve a história da palavra, que neste trabalho, particularmente, não será abordada, tendo em consideração o objetivo que é buscar o significado etimológico da palavra *instrução* para então esclarecer a sua escolha para definir a missão das RIC.

Para o professor Libânio, *instrução* refere-se à formação intelectual, formação e desenvolvimento das capacidades cognitivas, mediante o domínio de certo nível de conhecimentos sistemáticos”¹⁰⁵. Refere-se a *instrução*, como a manifestação concreta do ensino que em sua visão é,

uma ação didática que desenvolve o intelecto e a criatividade dos seres humanos com conhecimentos e habilidades que os prepara para desenvolver atividades sócio - culturais. A Instrução é uma forma de manifestar-se o ensino, onde se focalizam os aspetos de conhecimentos e saberes da realidade objetiva e subjetiva, que complementam o treino e a formação qualificada¹⁰⁶.

Portanto, Instrução é o conhecimento adquirido por uma pessoa para seu crescimento, para sua formação pessoal, mediante a transmissão do saber de uma outra pessoa que detém o conhecimento em determinada área do saber científico-cultural, e assim, com a referida preparação, contribuir na sociedade e no mundo. É encaminhar o individuo para uma atividade profissional futura.

Recuperando a missão da RIC, quando tudo começou na Bélgica, em 1808, é possível observar que, perante o contexto do pensamento industrial fundado no Iluminismo, (do deus dinheiro, do deus que valoriza os que produzem, exclui os inválidos por não produzirem, medindo o valor do homem pelo que produz e não por ser pessoa), havia uma mentalidade

¹⁰³ Segundo o professor José Carlos Libânio: A Educação refere-se ao processo de desenvolvimento unilateral da personalidade, envolvendo a formação de qualidades humanas - físicas, morais, intelectuais, estéticas – tendo em vista a orientação da atividade humana na relação com o meio social, em determinado contexto de relações sociais. E o ensino no seu entendimento corresponde a ações para realização da instrução; contem, pois, a instrução. In: José Carlos Libânio, *Didática*, 2.ª Edição, São Paulo: Cortez, 2013, 21-22.

¹⁰⁴ C. Benito Almaguer Luaiza, acedido a 10 de dezembro de 2020,

<https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/educacao-ensino-instrucao/educacao-ensino-instrucao2.shtml>.

¹⁰⁵ José Carlos Libânio, *Didática*, 2.ª Edição, 22.

¹⁰⁶ C. Benito Almaguer Luaiza, acedido a 10 de dezembro de 2020,

<https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/educacao-ensino-instrucao/educacao-ensino-instrucao2.shtml>.

adversa ao cristianismo, que colocava em risco a formação religiosa Cristã da juventude e que era denominada pelas irmãs como: «progressos que fazem a irreligião e a impiedade»¹⁰⁷.

Há quem diga que a Etimologia da palavra *Instrução* vem, do hebraico “יָרָה” *yarah* ou (2Cr 26.15) יָרָא *yara'* – dirigir, ensinar, instruir¹⁰⁸. Definição também apontada pelo dicionário de Inglês “*Oxford Dictionaries*”, que apresenta uma semelhança no significado da palavra com o acréscimo da palavra «lei», referindo-se a *Torah* (para os judeus) e Pentateuco (para os cristãos) por referir-se aos cinco primeiros livros da Bíblia (Genesis, Êxodo, Número, Levítico, Deuteronómio) que são as instruções, as leis que Deus transmitiu ao seu povo através de Moisés¹⁰⁹. O teólogo protestante Fabrício Veliq no seu artigo: «Instrução ou Lei» explica que, «o conceito de *Torá* para o judaísmo não é o mesmo que o de *Nomos* do grego»¹¹⁰, nem o de *Lex*¹¹¹ para a cultura romana. Enquanto a lei romana tinha a ver com o cumprimento das regras do direito romano e, nesse sentido, traz consigo um carácter processual próprio do direito, a *Torá*, no judaísmo, tem a ver com o ensino (tomando-se por base a raiz judaica dessa palavra), de maneira que «a *Torá* é o ensinamento de Javé para seu povo, a instrução sobre a qual o povo deve lançar suas bases para se construir como nação desejada por Deus»¹¹². A instrução é apresentada como doutrina; o seu objetivo está em mostrar, dirigir, instruir. No sentido bíblico apresentado pela escola britânica, *Torá* significa «indicar o caminho»¹¹³. tal como Deus fez ao seu povo através de Moisés, ao mostrar-lhe o caminho. É como as RIC se dispõem a colaborar com a Igreja na sua missão de salvaguardar as riquezas da fé, assumida como missão, no meio da Revolução Francesa, a instrução cristã da juventude, em especial as jovens daquela diocese, daquela cidade e daquele País. Voltemos ao tempo:

Os historiadores reconhecem que, em se tratando do ensino, o saldo da época é totalmente negativo. Para o poder político, com efeito, a luta contra o catolicismo foi prioritária durante os primeiros anos do regime republicano e, conseqüentemente, tendo desaparecido um grande número de escolas, a ignorância progrediu fortemente. Por ocasião da fusão do regime napoleónico, o nível de instrução em

¹⁰⁷ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 8.

¹⁰⁸ James Strong - *Dicionário Strong Hebraico-Aramaico-Grego*, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, <http://www.sbb.org.br>, 2002, 443.

¹⁰⁹ Oxford Dictionaries | English, acedido em 25 de novembro de 2020, <https://www.lexico.com/definition/torah>.

¹¹⁰ Νόμος, -ov (ó). . s. *Lo que se reparte; lo que se possui o usa. Uso; costumbre; habito. Ley; estatuto.* Florencio I. Sebastián Yarza. *Diccionario Griego Español*, Barcelona: Editorial Ramon Sopena 1998, 938.

¹¹¹ Lex, legis (lego?) f I. moção proposta pelo magistrado perante o povo, projecto de lei, lei (direito escrito e promulgado). *Dicionário de Latim-Português*, 2.ª Edição, Porto: Porto Editora, 2001, 393.

¹¹² Fabrício Veliq, <https://domtotal.com/noticia/1343625/2019/03/8203-texto-biblico-instrucao-ou-lei/>. Acedido a 14 de dezembro de 2020.

¹¹³ *Torá*. In *Britannica Escola*. Web, 2020, <https://escola.britannica.com.br/artigo/Torá/482696>, acedido a 9 de dezembro de 2020.

nossa região era tão baixo que quase se acabava completamente mais de um século de esforços das autoridades civis quanto religiosas do Antigo Regime¹¹⁴.

Que elas pretendem com as escolas realizar aquilo de que fala Paulo Freire: criar «uma escola em que, ao ensinar os conteúdos, se ensine também a pensar certo»¹¹⁵. E quem pensa certo sabe «que as palavras a que falta a corporeidade do exemplo pouco ou nada valem. Pensar certo é fazer certo»¹¹⁶. Considerando a pessoa como um todo, corpo, inteligência e espírito.

A Igreja, ao longo do tempo, tem buscado através dos seus documentos, instruir o povo de Deus, para que, conhecendo, possam pensar certo, no que se refere à fé, e viver de maneira certa o que é certo, segundo o Evangelho de Jesus Cristo.

2.2. ENTENDER INSTRUÇÃO NA PERSPETIVA DA MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO

No início do cristianismo e da formação da Igreja, segundo o que se conhece hoje, os apóstolos e os discípulos tinham a Missão de instruir e transmitir os ensinamentos de Jesus para os novos crentes que iam aderindo à fé cristã.

Os cristãos formavam comunidades locais – as igrejas – cujo modelo nos é apresentado pelos Actos dos Apóstolos: «Eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à união fraterna, à fracção do pão e às orações. Precisamente a comunidade de Jerusalém tornara-se o modelo para todos os fiéis e para todas as igrejas¹¹⁷.

É claro que, naquela época, os cristãos não se dissociavam do judaísmo. Judeus e cristãos frequentavam e partilhavam o Templo como um lugar-comum, para a escuta da palavra e das orações, mas com uma diferença – os cristãos já não oravam como os judeus, as suas orações sofreram uma modificação e eles rezavam com orações cristãs. «Cristãs» foi a designação dada às pessoas identificadas como seguidoras de Jesus; grupo que rapidamente se destacou no meio de outros já existentes na época, por sua maneira radical e nova de viver a palavra Jesus Cristo. Seus discursos tinham força, os apóstolos falavam e testemunhavam com suas vidas o que pregavam. Esta diferença causou desconforto no meio social, surgindo divergências de opiniões (alguns criticavam e outros defendiam-nos).

¹¹⁴ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 5.

¹¹⁵ Paulo Freire, *A Educação na Cidade*, São Paulo: Cortez, 1991, 24.

¹¹⁶ Paulo Freire, *Pedagogia da Autonomia*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014, 35.

¹¹⁷ Carlos Verdete, *História da Igreja Católica, Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)*. Vol. I, Lisboa: Paulus, 2009, 73.

Os Cristãos viviam intensamente a fé deixada por Cristo em seus corações. Eles nutriam-se da fração do Pão – a Eucaristia – celebrada no «primeiro dia da semana que é o dia da ressurreição do Senhor, mais tarde designado como o dia do Senhor (Act. 20,7). O pão que se partia constituía comunhão com o corpo de Cristo»¹¹⁸. Também viviam sob os ensinamentos dos Apóstolos¹¹⁹, que tinham a missão de expandir a mensagem do evangelho, organizar a vida cristã dos fiéis e dedicar-se às questões doutrinárias, sempre em consonância com os ensinamentos de Jesus Cristo.

Os apóstolos foram as testemunhas oculares de Cristo e tinham, por isso, autoridade em transmitir, primeiramente em Jerusalém, tudo o que lhes fora ensinado. Em Jerusalém, realizaram milagres e pregaram o evangelho «todos os dias, no templo e de casa em casa, não cessavam de ensinar e de pregar Jesus, o Cristo» (At 5,42). Porém, sofreram muitas perseguições principalmente pelo sinédrio (cf. At 5,27- 28).

A perseguição à Igreja desencadeou-se depois da morte de Estêvão, proto-mártir da Igreja primitiva, «em Jerusalém. Todos, exceto os apóstolos, foram dispersos pelas regiões da Judeia e de Samaria» (At 8,1-3). As perseguições almejavam inibir a adesão e extinguir o surgimento de novos «cristãos», mas o efeito foi contraproducente, quanto mais perseguidos, mais aumentava o número de seguidores. Os cristãos perseguidos testemunhavam e partilhavam o evangelho com suas vidas, a ponto de converterem um grande número de pagãos. Deste modo, o Cristianismo foi aumentando por todo o império romano, o que incomodava o sinédrio que buscava uma solução para o problema. Entre muitas discussões, surgem as palavras sábias inspiradas pelo Espírito Santo a Gamaliel: «dai de barato estes homens, deixai-os porque, se este conselho ou esta obra vem dos homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los» (At. 5,38-39).

O grupo de judeus «rebeldes» chamados cristãos viviam uma experiência espiritual diferente, fundamentada na vida de comunhão comunitária e da partilha do evangelho entre eles, descurando o que era próprio da espiritualidade, causando incômodo aos líderes religiosos que os ouviam pregar e testemunhar o evangelho de Jesus Cristo.

“antropófagos”, ou seja, de comungarem o corpo e o sangue de uma criança nas suas reuniões de culto. Em sua defesa ou justificação (apologia) os cristãos procuram esclarecer os seus detractores, expondo por escrito a sua doutrina, bem como a verdade dos costumes cristãos, no sentido de não

¹¹⁸ Carlos Verdete, *História da Igreja Católica, Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)*. Vol. I, Lisboa: Paulus, 2009, 73.

¹¹⁹ O Significado de Apóstolo em grego: *ἀπόστολος*, "aquele que é enviado, mensageiro, mandado em missão", In Florencio I. Sebastiàn Yarza, *Diccionario Griego-Español*, Barcelona: Editorial Ramon, 193.

pairarem na opinião pública quaisquer mal-entendidos. Os autores de tais escritos conheciam-se como apologistas, verdadeiros criadores de uma primeira teologia¹²⁰

Os apologistas mais conhecidos foram: *Justino e Tertuliano*, homens de grande conhecimento filosófico e cultural que escreveram obras em defesa dos cristãos. A igreja cresceu em Jerusalém e com esse crescimento sobrevieram discórdias internas. Exigindo uma organização comunitária entre os membros pertencentes e aqueles a serem inseridos na comunidade cristã. Os apóstolos, por verem a igreja a crescer mais e mais, sentem a necessidade de organizar o acesso ao conhecimento dos ensinamentos de Jesus – tesouro da fé. A instrução para o acesso à fé passa a fazer parte da vivência espiritual da Igreja. De maneira que os novos, para pertencerem à comunidade cristã, passavam por um processo de iniciação cristã, que consistia em testemunhar a sua fé em um rito público – que era o batismo. Só então podiam fazer parte da igreja, possibilitando a participação noutros sacramentos como a comunhão Eucarística, a crisma e a confissão das faltas cometidas.

Portanto o candidato a ser cristão devia, antes de se batizar, frequentar o «‘catecumenato’ (palavra que significa período de preparação dos ‘catecúmenos’, isto é, ‘aqueles que se instruem na religião’, neste caso, aqueles que recebem instrução nas doutrinas do Cristianismo antes do Baptismo)»¹²¹. A formação, a instrução mediante o ensino, sempre esteve presente na história da igreja, uma preocupação por parte dos apóstolos no início do cristianismo de salvaguarda do tesouro da fé católico-cristã, perpetuada pelos bispos e sacerdotes até aos dias de hoje.

O conhecimento da fé, da doutrina, sempre foi valorizado pelos que tem a missão de fazer chegar ao povo a boa nova do evangelho. Conhecimento que tem de ser acompanhado pelo amor a Deus, pois «quem não ama, não conhece a Deus, porque Deus é amor» (1 Jo 4,8). Só quem conhece pode amar. O amor necessita do conhecimento. Conhecimento que se torna necessário segundo a visão doutrinária da Igreja, para o bom funcionamento, harmonia e vivência dos que a ela pertencem e a fazem crescer. É o que o Papa João Paulo II (hoje São João Paulo II) diz: «Guardar o depósito da fé – tal é a missão que o Senhor confiou à Igreja e que ela cumpre em todos os tempos... fazendo resplandecer a verdade do Evangelho, levar todos os homens a procurar e acolher o amor de Cristo que excede toda a ciência (cf. Ef. 3, 19)»¹²².

¹²⁰ Carlos Verdete, *História da Igreja Católica, Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)*. Vol. I, 73.

¹²¹ Carlos Verdete, *História da Igreja Católica, Das origens até ao Cisma do Oriente (1054)*. Vol. I, 73-74.

¹²² *Catecismo da Igreja Católica*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993, 07.

Como forma de organizar o acesso dos fiéis aos conteúdos da fé, a Igreja sempre se dedicou da melhor maneira possível a explicar e esclarecer o porquê das vivências litúrgicas, do rito celebrativo, das leis canônicas, da doutrina e, principalmente, aprofundar os assuntos mais polêmicos que surgem dentro e fora dela, sem deixar brechas para o seu conhecimento.

Na Constituição Apostólica em que convoca o Concílio, João XXIII escreveu:

A Igreja sente, de modo mais vivo, o desejo de fortificar a sua fé. [...] de promover a santificação dos seus membros, a difusão da verdade revelada, a consolidação das suas estruturas. Será esta demonstração da Igreja [...] que sente o ritmo do tempo e que [...] irradia novas luzes [...], permanecendo, contudo, sempre idêntica a si mesma, fiel à imagem divina impressa no seu rosto pelo Esposo que a ama e protege, Jesus Cristo¹²³.

Esta é a beleza vivida e assumida com fidelidade pelos apóstolos e a sua Igreja a pedido do divino esposo Jesus Cristo: «Ide pelo mundo inteiro, proclamai o Evangelho a toda a criatura» (Mc. 16, 15). Os anos passaram e a Igreja passou por várias transformações ao longo do tempo, surgiram as questões acerca da fé e da sua vivência. A Igreja sempre demonstrou uma grande preocupação pela formação, ensino e instrução dos seus membros, em ordem à sua santificação, divulgando a verdade revelada e a consolidação das estruturas. Com este desejo:

Os pastores da Igreja, que têm a missão de anunciar a palavra da salvação recebida na Revelação divina, têm o dever de salvaguardar plenamente o depósito da fé que lhes foi confiado por Cristo. Para melhor cumprir esta tarefa, ao longo da história secular da Igreja, os Sumos Pontífices utilizaram diversos instrumentos de acordo com as necessidades que lhes foram apresentadas. Com o tempo, surgiram diversos “Dicastérios”¹²⁴, que tinham por objetivo facilitar o governo da Igreja: fiscalizar o cumprimento das leis emanadas, favorecer iniciativas para cumprir os propósitos da Igreja e resolver as controvérsias que surgissem de tempos em tempos. É neste contexto que surge a Congregação para a Doutrina da Fé¹²⁵.

A Congregação para a Doutrina da Fé recebeu do Sumo pontífice a missão de promover, proteger e salvaguardar as riquezas da fé e os costumes de todo o mundo católico, bem como a de estar atenta ao fluxo dos problemas culturais e das opiniões teológicas emergentes, ao cerne dos pensamentos e propostas mais importantes¹²⁶.

¹²³ Papa João XXIII, *Constituição Apostólica Humanae Salutis para a convocação do Concílio Vaticano II*. Libreria Editrice Vaticana, 1961, Nº 7, acessado a 24 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html.

¹²⁴ A etimologia da palavra Dicastério vem do grego δικαστήριον, tribunal de justiça, de δικάστης, “juiz ou júri, é o nome utilizado para designar os departamentos ou agências especializadas da Cúria Romana”, In Florencio I. Sebastian Yarza, *Diccionario griego-español*, Vol I, Barcelona: Editorial Ramon Sopena S.A., 1998.

¹²⁵ *Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*, acessada a 20 de novembro de 2020, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/storia/documents/rc_con_cfaith_storia_20150319_promuovere-custodire-fede_sp.html#Prefacio.

¹²⁶ *Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé*, acessada a 20 de novembro de 2020, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/storia/documents/rc_con_cfaith_storia_20150319

Segundo o Papa João Paulo II (São João Paulo II), a função da Congregação para a Doutrina da Fé é «promover e tutelar a doutrina sobre a fé e os costumes em todo o mundo católico (art.º 48) »¹²⁷. Os documentos de caráter doutrinal são apresentados e publicados pela comissão teológica responsável por tudo em relação ao tesouro da fé. Esta congregação tem sob sua responsabilidade uma variedade de documentos, entre eles as chamadas “instruções”. A instrução faz parte da missão da Congregação para a doutrina da fé, bem como da missão das RIC, uma vez que elas escolheram adotar no seu nome a sua identidade missionária de modo particular da Instrução Cristã, nome que as compromete e as vincula intrinsecamente à Missão da Igreja de Instruir na fé Cristã o seu povo, em especial, a juventude. Segundo o Art. 5º das suas Constituições, as RIC dizem que, «Em nossas obras de educação, nossa principal tarefa é promover a formação cristã dos jovens [...] o que sempre foi e deve continuar a ser a nossa principal preocupação»¹²⁸.

Daí que a formação dos jovens na fé foi e continua sendo uma preocupação. É missão da Igreja e das RIC, em suas escolas e comunidades de inserção, promover o acesso dos jovens às riquezas da fé e criar espaços de vivências e saberes em suas obras.

O Papa Francisco enfatiza que os jovens: «No mundo atual, cheio de progresso, muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação»¹²⁹. A missão das RIC junto aos jovens continua atual, pois todas as que se consagram, neste Instituto, devem receber uma formação que as capacite para o carisma da instituição, pois «nada do que possa contribuir ou prejudicar a juventude em si mesma ou à sua volta, em sua vitalidade cristã e em sua dignidade humana em Jesus Cristo, poderá ser-nos estranho»¹³⁰. O Papa Francisco chama a atenção que os padres sinodais com tristeza assinalaram que «muitos jovens vivem em contextos de guerra, sofrendo física e psicologicamente»¹³¹.

Portanto «A capacidade de escutar os jovens e de se solidarizar com eles em suas dores e angústias é carisma imprescindível das RIC»¹³² que possuem o seu coração aberto ao Espírito Santo e em consonância com a Igreja e os seus ensinamentos, para com ela amar e

_promuovere-custodire-fede_sp.html#Prefacio.

¹²⁷ Sucessivamente a esta reforma, no dia 29 de junho de 1997, foi aprovada a nova *Agendi ratio in doctrinarum examine*, acessido a 31 de dezembro de 2020, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_po.html.

¹²⁸ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 14.

¹²⁹ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Christus Vivit: Aos jovens e a todo o povo de Deus*, N.º 71.

¹³⁰ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 13.

¹³¹ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Christus Vivit: Aos jovens e a todo o povo de Deus*, N.º 72.

¹³² Jaldemir Vítório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 68.

servir, seguindo sempre as orientações institucionais diante das questões de cunho vivencial dos fiéis à Igreja que conta com a Congregação para a Doutrina da fé na responsabilidade de esclarecer e instruir o seu povo. A Congregação para a Doutrina da Fé (CDFÉ), como qualquer outro Dicastério da Cúria Romana, é uma instituição de direito eclesiástico, ao serviço do Santo Padre, na sua missão universal, que trata de tudo o que se refere à doutrina da fé e moral. A Congregação, para a fé, tem a tarefa de assegurar a profissão de fé, tendo como guia toda a sua atividade: a liturgia, a pregação, a catequese, a vida espiritual, a ação ecuménica e a doutrina social¹³³. Segundo o dicionário católico, a instrução é uma palavra proveniente

Do “lat. *instructione* = orientação; ecles. - ensino, normas ou orientação menos geral, ordinariamente são comentários que o Papa expede para aplicação de um documento já publicado, como p. ex., a instrução «*Inter Oecumenici*» que orienta sobre a aplicação da Constituição «*Sacrosanctum Concillium*» que trata das reformas litúrgicas¹³⁴.

A Instrução é assumida pela Igreja, como uma das muitas vertentes da sua missão sob a responsabilidade da SCDFÉ. Entre os seus Documentos, aparecem as chamadas instruções, dedicadas a determinados assuntos sobre os quais a Igreja achou necessário refletir, estudar, aprofundar e transmitir em forma de instrução aos seus fiéis. Quando a SCDFÉ publica uma nova Instrução é porque a considerou oportuna, «a fim de repor as razões doutrinárias e pastorais” da Igreja diante de algum assunto temático»¹³⁵. Vejam-se algumas Instruções publicadas pela SCDFÉ:

- Instrução *Ad resurgendum cum Christo*, a propósito da sepultura dos defuntos e da conservação das cinzas da cremação (15 de agosto de 2016).
- Instrução *Dignitas Personae* sobre algumas questões de bioética (*Instructio de quibusdam scientiae bioethicae quaestionibus*), (8 de dezembro de 2008).
- Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura – *Ardens felicitatis* (*Instructio de orationibus ad obtinendam a Deo sanationem*), (14 de setembro de 2000).

¹³³ Cf. Congregação para a Doutrina da Fé. *Promover e Salvar a Fé* – Do Santo Ofício à Congregação para a Doutrina da Fé, Acedido a 4 de janeiro de 2021,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/storia/documents/rc_con_cfaith_storia_20150319_promuovere-custodire-fede_sp.html#Prefacio

¹³⁴ Cf. António Maia, *Pequeno Dicionário Católico*, Coleção Estrela do Mar, Rio de Janeiro: 1966, 108, acedido a 4 de janeiro de 2021,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_pro_14071997_po.html.

¹³⁵ Congregação para a Doutrina da Fé. *Instrução Ad resurgendum cum Christo*, acedido a 5 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html.

- Instrução sobre alguns aspetos do uso dos instrumentos de comunicação social na promoção da doutrina da fé (Concílio Vaticano II, 30 de março de 1992).
- Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo – *Donum veritatis (Instructio de Ecclesiali Theologi vocatione)*, (24 de maio de 1990).
- Instrução sobre o respeito da vida humana nascente e a dignidade da procriação – *Donum vitae (Instructio de observantia erga vitam humanam nascentem deque procreationis dignitate tuenda. Responsiones ad quasdam quaestiones nostris temporibus agitatas)*, (22 de fevereiro de 1987).
- Instrução sobre a liberdade cristã e a libertação – *Libertatis conscientia (Instructio de libertate christiana et liberatione)*, (22 de março de 1986).
- Instrução sobre alguns aspectos da «Teologia da Libertação» – *Libertatis nuntius (Instructio de quibusdam rationibus «Theologiae Liberationis»)*, (6 de agosto de 1984).
- Instrução sobre o batismo das crianças – *Pastoralis actio (Instructio de baptismo parvulorum)*, 20 de outubro de 1980.
- Instrução sobre a dissolução do matrimônio em favor da fé – *Ut notum est (Instructio pro solutione matrimonii in favorem fidei)*, (6 de dezembro de 1973).
- Instrução sobre a necessidade de instituir as Comissões Doutrinais junto às Conferências Episcopais – *Litteris apostolicis (Instructio ad orbis cattolici Episcopos de Commissionibus doctrinalibus instituendis)*, (23 de fevereiro de 1967).
- Instrução sobre os matrimónios mistos–*Matrimonii sacramentum (Instructio de matrimonii mixtis)*, (18 de março de 1966).

A Instrução é dirigida a todos os «fiéis e a todos os que procuram a verdade»¹³⁶. Quando a Igreja publica uma Instrução sobre qualquer tema crítico é para ajudar os seus pastores a «poderem orientar os fiéis neste campo, favorecendo o que nele haja de bom e corrigindo o que deva ser evitado»¹³⁷. A Instrução da Igreja não pretende propor os seus ensinamentos acerca de determinados assuntos, «mas é seu desejo oferecer, à luz da presente doutrina do Magistério, respostas específicas às principais interrogações que se levantam a

¹³⁶ Congregação para a Doutrina da Fé. *Instrução Dignitas Personae*, sobre algumas questões da Bioética, acedido a 05 de janeiro de 2021,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html.

¹³⁷ Congregação para a Doutrina da Fé. *Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura*, acedido a 05 de janeiro de 2021,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20001123_istruzione_p_o.html

esse respeito»¹³⁸. A Instrução tem uma finalidade: «chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis, para os desvios ou sua possibilidade prejudicial à fé e à vida cristã»¹³⁹.

SCDFÉ, a pedido do Papa, julgando necessário chamar a atenção da Igreja para os desvios, ou riscos de desvios, prejudiciais à fé e à vida cristã, convoca os seus estudiosos, teólogos e leigos, cristãos especialistas em áreas afins, a refletirem sobre determinado assunto para esclarecer devidamente todo o seu povo. É sabido que: «O atual progresso das ciências é tal que a doutrina não pode crescer mais sem que um grande número de homens se una aos seus trabalhos»¹⁴⁰. As RIC, no séc. XIX, sentiram o ardente desejo de colaborar com a Igreja, juntando-se a ela na missão da instrução da fé dos jovens que, com os progressos da revolução Francesa, se encontram expostos aos «perigos dela advenientes»¹⁴¹. As Irmãs acreditam e a Igreja defende, que na fé cristã, o conhecimento e a vida, a verdade e a existência estão intrinsecamente unidas. Quem ajuda nesta vivência é a doutrina e quem ajuda a doutrina em suas reflexões, são os teólogos.

Segundo a Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo:

O serviço à doutrina, que implica a crente busca da compreensão da fé, isto é, a teologia, é, portanto, uma exigência à qual a Igreja não pode renunciar. Em todas as épocas, a teologia é importante para que a Igreja possa dar uma resposta ao desígnio de Deus, «que quer que todos os homens sejam salvos e cheguem ao conhecimento da verdade» (1 Tim 2, 4). Em tempos de grandes mudanças espirituais e culturais, ela é ainda mais importante, mas também exposta a riscos, devendo esforçar-se para «permanecer» na verdade (cf. Jo 8, 31) e ao mesmo tempo ter em consideração os novos problemas que interpelam o espírito humano. No nosso século, particularmente¹⁴².

¹³⁸ Congregação para a Doutrina da Fé. *Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e à dignidade da procriação*, acessido a 05 de janeiro de 2021,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19870222_respect-for-human-life_po.html. Pesquisado dia 05-01-2021

¹³⁹ Congregação para a Doutrina da Fé. *Instrução sobre alguns aspetos da “Teologia da Libertação*, acessido a 05 de janeiro de 2021,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html.

¹⁴⁰ Congregação para a Doutrina da Fé, *Instrução para a criação de comissões doutriniais*, acessido a 05 de janeiro de 2021,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19670223_instructio_p_o.htm.

¹⁴¹ Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã, 8.

¹⁴² Congregação para a Doutrina da Fé, *Instrução Donum Veritatis, sobre a vocação eclesial do Teólogo*, acessido a 05 de janeiro de 2021,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19900524_theologian-vocation_po.html.

A instrução que a SCDFÉ julgou oportuno dirigir aos bispos da Igreja católica e através deles aos teólogos, foi com o desejo de iluminar a missão da teologia na Igreja e na vida de seus fiéis.

As RIC, a fim de salvarem os jovens, no séc. XIX, das realidades em que estavam inseridos e, abertas ao sopro do Espírito Santo, sempre presente ao longo dos anos vividos por esta Congregação decidem:

Nosso Instituto consagrou-se por muito tempo, quase que exclusivamente, à instrução e à educação das jovens nos colégios que havíamos fundado. Isto obedecia à necessidade da época e às suas possibilidades. Porém, as urgências e as prioridades mudam com os países, as civilizações e as culturas. Por isso, nossa obra educativa já se revestiu e poderá revestir-se ainda, no futuro, de modalidades diferentes¹⁴³.

Portanto, as RIC desejaram e ainda hoje desejam, em suas escolas e também em suas obras de inserção, contribuir para a missão e serviço da Igreja de Deus. A carta que as irmãs enviaram para o Papa expressa justamente a felicidade das irmãs por sentirem que Deus olhava para elas, derramando as suas bênçãos sobre seus trabalhos, «coroando-os dos mais felizes sucessos, pelas facilidades que Ele nos dá em infundir a semente da virtude nos jovens corações»¹⁴⁴. As RIC desejam por seus trabalhos e por sua doação, mostrar o caminho da fé à juventude que está exposta a tantos perigos que lhes roubam a jovialidade, como o Papa Francisco descreveu: «No nosso tempo, os progressos da ciência e das tecnologias biomédicas incidem fortemente na percepção do corpo, induzindo a pensar que se pode modificar sem limites»¹⁴⁵.

É na escola que as RIC se detêm, investem as suas energias, com a esperança de salvaguardarem a fé e formar consciências, pois, segundo Paulo Freire, a escola «como um espaço de ensino-aprendizagem, será então um centro de debates de ideias, soluções, reflexões, onde a organização popular vai sistematizando sua própria experiência»¹⁴⁶. As RIC sentem o apelo de Deus para se dedicarem inteiramente à instrução Cristã. Por isso abriram algumas escolas, «para a conservação do precioso depósito da fé»¹⁴⁷. A escola, na visão das irmãs, era o lugar ideal, o espaço que abre a possibilidade da juventude passar a ter noções, conhecimento daquilo que vai precisar numa futura atividade profissional, como também o conhecimento e acesso ao tesouro da fé cristã.

¹⁴³ Cf. *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 14.

¹⁴⁴ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 8.

¹⁴⁵ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Christus Vivit: Aos jovens e a todo o povo de Deus*, N.º 82.

¹⁴⁶ Paulo Freire, *A Educação na Cidade*, São Paulo: Cortez; 1991, 16.

¹⁴⁷ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 8-9.

Ao Romano Pontífice, como cabeça, e aos Bispos, pertence o ofício apostólico, chamados a exercê-lo com fidelidade, trabalhando com todo o empenho «no encargo de interpretar autenticamente a Palavra de Deus, escrita ou contida na Tradição»¹⁴⁸, que concerne à Igreja universal¹⁴⁹. Mas é missão de todo o povo batizado na Igreja católica apostólica Romana buscar conhecer e aprofundar, guardar e proteger os tesouros da fé, transmitido ao longo dos séculos pelos Apóstolos e dos seus sucessores. «Aceita a Instrução de sua boca e guarda seus preceitos em teu coração» (Jó 22,22).

As RIC se sentem povo de Deus e no desejo de contribuir no ofício de dar a conhecer e proteger o tesouro da fé. Expressam em carta ao Papa: «Santíssimo Padre [...] que tenhamos a inapreciável felicidade de ser do número das almas privilegiadas que velam com sua aprovação, sob a sua proteção e em união com seus trabalhos apostólicos, na preservação de uma parte do rebanho de Jesus Cristo, [...] para conservação do precioso depósito da Fé»¹⁵⁰. Elas, naquela época e neste século XXI, se comprometem numa entrega e consagração total de suas vidas a Deus e à juventude, pequena porção do rebanho do Senhor.

2.3. O CARISMA NA VIDA E NA MISSÃO DE EVANGELIZAR DA IGREJA

O Papa Francisco, na *Evangelii Gaudium*, lembra aos Cristãos que: «Em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar»¹⁵¹. E que «Cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus; não digamos mais que somos ‘discípulos’ e ‘missionários’, mas sempre que somos ‘discípulos missionários’»¹⁵². Todos são chamados, mas poucos respondem ao chamamento do Senhor.

Na história da Igreja contemplam-se vários testemunhos de santos ou não, que foram impelidos por Deus através do Espírito Santo, diante de contextos diversos, dentro e fora da Igreja, chamados a viver com radicalidade o batismo, tornaram-se referências de outros Cristãos, que atraídos por seus testemunhos de vida, de vivência radical do batismo e do

¹⁴⁸ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 85, 36.

¹⁴⁹ Congregação para a Doutrina da Fé. *Instrução para a criação de comissões doutrinai*, acedido a 05 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19670223_instructio_p_o.html.

¹⁵⁰ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 8-9.

¹⁵¹ Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, N.º 119.

¹⁵² Papa Francisco, *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho – sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, N.º 120.

Evangelho de Jesus Cristo, também se sentiram atraídos e impelidos pelo Espírito Santo a viverem a conversão de vida e a doação total a Deus de seus projetos, seguiram um ideal diferente, de estilo incomum que os tocou profundamente, dando e arriscando tudo e se tornaram seguidores e discípulos destes.

O autor Giancarlo Rocca diz que o: «carisma pode ser realmente comunicado pelo fundador que, com seu exemplo e vida, arrastam e convencem a outros a segui-lo»¹⁵³. Foi assim com: São Bento, Santa Escolástica, São Francisco, Santa Clara, Santa Catarina de Sena, Santa Tereza de Ávila, São João da Cruz, Santo Inácio, Santa Madalena Sofia, Beato Padre Basile-Antoine Marie Moreau¹⁵⁴, Padre César de Bus¹⁵⁵, Madre Agathe etc. Eles se tornaram fundadores ou reformadores, de formas de vidas Religiosas Consagradas na Igreja, com estilos de vida, espiritualidade e carismas diferenciados espalhadas pelo mundo inteiro.

Muitos dos documentos da Igreja falam da importância dos carismas na vida e ação missionária a ela reservada pelo Espírito Santo. Todo o carisma por si mesmo é uma manifestação do Espírito. É Ele que desperta, no seio da Igreja, a diversidade de carismas, em particular, os fundacionais reservados aos institutos, às congregações como também a outras formas de consagração que surgem ainda hoje. O documento *Mutuae Relationes* afirma que: «O carisma dos fundadores revela-se como uma experiência do Espírito, transmitida por eles aos próprios discípulos, para ser vivida, guardada, aprofundada e constantemente desenvolvida, em sintonia com o Corpo de Cristo, em contínuo crescimento»¹⁵⁶.

A Igreja quer contar com os carismas destes institutos e congregações de vida apostólicas ou até mesmo monásticas e contemplativas, para que o nome, a fé e os ensinamentos de Jesus cheguem a mais lugares, independente das situações existentes, com mais dinamismo concreto. Na Exortação Apostólica *Evangelica Testificatio*, o Papa diz: «Só assim podereis despertar de novo os corações para a Verdade e para o Amor divino, segundo

¹⁵³ Cf. Giancarlo Rocca, *Il Carisma do fondatore*, Milano: Ancora editrice, 1998, 75.

¹⁵⁴ Cf. *Fundador da Congregação de Santa Cruz*, acessido a 12 de janeiro de 2021, https://pt.wikipedia.org/wiki/Congrega%C3%A7%C3%A3o_de_Santa_Cruz..

¹⁵⁵ *Fundador da Congregação dos Padres da Doutrina Cristã*, acessido a 12 de janeiro de 2021, https://pt.wikipedia.org/wiki/Congrega%C3%A7%C3%A3o_dos_Padres_da_Doutrina_Crist%C3%A3.

¹⁵⁶ Sagrada Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares, Sagrada Congregação para os Bispos, Critérios diretivos para as relações mútuas entre Bispos e Religiosos na Igreja, N.º 11, acessido 5 de janeiro de 2020, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_14051978_mutuae-relationes_po.html.

o carisma dos vossos Fundadores, suscitados por Deus na sua Igreja»¹⁵⁷. São muitos e variados os Institutos religiosos que a Igreja acolhe, de todos esperando a sua contribuição.

A vida consagrada é um dom de Deus; a sua presença universal e o seu «carácter evangélico do seu testemunho provam, com toda a evidência... que ela não é uma realidade isolada e marginal, mas universal a toda a Igreja»¹⁵⁸. Os Bispos sinodais confirmam que:

Na verdade, a vida consagrada está colocada mesmo no coração da Igreja, como elemento decisivo para a sua missão, visto que «exprime a íntima natureza da vocação cristã» e a tensão da Igreja – Esposo para a união com o único Esposo. Diversas vezes se afirmou, no sínodo, que a função de ajuda e apoio exercida pela vida consagrada à Igreja não se restringe aos tempos passados, mas continua a ser um dom precioso e necessário também no presente e para o futuro do Povo de Deus, porque pertence intimamente à sua vida, santidade e missão¹⁵⁹.

O carisma das RIC surge justamente no contexto da Revolução Francesa e Industrial, momento difícil de perseguição à Igreja católica e às suas instituições de ensino na Europa. Na Bélgica, país de origem do Instituto das RIC, os autores *Carpentier e Lebrun* assinalam que «os liberais opunham-se aos católicos. (...) A liberdade religiosa e a gradual laicização das sociedades, emanciparam os cidadãos, pouco a pouco»¹⁶⁰. O desenvolvimento e o progresso da Europa do século XIX aconteceu quase em todas as suas cidades, onde deu-se o processo de urbanização, de industrialização e de transformação da chamada classe operária. Com a Revolução Francesa, a Bélgica e toda a Europa sofreram uma nova transfiguração social, causando insegurança e desconforto para os líderes católicos, pois a Igreja perdia seus privilégios de religião do Estado.

Segundo Califice, a revolução industrial: «deu à luz a ideologia do progresso, criando o nascimento de uma nova entidade sociológica: o proletariado, e um novo flagelo social: a pobreza»¹⁶¹. Madre Agathe, inquieta com as influências destas transformações sociais nas vidas dos jovens belgas, expressa a sua inquietação, mediante requerimento endereçado ao Papa Leão XII, em 1826, para a aprovação das Constituições:

Nossa única fidelidade e o mais sincero desejo de nossos corações é sacrificar-nos e consagrar-nos inteiramente à juventude, não somente na diocese acima citada, mas em toda parte onde possamos cooperar na propagação da glória do Senhor; como, também o mais ardente de nossos votos é

¹⁵⁷ Papa Paulo VI, *Exortação Apostólica Evangelica Testificatio*. Nº 11.

¹⁵⁸ Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Vida Consagrada*, Nº 3, 7.

¹⁵⁹ Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Vida Consagrada*, Nº 3, 7.

¹⁶⁰ Jean Carpentier; François Lebrun, *História da Europa*, Lisboa: Editorial Estampa, 2002, 328.

¹⁶¹ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 1.

multiplicar-nos e estender-nos, à medida que se vê aumentar os perigos aos quais a juventude se encontra dia a dia mais exposta pelos progressos que fazem a irreligião e a impiedade¹⁶².

O carisma das RIC de se sacrificarem e se consagrarem inteiramente à juventude desponta num contexto histórico e geográfico de muitas perseguições e tumultos. É nesta altura que o Espírito Santo inspira e move Madre Agathe a colocar-se ao serviço dos jovens¹⁶³. Giuseppe afirma que o carisma é um «dom pessoal que, estando na origem da experiência da fundação, traça as linhas espirituais essenciais que caracterizam a própria identidade do instituto, sua missão na Igreja, sua espiritualidade peculiar»¹⁶⁴. As irmãs expressam seus sentimentos diante da realidade que se apresentava, ofertando o que de melhor tinham nas suas vidas em prol da juventude ameaçada pela turbulência comunista.

A autora Calífice ressalta:

Os historiadores reconhecem que, em se tratando do ensino, o saldo da época é totalmente negativo. Para o poder político, com efeito, a luta contra o catolicismo foi prioritária durante os primeiros anos do regime republicano e, conseqüentemente, tendo desaparecido um grande número de escolas, a ignorância progrediu fortemente. Por ocasião da fusão do regime napoleônico, o nível de instrução em nossa região era tão baixo que quase se acabava completamente mais de um século de esforços das autoridades civis quanto religiosas do Antigo Regime¹⁶⁵.

Madre Agathe e suas coirmãs de congregação sentiam em seus corações a moção e a força do Espírito Santo que as impeliam a lançarem-se no sacrifício e na consagração total de suas vidas à juventude, que naquele momento e naquele contexto político, social, aversivo à religião, sofria as conseqüências dos progressos que a revolução implantara, principalmente as jovens raparigas que a república excluía do direito à formação. Os jovens, para as RIC, eram no séc. XIX e ainda hoje considerados como a pequena porção do rebanho do Senhor, que a elas confiou para ser cuidado e zelado com amor.

As RIC são chamadas a serem proféticas, como no tempo de sua fundadora, ousando e buscando estar com os/as jovens diante daquilo que afeta sua dignidade cristã e humana. São impelidas a proporcionar em suas obras de ensino (escolas e faculdade), aos jovens, uma formação libertadora em vista dos mais pobres cujo objetivo é abolir o sistema excludente – do vale quem tem, se não tem não vale nada – do medir a pessoa por suas posses e não pelo que ele é, filho de Deus e irmão de todos.

¹⁶² *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 7- 8.

¹⁶³ Cf. Jaldemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 61.

¹⁶⁴ Giuseppe Buccellato, *Carisma e Rinnovamento*, Bologna: Edizioni Dehoniane, 2002, 28.

¹⁶⁵ Calífice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 5.

É preciso não perder o foco, Vitório lembra que os jovens são os destinatários privilegiados da oferta e da vida entregue em sacrifício de si mesmas, das religiosas. Por isso que nunca será predominante o «aspecto econômico» na ação evangelizadora das RIC.

No Art. 5º de suas Constituições as RIC afirmam: «Em nossas obras de educação, nossa principal tarefa é promover a formação cristã dos jovens [...] ao que sempre foi e deve permanecer nossa principal preocupação»¹⁶⁶. Na exortação apostólica *Vida Consagrada*, o Papa João Paulo II (São João Paulo II) chama a atenção a um dos elementos essenciais da missão da Igreja que é a educação, cujo desempenho, ânimo e ação competem ao Espírito Santo. Mas que:

No âmbito da Igreja, todavia, uma tarefa específica neste campo compete às pessoas consagradas, que são chamadas a introduzir no horizonte educacional testemunho radical dos bens do Reino. [...] capazes de desenvolver uma ação educativa, oferecendo uma contribuição específica para as iniciativas dos outros educadores e educadoras. Dotadas deste carisma elas podem dar vida a ambientes educativos permeados pelo espírito evangélico de liberdade e de caridade, onde os jovens sejam ajudados a crescer em humanidade, sob a orientação do Espírito¹⁶⁷.

A obediência a Deus, vivida pelas RIC, as direciona para os jovens, diz Vitório: «Quanto mais a juventude estiver fragilizada e ameaçada, tanto mais as irmãs devem fazer-se presentes e solidárias, evitando que os jovens caiam nas garras dos marginais»¹⁶⁸.

O Carisma das RIC é o do inteiro sacrifício de si mesmas e da consagração à juventude. A graça fundacional do sacrifício não deve ser vista de maneira negativa do sacrifício físico ou corporal, mas entender o sacrificar-se das RIC, afirma Vitório como um: «doar-se, entregar-se inteiramente ao serviço dos Jovens»¹⁶⁹. Exigindo das RIC, no seu modo de ser e de proceder, que são seu distintivo e as fazem reconhecerem-se, mutuamente, onde quer que estejam, uma espécie de *ethos* congregacional¹⁷⁰. Vivendo com coerência, autenticidade e radicalidade o seu modo de ser e de proceder, as RIC podem tornar-se verdadeiras profetizas no tempo atual em meio aos jovens e no mundo.

A ação apostólica das RIC no séc. XIX começou inicialmente nas escolas pelas necessidades da época. Sendo a juventude o seu carisma de sacrifício e consagração de suas vidas, as RIC encontram nas escolas o espaço adequado para o acesso aos jovens e a eles

¹⁶⁶ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 14

¹⁶⁷ Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Vida Consagrada*, N.º 96.

¹⁶⁸ Valdemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 38.

¹⁶⁹ Cf. Jaldemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 73.

¹⁷⁰ Cf. Jaldemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 73.

proporcionar a instrução, o ensino e a educação. Realidades distintas, mas inseparáveis no processo de formação do indivíduo.

Segundo o pedagogo Libânio: «O objetivo educativo não é um resultado natural e colateral do ensino, devendo-se supor por parte do educador um propósito intencional e explícito de orientar a Instrução e o ensino para objetivos educativos»¹⁷¹. O processo formativo da pessoa envolve-o todo, não há formação por parte.

Portanto, as congregações que têm como missão e carisma a educação católica zelam pelo que diz João Paulo II: «A comunidade educativa torna-se experiência de comunhão e lugar de graça, onde o projeto pedagógico contribui para unir, numa síntese harmoniosa, o divino e o humano, o Evangelho e a cultura, a fé e a vida»¹⁷². *Gaudere et benefacere* - Alegria em fazer o bem, era o lema das primeiras RIC¹⁷³. O carisma da alegria possibilitara as irmãs a estarem junto aos jovens como «quem está de bem com a vida, sem traços de frustração e de insatisfação»¹⁷⁴, proporcionando aos que delas se aproximarem a encontrarem motivos para superar os fracassos e as tristezas dos quais são vítimas, desencadeando em seus corações a alegria e o alento.

O Papa Francisco, na exortação *Christ Vivit*, chama a atenção quanto a indiferença da Igreja frente aos dramas vividos pelos seus Jovens filhos, dizendo:

Quem não sabe chorar não é mãe. Convida-nos a que cada um se interrogue: Eu tenho aprendido a chorar? Tenta aprender a chorar pelos jovens que estão pior que tu. Se não consegues chorar, roga ao Senhor que te conceda derramar lágrimas pelo sofrimento de outros. Quando souberes chorar, então, sim, serás capaz de fazer qualquer coisa pelos outros do fundo do coração¹⁷⁵.

Pela vivência do sacrifício e da consagração inteira de suas vidas à juventude, as RIC questionam-se: os sofrimentos e dramas que vivem os jovens tocam-me o coração, a ponto de torná-los como meus? O Papa Francisco dizia que «quem não sabe chorar não é mãe» e que enquanto não souber chorar, este(a) não será capaz de fazer pelo outro coisa alguma que venha do coração.

Manifestando no tecido do Corpo Místico, a multiforme graça de Cristo, Chefe da Igreja, procurem as RIC:

com empenho que, por seu intermedio, a Igreja revele cada vez mais Cristo aos fiéis e infiéis, Cristo rezando sobre o monte, anunciando às multidões o Reino de Deus, curando os doentes e feridos,

¹⁷¹ José Carlos Libânio, *Didática*, 22.

¹⁷² Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Vida Consagrada*, N.º 96, 158.

¹⁷³ Jaldemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 65.

¹⁷⁴ Jaldemir Vitório SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, 65.

¹⁷⁵ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Christus Vivit: Aos jovens e a todo o povo de Deus*, N.º 75 e 76. 9

trazendo os pecadores à conversão, abençoando as crianças e fazendo bem a todos, obediente em tudo à vontade de Pai que O enviou.¹⁷⁶ (Lc, 46)

E para onde o Senhor enviou as RIC? Para junto dos jovens. Estar junto dos jovens é onde Deus e a Igreja, desejam que as RIC estejam a viver o seu carisma de *sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à juventude*. E mediante esse carisma, viverem com fidelidade a Deus, a sua missão de doação total à juventude, onde quer que eles estejam, a viverem os dramas que lhes são diversos.

Portanto, as RIC precisam receber uma preparação espiritual (vida de oração), afetiva (sentirem-se amadas por Deus, amarem-se para amar o próximo), experiencial (inseridas na realidade) e intelectual (conhecimento académico) – adequada para que as situações vividas pelos jovens não sejam por elas consideradas «de nenhuma maneira [...] estranhas»¹⁷⁷.

No momento atual as RIC são apeladas a viverem em atitude de abertura ao Espírito Santo que age no tempo e na história, para que assim saibam discernir o que de melhor devem fazer para a renovação do seu carisma de sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à juventude, pequena porção do rebanho do Senhor no presente da história de 2022, sem esquecer o passado de Madre Agathe e de suas coirmãs no início da Congregação, em 1823.

¹⁷⁶ Constituição Dogmática *Lumen gentium*, N.º 46, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 11ª ed. Braga: A.O., 1992.

¹⁷⁷ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, 13.

CAPÍTULO 3

NOTAS ATUAIS DA TEOLOGIA DA MISSÃO SOBRE A FORMAÇÃO CRISTÃ DOS JOVENS

No capítulo anterior, tentámos esclarecer, para efeito de compreensão, o significado das palavras Carisma e Instrução, que caracterizam a maneira de ser e a missão das RIC, um Instituto que surgiu no meio de um contexto eclesial fragilizado que sofria com as perseguições e influências da Revolução Francesa, sendo determinante para compreender o porquê da escolha das primeiras RIC, do seu carisma de sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à juventude e da sua missão de Instrução Cristã no espaço escolar.

Mercê desse estudo, constatou-se que o carisma está ligado à identidade das irmãs e à sua missão. Há quem se questione se, nos dias de hoje, faz sentido o uso da palavra Instrução no nome que as identifica, como um Instituto de Religiosas da Instrução Cristã, escolhido por Madre Agathe e suas irmãs no séc. XIX, como que não fizesse mais sentido usá-lo. Terá razão de ser esta questão? Segundo alguns pedagogos atuais, num espaço escolar, as três atividades pedagógicas de formação do indivíduo: instrução, ensino e educação, mesmo com sentidos, formas e significados diferentes, todas se tornam necessárias, complementares e indispensáveis para a formação do indivíduo como um todo.

Por fim, constatou-se que o desafio das RIC, atualmente, é que no espaço escolar e pastoral coexistam as três dimensões da pedagogia: a Instrução (dos conhecimentos cognitivos, científicos e cristãos da fé), o Ensino sistemático e Educação do indivíduo (ético e moral) de dentro para fora (do latim “E-ducare”) sentindo-se como agente da mudança e de transformação do velho para o novo, do mundo, da sociedade e da Igreja.

O que as RIC devem evitar é ficar no hoje a questionar o uso da palavra “Instrução”. Mas a ressignificar o seu sentido, sem desconsiderar todos os factos que foram vistos e até os que o não foram e que serviram de condicionantes à escolha do nome das primeiras RIC.

Neste terceiro capítulo, far-se-á uma apresentação geral sobre o que é a missão da Igreja Católica Apostólica Romana e a evolução do seu entendimento sobre missão / evangelização. A Igreja, com o decorrer dos tempos, foi desenvolvendo com fidelidade o mandato de Jesus Cristo aos apóstolos, ouvindo-se ainda hoje claramente, o: «Ide por todo mundo e pregai o evangelho, a todos os povos» (Mt 28, 19-20). Esta é uma missão que incumbe a todos nós: mostrar caminhos de conversão e apontar valores que contribuam para o conhecimento de Jesus Cristo, da Igreja e do ser humano, proporcionando uma reflexão sobre

a missão como atividade da Igreja e sua “natureza missionária,” veiculada pelo Filho e pelo Espírito Santo, protagonistas da missão, segundo o desígnio de Deus Pai. «Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio a pregar o evangelho» (cf. Jo 20, 21). Viu-se também que é o Espírito Santo que impele a Igreja a sair do seu comodismo e ir ao encontro de tantos que ainda não conhecem Jesus Cristo e proclamar a sua salvação.

A Igreja sob a orientação e condução dos Papas, sucessores de Pedro, em unidade com os Bispos do mundo inteiro, tem a responsabilidade de, por meio das declarações solenes, discursos, mensagens, cartas apostólicas e encíclicas, direcionar de forma concreta, coerente e eficaz a vivência e participação de todos na sua ação missionária dentro e fora das suas dependências, no mundo e para o mundo.

Os documentos do magistério da Igreja anteriores, concomitantes e posteriores ao concílio Vaticano II, são importantíssimos para que se entenda o percurso histórico da ação missionária da Igreja. É notável também a sua relevância na compreensão da evolução da Igreja ao longo da história, no que concerne ao seu amadurecimento missionário e evangelizador, referente aos preceitos teológicos que informam a missão de ensinar, de instruir e de educar os jovens, de molde a constatar nos documentos do magistério da Igreja como a educação cristã da juventude pode e deve proporcionar ao jovem uma experiência de encontro com Jesus, tornando-se um verdadeiro missionário entre os seus amigos e colegas que, por sua vez a tornam extensível a outros e assim sucessivamente, tornando-os inquietos perante a necessidade de despertar no seu coração juvenil o ardor missionário, motivado e alimentado pela oração, pela vivência sacramental e eclesial afetiva, nos jovens que o cercam a necessidade de transmitir ao mundo a sua salvação.

3.1. A MISSÃO EVANGELIZADORA DA IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA ROMANA

Jesus, quando aparece aos seus apóstolos, na Galileia, deixa claro o seu mandato: «Ide, pois, fazei discípulos de todos os povos, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a cumprir tudo quanto vos tenho mandado. E sabeis que eu estarei sempre convosco até ao fim dos tempos» (Mt 28,19-20).

Quando chegou o dia do Pentecostes, encontravam-se todos reunidos no mesmo lugar. De repente, ressoou, vindo do céu, um som comparável ao de forte rajada de vento, que encheu toda a casa onde eles se encontravam. Viram então aparecer umas línguas, à maneira de fogo, que se iam dividindo, e poisou uma sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do

Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito lhes inspirava que se exprimissem. Ora, residiam em Jerusalém judeus piedosos provenientes de todas as nações que há debaixo do céu. Ao ouvir aquele ruído, a multidão reuniu-se e ficou estupefacta, pois cada um os ouvia falar na sua própria língua. Atónitos e maravilhados, diziam:

Mas esses que estão a falar não são todos galileus? Que se passa, então, para que cada um de nós os ouça falar na nossa língua materna? Partos, medos, elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto e da Ásia, da Frígia e da Panfília, do Egipto e das regiões da Líbia cirenaica, colonos de Roma, judeus e prosélitos, cretenses e árabes ouvimo-los anunciar, nas nossas línguas, as maravilhas de Deus!

Estavam todos assombrados e, sem saber o que pensar, diziam uns aos outros: «Que significa isto?» Outros, por sua vez, diziam, troçando: «Estão cheios de vinho doce» (Atos 2, 1-13).

O texto mostra que, no Pentecostes, os Apóstolos «ficaram cheios do Espírito Santo» que, em forma de línguas de fogo, realizou neles uma transformação, fortalecendo-os com sua força, dando-lhes uma coragem que destruiu o medo que os paralisava, sendo substituído pela coragem, dedicação e pela certeza da presença de Jesus que lhes tinha prometido: «Eu estarei sempre convosco até o fim dos tempos» (Mt 28, 20). A vinda do Espírito Santo testemunha o cumprimento da promessa que Jesus fez aos apóstolos. Com a ressurreição e com a vinda do Espírito Santo no Pentecostes, esta certeza enche-os de uma alegria profunda que os envolveu por inteiro

O Paráclito de Deus Pai, o Espírito Santo, dá aos apóstolos, uma tal certeza da presença de Jesus que os fez sair do esconderijo da insegurança, da incerteza do temor e horror, começando a anunciar as maravilhas de Deus.

Segundo a afirmação do CIC N° 96: «O que Cristo confiou aos apóstolos, estes o transmitiram, pela sua pregação e por escrito, sob a inspiração do Espírito Santo, a todas as gerações, até a volta gloriosa de Cristo». É missão primordial dos Apóstolos e seus sucessores salvaguardar com fidelidade o tesouro da fé, do Reino e da salvação que Cristo lhes confiou, para transmitir e ensinar a todos os povos.

As autoridades políticas e religiosas do tempo dos apóstolos não viam com bons olhos os seguidores de Jesus Cristo que, mesmo depois de sua morte, não deixavam de crescer, a partir do testemunho e pregação dos apóstolos.

As autoridades religiosas, representadas pelo sinédrio, sentiam-se incomodadas e sufocadas pelas palavras dos apóstolos. Já não eram as Palavras de Jesus que os incomodavam, mas as palavras dos onze homens que testemunhavam que o Messias havia

vindo e que tinha sido rejeitado, perseguido e morto (cf. Act 3, 13-15; 17-19). Como não se calavam e não deixavam de anunciar Jesus Cristo e sua Salvação, suas palavras chegavam com tal força às autoridades religiosas da época que maquinaram a forma e o momento certo de se livrarem dos seguidores de Cristo, desencadeando assim uma perseguição aos discípulos e apóstolos.

Eusébio de Cesareia diz que

Por ocasião do martírio de Estêvão, os judeus desencadearam a primeira e grande perseguição contra a Igreja de Jerusalém e os discípulos, exceto os Doze, se dispersaram através da Judeia e Samaria (At 8,1). Alguns, diz a divina Escritura, tendo chegado à Fenícia, a Chipre e Antioquia, não ousavam ainda transmitir aos gentios a palavra da fé e anunciavam-na somente aos judeus (Atos 11,19)¹⁷⁸.

Com a dispersão depois do martírio de Estêvão (At 11, 19-26), os apóstolos percorreram as regiões para além dos muros de Jerusalém, mesmo que inicialmente, de forma inibida, a ensinar somente para os judeus, na Fenícia, em Chipre e em Antioquia (onde foram, pela primeira vez, chamados de Cristãos).

Os doze Apóstolos permaneceram na Igreja de Jerusalém e o grupo dos 12 discípulos de Jesus partiram para além dessa região, sem se deixarem abater pelas dificuldades que pouco a pouco foram superando e ensinavam muitas pessoas por onde passavam.

Quando a primeira comunidade dos cristãos se chamou «Igreja», por acreditar em Cristo, reconhece-se herdeira dessa «assembleia». Para ela, Deus «convoca» o seu povo de todos os confins da terra. O termo «Kyriakê», de onde derivaram «church», «Kirche», significa «aquela que pertence ao Senhor»¹⁷⁹ (CIC, 751). Ela, por pertencer ao Senhor, vive da Palavra de Deus e da Eucaristia, Corpo de Cristo. Pois Cristo é o bom Pastor que dá a vida pelas suas ovelhas, mas há ainda aquelas que não o conhecem. É desejo de Jesus de as reunir num só rebanho com um só Pastor (cf. Jo 10,11-18).

Este é o objetivo da pregação dos discípulos, reunir a todos como um só em Cristo. Segundo o CIC, nº 75, diz que a pedido de:

Cristo Senhor, em quem toda a revelação de Deus altíssimo se consuma, mandou aos Apóstolos que pregassem a todos, como fonte de toda a verdade salutar e de toda disciplina de costumes, o Evangelho antes prometido pelos profetas e por Ele cumprido e promulgado pessoalmente, comunicando-lhes assim os dons divinos» (DV 7)¹⁸⁰. (CIC, 75)

E são os dons divinos que há dois mil anos de história sustentam a Igreja Católica, fundada por Jesus Cristo, sob a condução de Pedro. Por escolha de Deus Pai, Jesus dá a Pedro

¹⁷⁸ Eusébio de Cesaréia, *Patrística – História Eclesiástica* – Vol. 15, Paulus, PG 48.

¹⁷⁹ *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 751.

¹⁸⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 75, 34.

a responsabilidade de conduzir, orientar e zelar pela Igreja: «Eu te digo: Tu és Pedro, e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do Reino do Céu; tudo o que ligares na terra ficará ligado no Céu e tudo o que desligares na terra será desligado no Céu.» (Mt 16, 18).

Jesus Cristo deixa a Pedro e aos discípulos o seu legado: levar a salvação a todos, sob a orientação do Espírito Santo.

Em Act. 2,14-19 observa-se a atitude de liderança de Pedro, que se levanta e fala em alta voz, em nome dos onze, para os presentes com estas palavras:

Homens da Judeia e todos vós que residis em Jerusalém, ficai sabendo isto e prestai atenção às minhas palavras. Não, estes homens não estão embriagados como imaginais, pois apenas vamos na terceira hora do dia. Mas tudo isto é a realização do que disse o profeta Joel: 'Nos últimos dias, diz o Senhor, derramarei o meu Espírito sobre toda a criatura. Os vossos filhos e as vossas filhas hão-de profetizar; os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos terão sonhos. Certamente, sobre os meus servos e as minhas servas derramarei o meu Espírito, nesses dias, e eles hão-de profetizar. Farei ver prodígios, em cima, no céu, e sinais, em baixo na terra...

A atividade ministerial da Igreja deve estar sempre fundamentada no acontecimento do Pentecostes onde o testemunho apostólico deu início:

No ápice da missão messiânica de Jesus, o Espírito Santo aparece-nos, no mistério pascal, em toda a Sua subjetividade divina, como Aquele que deve continuar agora a obra salvífica, radicada no sacrifício da cruz. Esta obra, sem dúvida, foi confiada aos homens: aos Apóstolos e à Igreja. No entanto, nestes homens e por meio deles, o Espírito Santo permanece o sujeito protagonista transcendente da realização dessa obra, no espírito do homem e na história do mundo¹⁸¹. (Rm 21)

Os apóstolos e posteriormente os seus sucessores, até aos dias de hoje, têm como missão continuar o mandato de salvação de Jesus Cristo Ressuscitado a todos os povos: «Ide por todo mundo...»

Segundo a afirmação de Bifet: «A Trindade de Deus Amor é a origem da missão e do mandato missionário que Cristo confiou à sua Igreja. Por isso, a índole missionária da Igreja' está baseada dinamicamente na mesma missão trinitária»¹⁸².

Jesus associa os seus discípulos à missão que recebeu de Deus Pai (cf. CIC 859), deixando em suas mãos «o seu projeto de bênção-salvação para todos»¹⁸³.

É importante deixar aqui esclarecidos dois conceitos muito parecidos e indissociáveis, mas distintos, que é a *missão* no singular e *missões* no plural.

¹⁸¹ Papa João Paulo II, *Enciclíca Redemptoris Missio, A validade permanente do mandato missionário*, São Paulo: Paulinas, 1991, N.º 21.

¹⁸² J. E. Bifet, *Teologia de la evangelización. Curso de Missiologia*, Madrid: BAC, 1995, 85.

¹⁸³ António Couto, *Fundamentação bíblica da missão*, Lisboa: Obras Pontificias, 2004, 26.

O missiólogo David Boschi explica os dois conceitos da seguinte maneira. O primeiro, missão no singular, «designa primordialmente a *Missio Dei* (missão de Deus), isto é, a autorrevelação de Deus como Aquele que ama o mundo, o envolvimento de Deus no e com o mundo. *Missio Dei* enuncia a boa nova de que Deus é um Deus para as / pelas pessoas»¹⁸⁴. Enquanto o segundo conceito, no plural, se refere às «*missiones ecclesiae* [“missões da Igreja”] empreendimentos missionários da Igreja, designando formas particulares, relacionadas com tempos, lugares ou necessidades específicas de participação na *Missio Dei*»¹⁸⁵. Daí que a tarefa missionária da Igreja deva ser ampla e coerente perante as várias exigências e necessidades da vida humana.

Portanto a missão, afirma David Bosch: «é o ‘sim’ de Deus ao mundo. (...) O amor e a atenção de Deus dirigem-se primordialmente ao mundo, e a missão é participação na existência de Deus no mundo»¹⁸⁶.

A missão é de Deus Pai, e é Dele que Jesus a recebe, confirmada pela unção do Espírito Santo que O consagra e O envia ao mundo. E este envio é fruto de amor de Deus para com o homem. É Cristo que a apresenta por seu testemunho de vida, deixando-a como testamento para a Igreja e o mundo porque:

a missão do Filho e do Espírito, da parte do Pai, é a fonte constitutiva e original da missão da Igreja, que prolonga esta mesma missão por mandato de Cristo e pela comunicação o Espírito Santo. A fonte da missão é, pois, a realidade profunda de Deus, isto é, sua economia salvífica trinitária»¹⁸⁷.

Ou seja, Deus tanto amou o mundo que enviou o Seu próprio e único Filho para salvar, resgatar, libertar e dar a vida eterna a todos que Nele creem (cf. Jo. 3,16-17).

Quando Jesus envia seus apóstolos, Ele os envia em nome da Santíssima Trindade; «Pregai o evangelho, Batizai-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinai-lhes tudo o que vos ensinei» (Mt 28, 19-20). Portanto «A Igreja recebe este mandato solene de Cristo, de anunciar a verdade da salvação e de a levar até aos confins da Terra.»¹⁸⁸ Assim como Jesus, o filho de Deus foi enviado pelo Pai, os apóstolos foram também enviados, dada a sua incumbência missionária. A Trindade está na origem: O PAI, é fonte de salvação,

¹⁸⁴ David Jacobus Bosch, *Missão transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 2.^a edição, São Leopoldo: Sinodal, 2007, 27.

¹⁸⁵ David Jacobus Bosch, *Missão Transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 28.

¹⁸⁶ David Jacobus Bosch, *Missão Transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 28.

¹⁸⁷ J. E. Bifet, *Teologia de la evangelización. Curso de Missiologia*, Madrid: BAC, 1995, 93.

¹⁸⁸ Constituição Dogmática *Lumen gentium*, N.º 17, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios.

misericórdia e amor. O FILHO, no mistério pascal, realiza a salvação do género humano. O ESPÍRITO SANTO dinamiza a salvação da humanidade (Cf. AG. 2).

A Lumen Gentium lembra à Igreja que o mandato que Ela recebeu dos Apóstolos é o de ir e pregar o Evangelho a todos.

Ai de mim se não prego o evangelho» (1 Cor. 9,16), e, por isso continua a mandar incessantemente os seus arautos, até que as novas igrejas se formem plenamente e prossigam, de acordo com vontade de Deus Pai e impulsionadas pelo Espírito Santo. Pois é impelida pelo Espírito Santo a cooperar, para que o desígnio de Deus, que fez de Cristo o princípio de salvação para todo o mundo, se realize totalmente. A todo o discípulo de Cristo incumbe o encargo de difundir a fé, segundo a própria medida (35). É assim que a Igreja ora e trabalha para que toda a humanidade se transforme em Povo de Deus, corpo do Senhor e templo do Espírito Santo, e em Cristo, cabeça de todos, se dê ao Pai e Criador de todas as coisas toda a honra e toda a glória¹⁸⁹. (Lc 17)

A missão faz parte da vocação pessoal e comunitária da Igreja. o nº 850 do CIC enfatiza que o mandato missionário do Senhor tem a sua fonte primeira no amor eterno da Santíssima Trindade: por sua natureza, a Igreja peregrina é missionária, visto ter a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão do Filho e do Espírito Santo (AG2)»¹⁹⁰. Portanto, a sua realidade missionária é indissociável do ser Igreja, fundada segundo o desígnio da Trindade. O seu teor missionário Trinitário surge mediante o dever apostólico em cumprir o mandato do Pai por Jesus no Espírito Santo.

No nº 05 da *Lumen Gentium* diz que:

A Igreja enriquecida pelos dons do seu fundador... recebe a missão de anunciar e instaurar o Reino de Cristo e de Deus entre todos os povos e constitui o germe e o princípio deste mesmo Deus na Terra. Enquanto vai crescendo, suspira pela consumação do Reino e espera e deseja juntar-se ao seu Rei da Glória¹⁹¹.

Em Cristo, a Igreja torna-se Sacramento, ou seja, sinal e instrumento da íntima união com Deus¹⁹². (Cf. Lc 59)

Segundo afirma a Declaração *Dominus Iesus*: «O Reino de Deus tem, de facto, uma dimensão escatológica: é uma realidade presente no tempo, mas a sua plena realização dar-se-á apenas quando a história terminar ou se consumir»¹⁹³. No evangelho de Mt. 28 Jesus Cristo

¹⁸⁹ Constituição Dogmática *Lumen gentium*, N.º 17, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 73.

¹⁹⁰ *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 850, 198.

¹⁹¹ Constituição Dogmática *Lumen gentium*, N.º 5, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 61.

¹⁹² Cf. Constituição Dogmática *Lumen gentium*, N.º 1, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, Cf. LG, 59.

¹⁹³ Congregação para a Doutrina da Fé, *Declaração Dominus Iesus*. Sobre a unidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja, N.º18. Lisboa: Paulinas, 2000, 29.

prometeu ficar com seus apóstolos até ao fim dos tempos, demonstrando que sua divina missão confiada por Ele a seus apóstolos, está «destinada a durar até ao fim dos séculos, uma vez que o Evangelho que devem transmitir é, para a Igreja, princípio de toda a sua vida em todos os tempos. Por isso, é que os Apóstolos tiveram cuidado de instituir sucessores»¹⁹⁴, para que a missão de Jesus Cristo continuasse no tempo e na história depois de sua morte.

Pois segundo afirma O CIC nº 862: «o múnus confiado pelo Senhor singularmente a Pedro, o primeiro dos apóstolos, destinado a ser transmitido a seus sucessores, é um múnus permanente, assim também é permanente o múnus confiado aos Apóstolos de serem pastores da Igreja, múnus cuja perenidade a ordem dos bispos deve garantir»¹⁹⁵.

Pois é sobre este fundamento que:

Toda a Igreja é apostólica na medida em que é «enviada» a todo o mundo. Todos os membros da Igreja, embora de modos diversos, participam desta missão. «A vocação cristã é também, por natureza, vocação para o apostolado». E chamamos «apostolado» a «toda a atividade do Corpo Místico», tendente a «alargar o Reino de Cristo à Terra inteira» (AA2)¹⁹⁶.

Esta é a missão da Igreja transmitida por Jesus aos apóstolos, e dos apóstolos aos seus sucessores e dos seus sucessores ao todo o povo de Deus e ao mundo. Jesus envia os seus apóstolos e seus respectivos sucessores: Ide por todo o mundo a «anunciar a fé e implantar o seu Reino. Fá-los participantes da sua missão. É Dele que uns e outros recebem o poder de agir em seu nome»¹⁹⁷. Pois fazer com que o homem encontre Jesus Cristo é a razão fundamental da missão da Igreja no mundo. É deste modo que a proclamação do Evangelho resume a definição do que é a missão da Igreja:

Evangelizar constitui, de facto, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição. (...) Nela, a vida íntima, vida de oração, ouvir a Palavra e o ensino dos apóstolos, caridade fraterna vivida e fração do pão, não adquire todo o seu sentido senão quando ela se torna testemunho, a provocar a admiração e a conversão e se desenvolve na pregação e no anúncio da Boa Nova)¹⁹⁸.

A Igreja tem, como compromisso assumido, preservar, proteger, amar, ensinar e transmitir a todos os povos, o legado de salvação de seu Reino, deixado por Jesus aos

¹⁹⁴ *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 860, 201.

¹⁹⁵ *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 862, 201.

¹⁹⁶ *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 863, 202.

¹⁹⁷ *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 935, 214.

¹⁹⁸ Papa Paulo VI, Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: Sobre a Evangelização no mundo contemporâneo, São Paulo: Paulinas, 1998, N.º 14.

apóstolos e seus sucessores, sob a condução de Pedro e dos Papas que lhe hão de suceder, ao longo da história.

Mediante este legado apostólico, a Igreja tem como sua, a responsabilidade, de expandir e viver com fidelidade a missão de Jesus de levar a todos os lugares do mundo a boa nova do Reino, a salvação de todos os homens, sem exceção, Jesus Cristo veio não só para um grupo seletivo, mas para todos. Assim afirma São João: «Deus não enviou o seu Filho ao mundo para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele» (Jo 3, 17). Esta é a vontade de Deus Pai: «que todos tenham vida e a tenham em abundância» (Jo 10,10).

É próprio do amor, é próprio do amante querer unir-se à pessoa amada. Deus amou o homem e quer que o homem se una a Ele.

Afirma a *Verbum Dei* que: «Depois de ter falado muitas vezes e de muitos modos pelos profetas, falou-nos Deus... através de seu Filho» (Hb 1, 1-2)¹⁹⁹ que, assumindo a natureza humana falou ao homem com linguagem humana e explicou os segredos de Deus. «Já não vos chamo servos, mas amigos» (Jo 15,15).

O missiólogo David Boschi propõe no seu livro, *Missão Transformadora* que: «A fé cristã é intrinsecamente missionária», explicando que a confirmação vem da fé cristã, vê “todas as gerações da terra” como objeto da vontade salvífica de Deus ou em termos neotestamentários, considera o “reinado de Deus” que veio em Jesus Cristo como destinado a “toda a humanidade”. Esta dimensão da fé cristã não é um “extra” opcional: O cristianismo é missionário por sua natureza, ou, então, nega sua própria razão de ser»²⁰⁰.

Portanto como batizados, todos os cristãos assumem a missão da Igreja. Ou seja, todos os batizados seguidores de Cristo são chamados e enviados ao mundo para evangelizar os povos a pedido de Jesus, o primeiro a ser enviado pelo Pai, para dar a conhecer o amor do Deus amor.

O missiólogo David Boschi ainda ressalta que:

A missão cristã dá expressão ao relacionamento dinâmico entre Deus e o mundo. *Missio Dei*: a Missão é de Deus! O envolvimento da Igreja na missão permanece um ato de fé sem garantias terrenas. “Toda existência cristã deve ser caracterizada como existência missionária, nas palavras de Concílio Vaticano II, ‘A igreja peregrina é por sua [própria] natureza missionária’ (AG 2) (...) A

¹⁹⁹ *Constituição Dogmática Dei Verbum*, 19.ª edição, São Paulo: SP: Paulinas, 2011, nº 9.

²⁰⁰ David Jacobus Bosch, *Missão transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 2.ª edição, 26.

Igreja começa a ser missionária não através de sua proclamação universal do evangelho, mas através da universalidade do evangelho que ela proclama²⁰¹.

3.2. O ENTENDIMENTO DA IGREJA DO QUE SEJA MISSÃO E EVANGELIZAÇÃO

Os documentos do Magistério da Igreja são textos onde se pode encontrar, mesmo que de forma básica, uma sinopse de todos os dados para uma Teologia da Missão no entendimento da Igreja.

A ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja (EG 15). Trata-se de pôr a missão de Jesus no coração da Igreja, transformando-a em critério para medir a eficácia de suas estruturas, os resultados de seu trabalho, a fecundidade de seus ministros e a alegria que eles são capazes de suscitar²⁰².

Papa Bento XV na exortação *Maximum Illud* apela a: «avançar para a abertura da Igreja missionária. A missão é função fundamental da Igreja»²⁰³.

A Igreja nunca poderá esquecer-se de que «as alegrias e a esperança, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e dos que sofrem, são as mesmas dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração»²⁰⁴.

Deixando para os apóstolos a continuação da sua missão Jesus disse lhes: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio a pregar o evangelho” (Jo 20, 21). Aqui aparecem duas palavras: «Missão» e «evangelização», duas palavras e dois significados. Que frequentemente aparecem nas narrativas dos evangelhos e nos documentos da Igreja quando o assunto se refere ao legado missionário e ao mandato de ir por todo mundo, que Jesus Cristo deixou e transmitiu para os seus apóstolos. E pode-se dizer que aqui está o sentido primeiro para a palavra Missão, que vem do latim (*missiō, ōnis*); significando a «acção de enviar, envio»²⁰⁵, como também o «acto de enviar ou ser enviado»²⁰⁶.

²⁰¹ David Jacobus Bosch, *Missão transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 2.ª edição, 27.

²⁰² Papa Francisco, *Reunião do Comitê diretivo do CELAM*, Bogotá, 7 de setembro de 2017, acessado a 10 de fevereiro de 2021, In <https://pastoral.rsb.org.br/Noticia/499/Mes-Missionario-Extraordinario-2019>.

²⁰³ Papa Bento XV, *Carta Apostólica Maximum Illud* de 1919, acessado a 10 de fevereiro de 2021, In https://www.vatican.va/content/benedict-xv/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xv_apl_19191130_maximum-illud.html.

²⁰⁴ *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* N.º 1, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 345.

²⁰⁵ *Dicionário de Latim-Português*, 27.

²⁰⁶ *Dicionário de Latim-Português*, 1212.

De forma explicativa e clara o dicionário teológico apresenta a missão, como uma ideia que implica a relação entre duas pessoas:

uma pessoa que envia e outra que é enviada e que depende da que envia ativamente. Se faltar um destes sujeitos, não se poderá falar de “missão”. “O facto de alguém ser enviado revela que o enviado procede de alguma forma de quem o envia, quer por modo de mandamento, que é como o Senhor envia o servo; quer a maneira de conselho, e assim se diz que o conselheiro envia o rei à guerra; ou ainda por modo de origem, como ao se dizer que a árvore envia ou emite a flor”²⁰⁷.

Portanto para ser chamado de missão, deve haver, uma pessoa que envia e uma outra que é enviado, ou seja, há aquele que dá e aquele que recebe a ação. Não se vai em nome próprio, mas sim, em nome de quem o enviou. No caso dos apóstolos, foi Jesus, o primeiro enviado do Pai, a enviar: «assim como Pai me enviou, eu também vos envio» (Jo 20, 21).

Os apóstolos, como a própria palavra *apostoloi* – (*ἀπόστολος*)²⁰⁸ do grego significa, são os «enviados»²⁰⁹ aos que não conheceram a boa nova do reino a salvação Jesus Cristo.

Entretanto, enviados por Jesus a continuar a sua própria missão e Seu ministério, os discípulos missionários não vão em nome próprio, mas em nome daquele que os envia: “Quem vos recebe a mim recebe”, diz Ele aos Doze (Mt 10,40)²¹⁰. É essa a missão dos discípulos. E é essa a missão de todo aquele que crê na ressurreição e percebe seus sinais no dia a dia.

Como também não se pode perder de vista o método e o conteúdo da missão testemunhado pelo Pai divino e o seu Divino Filho, a partir da relação dos dois: Um que envia, e o outro que é enviado, a ir ao encontro de um outro que receberá a mensagem daquele que enviou, que mudara a vida daquele que acreditar nas palavras do enviado (cf. João 5, 24; 6, 47).

Envolvida por esta dinâmica relacional do Pai e do Filho, que envia, e que é enviado, a Igreja é convidada a ficar atenta a manter-se fiel ao mandato recebido de Jesus, sem se afastar do método e do conteúdo da missão, apresentado pelo Pai e pelo Filho divino. Que com alegria Eles continuam a convidar, a chamar, e a enviar através da Igreja e dos seus ministros sucessores dos apóstolos, todos os que tendo a graça do batismo, queiram contribuir com a sua missão.

²⁰⁷ Xabier Pikaza; Nereo Silanes, *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, São Paulo: Paulus, 2014, 834-835.

²⁰⁸ Para melhor compreensão da palavra “apostolo” deixa-se aqui a definição apontada pelo Dicionário Grego: *ἀπόστολος*, ος, ον. Adj. “enviado, expedido”. In *Diccionario Griego Español*, 193.

²⁰⁹ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 858, 200.

²¹⁰ Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, N.º 858, 200.

“Missão” traz consigo a ideia bíblica de “ser enviado”, classicamente expressa no dito de Jesus: “Assim como o Pai me enviou, eu também vos envio” (Jo 20,21). O paralelo entre Deus enviando Jesus, e Jesus enviando seus discípulos mostra tanto o método quanto o conteúdo da missão da Igreja. Ela abarca tudo o que Jesus envia seu povo a fazer no mundo ²¹¹.

De maneira que a missão não está relacionada ao acolhimento ou a aceitação de tudo que a Igreja faz, mas, está em fazer o que a Igreja e seus bons pastores transmitem mediante coerência com o mandato de ser e fazer a vontade de Deus no mundo ferido marcado pela injustiça.

Na exortação apostólica *Lumen Gentium* apresenta a missão recebida pela Igreja, um o mandato recebido pelos Apóstolos solenemente,

De Cristo, de anunciar a verdade da salvação e de a levar até aos confins da terra (cf. Act. 1,8). Faz, portanto, suas as palavras do apóstolo: «ai de mim, se não prego o Evangelho» (1 Cor. 9,16), e por isso continua a mandar incessantemente os seus arautos até que as novas igrejas se formem plenamente e prossigam, por sua vez, a obra da evangelização. Pois é impelida pelo Espírito Santo a cooperar para que o desígnio de Deus, que fez de Cristo o princípio de salvação para todo o mundo, se realize totalmente. (cf. EN 75).

A Igreja formada sobre os fundamentos da sucessão apostólica tem como responsabilidade continuar, com fidelidade, a missão de Jesus Cristo como vontade do Pai, de ir pregar o evangelho a todos os povos. Ou seja, de fazer chegar a todos os povos o Nome de Jesus, o seu ensinamento, sua palavra de boa nova e salvação.

O Decreto “Ad Gentes” sobre a atividade missionária da Igreja Concílio Vaticano II diz que: “A atividade missionária não é outra coisa senão que a manifestação ou epifania dos desígnios de Deus e a sua realização na história e no mundo na qual Deus pela missão, manifestamente vai tecendo a história da salvação” (AG 9).

Nas palavras de David Bosch: «A Igreja começa a ser missionária não através de sua proclamação universal do evangelho, mas através da universalidade do evangelho que ela proclama»²¹². Por isso «A Igreja deve estar lá onde Jesus não é conhecido» (AG10). Pois Ele é o Evangelho, a palavra da salvação que veio para todos.

Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* declara que evangelizar todos os povos é tarefa urgente da Missão essencial da Igreja (cf. EN 14). É na missão evangelizadora que o Espírito Santo mais age. De maneira que evangelizar é, como diz o dicionário de latim,

²¹¹ Cf. Sinclair B. Ferguson; David F. Wright, et al, *Novo Dicionário de Teologia*, São Paulo: Hagnus, 2009, 683

²¹² David Jacobus Bosch, *Missão transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 2.^a edição, 27.

“*evangelizare*”, pregar o evangelho²¹³. Por outras palavras, é o anúncio da palavra de Jesus Cristo, evangelho vivo que se revela com seu amor misericordioso que salva e resgata, apesar dos pecados do homem.

A evangelização é uma das dimensões essenciais da missão. Segundo David Bosch:

Evangelização é a proclamação da salvação em Cristo das pessoas que não crêem Nele, chamando-as ao arrependimento e à conversão, anunciando o perdão do pecado e convidando-as a tornarem-se membros vivos da comunidade terrena de Cristo e a começar uma vida de serviço aos outros no poder do Espírito Santo²¹⁴.

Sempre foi e continua sendo, preocupação da Igreja manter viva a chama do ardor missionário de evangelizar os povos, assumindo assim a responsabilidade de alimentar e despertar nos corações o fogo que se renova ao passar do tempo e da história, despertando neles o desejo de ser missionário, para possam dizer: «Eis-me aqui, envia-me» (Is 6, 8).

A Igreja, consciente da exigência da sua responsabilidade, reconhece que a missão de Cristo Redentor, a Ela confiada, está «longe do seu pleno cumprimento» (RM 1). Perante isto, a Igreja entende que deve renovar continuamente o dinamismo da vivência missionária dentro e fora das suas dependências eclesiais, levando-nos a viver com alegria os valores evangélicos.

Os documentos sobre missão do presente magistério eclesial apresentam nova e renovada visão da Igreja acerca da sua missão de evangelizar neste espaço de 50 anos de maturação da proposta teológica, eclesiológica e pastoral do concílio, compreendendo a importância deste processo de maturação do tempo cronológico que proporciona os ensinamentos dos documentos conciliares.

Na *Redemptoris Missio*, podemos ver que é por Cristo, e em Cristo que o homem encontra o caminho que o levará aos braços do amor misericordioso de Deus Pai: «Ninguém vai ao Pai senão por mim» (Jo. 14,6) (RM 5), a salvação é para todos (RM 10). Pode-se perguntar o porquê da missão. A resposta virá com a fé e a experiência de Igreja que se abre ao amor de Cristo, que é a verdadeira libertação que vai para além do mandato formal do Senhor. (RM 11)

A essa vida profunda vivida em Deus chama-se Reino de Deus, que é a revelação da misericórdia do Pai em Cristo Jesus (Mc. 1, 14-15) (cf. RM. 12,13). Dela emanam Novas relações para o mundo inteiro (RM nº14).

²¹³ *Dicionário Latim-português*, 262.

²¹⁴ David Jacobus Bosch, *Missão transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 28.

Por isso, a missão não pode deixar de acontecer. Deus Amor continua a chamar e a enviar corações missionários fervorosos e dedicados que queiram continuar a sua «missão, anunciando o Reino de Deus e promovendo a vida»²¹⁵.

Segundo a afirmação de David Boch, o engajamento missionário da Igreja nas diversas realidades vividas pela humanidade, como a injustiça, a opressão, a pobreza, a discriminação e a violência, resulta em grande medida na época atual, do sim de Deus ao mundo²¹⁶.

Ao longo de cerca de vinte séculos a Igreja foi desenvolvendo o seu conceito acerca da sua ação missionária que constrói a sua história sobre alicerces profundos e inabaláveis, mediante um trabalho árduo, abnegado e heróico de sacerdotes, religiosos e leigos que doam as suas vidas e se entregam à missão de levar a Boa-Nova de Cristo aos povos do mundo inteiro.

Com uma nova consciência, a Igreja declara que todos os seus membros, pelo batismo, se tornam responsáveis pela missão de Jesus Cristo de evangelizar os povos. Como afirma a *Redemptoris Missio*, nº 2, «a missão compete a todos os cristãos». À medida que as pessoas vão recebendo a proclamação e anúncio da palavra, também são convidadas a integrarem-se na comunidade terrena e a assumir com os demais o compromisso do serviço aos outros.

Todos os fiéis cristãos têm, por primeira missão, no seio da comunidade, a «obrigação de manifestar pelo exemplo de vida e pelo testemunho da palavra, o homem novo que se revestiu pelo Baptismo» (AG 11), colaborando com todos os outros cristãos «na recta ordenação dos problemas económicos e sociais, a fim de elevar a dignidade do homem e preparar condições de vida mais humanas (AG 12)».

O decreto *Ad Gentes* enfatiza que a igreja precisa de contar com a colaboração dos leigos na sua ação missionária, pois eles pertencem ao grupo do povo de Deus, pois a presença dos leigos na missão da Igreja «pode gravar-se profundamente nos espíritos, na vida e no trabalho de um povo» (AG 21).

O Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium* alerta que a Igreja precisa de dizer Sim a uma espiritualidade missionária (cf. 78-80), para dizer não ao desânimo egoísta: e que Ela precisa de um dinamismo missionário que leve sal e luz ao mundo (cf. 81-3); que diz Não ao pessimismo estéril da desertificação espiritual (cf. 84-6); e aprende também a dizer Sim às

²¹⁵ José Carlos Pereira, *Liturgia da Palavra I. Reflexões para os dias de semana*, São Paulo: Paulus, 2014, 152.

²¹⁶ Cf. David Jacobus Bosch, *Missão transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 2.^a edição, 28.

relações novas geradas por Jesus de onde nasce a mística de viver juntos (cf. EG 87-92). Esta é a primazia do anúncio de Jesus Cristo em qualquer trabalho de evangelização (cf. EG 110).

Pois segundo a *Ad Gentes*: Quando o missionário vivencia com qualidade a espiritualidade missionária, é capaz de «tomar iniciativas; levar a cabo as obras; ser perseverante nas dificuldades; suportar a solidão com paciência e fortaleza; superar a fadiga, e o trabalho infrutuoso» (AG 25).

O próprio CIC, no nº 863, diz que “ser missionário é vocação de todos os cristãos, pois, ao seguirem Jesus Cristo, são chamados ao apostolado: Toda a Igreja é apostólica na medida em que, por meio dos sucessores de São Pedro e dos apóstolos, permanece em comunhão de fé e de vida com sua origem. «A vocação cristã é também por natureza vocação ao apostolado.” Denomina-se “apostolado” “toda a atividade do Corpo Místico” que tende a “estender o reino de Cristo a toda a terra».

Essa é uma visão concreta da vida eclesial da Igreja que trouxe, «um novo estilo e uma nova convivência fraternal ou então irmanada de bispos, sacerdotes, leigos e cristãos das ordens»²¹⁷. Todos os cristãos, independentemente do seu chamamento específico, são considerados pela Trindade, as pedras vivas do templo do Senhor que constituem a Igreja, corpo de Cristo.

Portanto, a Igreja não se resume a um espaço ou a um prédio onde pessoas se encontram, mas Ela é assembleia do povo de Deus, que se reúne, para celebrar e festejar a Páscoa, para partilhar os dons recebidos pelo Senhor, que se desinstala das próprias estruturas, conscientes da própria vocação.

No atual pontificado do Papa Francisco, renasce um novo ardor missionário e uma nova visão de Igreja. Segundo *Memore Restori*: «A Igreja se encontra, nos dias atuais, num momento fecundo de renovação de si mesma, após o conclave que elegeu o Papa Francisco»²¹⁸.

O Papa Francisco, com sua maneira de ser e proceder, testemunha referencialmente a eclesiologia pastoral do Concílio Vaticano II, demonstrando a possibilidade de viver hoje, numa Igreja povo de Deus, dos pobres, servidora, misericordiosa e dialogante.

O Papa Francisco, na exortação *Evangelium Gaudium* expressa o seu desejo de que a Igreja cresça na interpretação da palavra, na compreensão da sua verdade com grande

²¹⁷ Walter Kasper, *A Igreja Católica: Essência, Realidade, Missão*, 263.

²¹⁸ Memore Restori, *A Missão no Vaticano II*, Coleção Marco conciliar, São Paulo: Paulus, 2015, 12.

liberdade e respeito, de forma a poder interpretar a Palavra Divina nas várias realidades da vida: dor, sofrimento e exclusão.

Com tal desejo, o Papa Francisco exorta cada cristão e cada comunidade a «sair de seu próprio conforto e a atrever-se a alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho» (EG 20). Todos são chamados a esta “saída” missionária (EG 20), para fazer chegar a todos a alegria do Evangelho (...) (EG 21).

Os bispos, no documento da Aparecida, tomaram as palavras do Papa Bento XVI no início de seu Pontificado, fazendo eco ao seu predecessor, o Servo de Deus, João Paulo II, quando proclamou para toda a América Latina:

Não tenham! Abram, abram de par em par as portas a Cristo!... Quem deixa Cristo entrar não perde nada, nada – absolutamente nada – do que faz a vida livre, bela e grande. Não! Só com esta amizade abrem-se as portas da vida. Só com esta amizade abrem-se realmente as grandes potencialidades da condição humana. Só com esta amizade experimentamos o que é belo e o que nos liberta... Não tenham medo de Cristo! Ele não tira nada e dá tudo. Quem se dá a Ele, recebe cem por um. Sim, abram, abram de par em par as portas a Cristo e encontrarão a verdadeira vida²¹⁹.

Afirma o Papa Francisco: A alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém (...).

Assim, como diz o decreto *Ad Gentes*: «tudo quanto de bom se encontra semeado no íntimo dos homens ou nos próprios ritos e culturas dos povos não permanece apenas, mas é sanado, elevado e consumado para a glória de Deus... Familiarizem-se com suas tradições nacionais e religiosas. Com alegria e respeito descubram as sementes do Verbo aí ocultas» (9b e 11b).

Entretanto, a Igreja munida da fé na encarnação do Verbo, se insere nas culturas, não aleatoriamente, mas em sintonia com as ciências humanas, que foram explicitando as diversidades culturais daquela região, país ou cultura.

Diz Memori Restori:

A missão de evangelizar foi entendida como tarefa dos seguidores de Jesus em cada tempo e lugar. A cultura deixa de ser somente um desafio à comunicação dos missionários e torna-se uma grandeza teológica, lugar da presença viva do Espírito que fecunda a vida dos povos com a verdade e que desafia o missionário a fazer o discernimento desta²²⁰.

O que o papa quer oferecer, na *Evangelii Gaudium*, aos discípulos missionários, é uma linha de discernimento evangélico que se nutre da luz e da força do Espírito Santo, ajudando

²¹⁹ Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Caribe, Documento de Aparecida DAp, 1.ª edição, São Paulo: Paulus; Paulinas; CNBB, 2007, 15-16.

²²⁰ Memore Restori, *A Missão no Vaticano II*, 13-14.

(cf. EG 50), o povo a discernir a vontade de Deus perante os desafios do mundo atual, pontuado por uma economia de exclusão (cf. EG 53-4), pela indiferença, pela aparência, pela superficialidade, pelo consumismo (cf. EG 61-7); pela inculturação da fé (cf. EG 68-70); e pelos Desafios das culturas urbanas. (cf. EG 71-75).

Para *Memori Restori*: «A missão será sempre um processo de busca da Verdade, e a vida plena do Reino, o núcleo básico que agrega todas as diferenças»²²¹.

O Papa Francisco, com a sua sensibilidade perante a situação de pobreza e o sofrimento dos outros, explica:

A Igreja «em saída» é a comunidade de discípulos missionários que «primeireiam», que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam. Primeireiam – desculpai o neologismo –, tomam a iniciativa! A comunidade missionária experimenta que o Senhor tomou a iniciativa, precedeu-a no amor (cf. 1 Jo 4, 10), e, por isso, ela sabe ir à frente, sabe tomar a iniciativa sem medo, ir ao encontro, procurar os afastados e chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos. (EG 24)

Os missionários têm de ser os primeiros a viver o que pregam. Suas ações fazem transfigurar a imagem do bom pastor que é a imagem do Senhor Jesus Cristo.

O modelo eclesiológico apresentado por Francisco é justamente a imagem de um pastor que, com uma formação erudita como é a dos jesuítas, mas, ao mesmo tempo de uma simplicidade e de uma proximidade com a realidade pastoral, em que ele está envolvido, vivido no contexto de Igreja Latino Americana.

Unindo tudo isto, percebe-se que mais que ideologia, ou mais que uma teologia marxista, surge uma teologia para o povo, que apresenta um Cristo próximo do povo, um Cristo que sofre com o povo e que também se alegra, um Cristo que associando as dores da humanidade às suas, adquire o seu cheiro “o cheiro das ovelhas” (EG 24).

O Papa Francisco, no seu discurso no Dia Mundial das Missões, convida-nos a lançar um olhar para o mundo que, diante do contexto de crise mundial, interpela a Igreja e a humanidade:

Dor e morte nos fazem experimentar a fragilidade humana. (...) O chamamento à missão, o convite para sair de si mesmo por amor a Deus e ao próximo, apresenta-se como oportunidade de partilha, serviço e intercessão. (...) No sacrifício da cruz, onde se realiza a missão de Jesus (cf. Jo 19, 28-30), Deus revela que seu amor é para todos. (...) E pede nossa disponibilidade para sermos enviados porque Deus é Amor em constante movimento missionário. (...) Ninguém é excluído do amor de Deus. Deus

²²¹ Memore Restori, *A Missão no Vaticano II*, 14.

continua a procurar quem enviar ao mundo e aos povos, para testemunhar seu amor, sua salvação (...)»²²².

A Igreja é convidada, pelo Papa Francisco, a sair em missão para perceber que é a experiência que faz com que a Igreja se desinstale do seu conforto e do seu comodismo.

Saiamos, saiamos para oferecer a todos a vida de Jesus Cristo! (...) «Se alguma coisa nos deve santamente inquietar e preocupar a nossa consciência é que haja tantos irmãos nossos que vivem sem a força, e a consolação da amizade com Jesus Cristo, sem uma comunidade de fé que os acolha, sem um horizonte de sentido e de vida». Vida, aqui é sinónima de alegria e solidariedade (cf. EG 49). Que a Igreja deixe de ser burocrática ou uma Igreja sistemática para ser uma Igreja em saída, uma Igreja que bate à porta.

A *Gaudium et Spes* nº 69, fala da esperança cuja alegria se traduz em levá-la a quem a não tem: aos enfermos, às famílias que vivem problemas emocionais, afetivos, etc. Esta vivência conduz-nos ao Cristo samaritano que, descurando a formalidade da lei, estende a mão a quem dela precisa. (cf. Lc 10, 29- 37).

O Papa Francisco diz: “Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e comodidade de se agarrar às próprias seguranças” (cf. GS 49).

Ao tomar esta atitude de “sair” como fundamento da sua vivência, a Igreja demonstra que está de portas abertas, para receber as pessoas, que não se acomoda, mas que vai ao encontro das pessoas, conduzindo-as até Jesus.

No entendimento de Francisco, a salvação que Deus realiza é para todos: somos um povo e não seres isolados (cf. GS 113). Ser Igreja significa ser povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai (cf. GS 114). Um povo com muitos rostos (cf. GS 115-118); somos todos discípulos Missionários. (cf. GS 119).

Hoje a Igreja conta com os cristãos batizados para levar o evangelho aos que não conhecem a boa nova da salvação Jesus Cristo. Afirma Kasper: «A missão da Igreja foi-lhe confiada na sua totalidade e, por conseguinte, a todos os cristãos em conjunto»²²³.

Reconhecendo a importância missionária de cada cristão, o Papa pede, na *Evangelii Gaudium* que ninguém renuncie ao seu compromisso de evangelização (...) (cf. EG 120).

²²² Papa Francisco, *Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 18 de outubro de 2020*, acessado a 5 de março de 2021, In <https://www.fraterno72.net/post/mensagem-do-papa-francisco-para-o-dia-mundial-das-miss%C3%B5es-de-2020>.

²²³ Walter Kasper, *A Igreja Católica: Essência, Realidade, Missão*, 263.

O seu desejo é que a Igreja viva a sua referência de Comunhão: pois se ela conseguir viver este desafio, será uma Igreja modelo para a paz no mundo (cf. EG130), sem impor a uniformidade. (cf. EG131).

Passaram-se mais de 50 anos após o concílio Vaticano II e a Igreja ainda não cumpriu algumas propostas do mesmo. Uma delas é o amor.

Amor que aquece o coração, a vida e as ações daquele que o vive. São João, na sua carta, diz que Deus é Amor - “Deus caritas est”, (1Jo 4,16). Nele todos os homens são convidados a permanecer, deixar-se alcançar e envolver por toda a potencialidade do Amor Salvífico de Deus.

Segundo *Memori Remeti*: «O Amor manifesto em Jesus Cristo e anunciado ao longo dos séculos pela Igreja, que é assistida pela força do Espírito Santo, “faz com que os fiéis possam entender os ensinamentos de Jesus e o seu mistério” (EN 75), e dessa forma alcançar a plenitude da vida e a salvação»²²⁴.

Que a Igreja seja assim como as mães nas suas conversas de mãe, diz o Papa na EG n° 139, que a Igreja é mãe e prega ao povo como uma mãe fala a seu filho.

«Missão é sempre um “cruzar fronteiras”, sejam elas geográficas, ideológicas, culturais, étnicas e sociais. Missão é um contínuo deslocamento, contínua itinerância, visando o encontro com o outro. É no encontro gratuito e desinteressado com o outro que a vida é enriquecida e ressignificada; e, quando o outro é “condenado” a viver à margem, excluído da sociedade por causa de preconceitos e rotulado na base de estereótipos, é aí que a missão da Igreja se faz mais urgente e seletiva, resgatando sua dimensão profética fundamentada na missão libertadora e inclusiva de Jesus Cristo»²²⁵.

O mundo, as pessoas, estão em transformação constante. Atualmente, o mundo tem vivido momentos de crise pandémica mundial e a Igreja teve de se adaptar e orientar a sua ação missionária, dentro do contexto vivido por todos. Sem deixar de ser fiel ao mandato deixado por Jesus, pois evangelizar é preciso em todo o tempo, em todo momento, independente da forma, é preciso evangelizar. E os meios tecnológicos ajudaram em muito o evangelho Jesus Cristo chegar a muitos lados e a muitas pessoas. É um tema que não vai ser aprofundado neste trabalho, mas que é importante citar, para que fique claro que a missão da Igreja muito ainda deve e tem a crescer.

Que o Espírito Santo, que sempre esteve com Maria Santíssima no meio do povo. Ela que é Mãe da Igreja evangelizadora (cf. EG 284). E que oferece a carícia da sua consolação

²²⁴ Memore Restori, *A missão no Vaticano II* / (Coleção Marco conciliar. — São Paulo: Paulus, 2015. P. 20

²²⁵ Memore Restori, *A missão no Vaticano II* / (Coleção Marco conciliar. — São Paulo: Paulus, 2015. P. 20

materna na aparição ao índio Ruan Diego em Guadalupe: “Não se perturbe o teu coração. [...] Não estou aqui eu, que sou sua Mãe? (cf. EG286). Que em todos os momentos Ela a Mãe do Evangelho vivente, rogai por nós! Diz o Papa Francisco ao terminar a sua encíclica *Evangelii Gaudium* nº 288.

É sabido que a missão da Igreja longe está de ser concretizada, assim como deseja a Trindade Santa. Por isso toda a ajuda Divina se faz necessária. O Papa Francisco acredita que a missão da Igreja ainda tem um longo caminho a percorrer, em vista das mudanças de contexto que a interrogam a renovar-se e, ao mesmo tempo, a ser fiel à sua essência e tradição eclesiais das novas exigências do tempo presente, e que tem alcançado uma dimensão de importância maior nos últimos tempos. Essas não podem, de maneira nenhuma, impedir o desejo de avançar para além-mar, além paredes, além estruturas, mas devem ser a força motivadora do querer da Igreja, o impulso que ela tem de alimentar em cada um o compromisso de partir e viver a missão, nos recôncavos existenciais em que vive a humanidade.

3.3. CONSIDERAÇÕES DA TEOLOGIA DA MISSÃO E PASTORAL SOBRE A FORMAÇÃO CRISTÃ DOS JOVENS

Um contexto antigo e atual, a preocupar a Igreja é a formação integral (social e cristã) da juventude que, exposta a várias situações de dor, fragilidade, prisão e exploração, corre o risco de perder a identidade própria do seu ser jovem.

Preocupação que levou o Concílio Ecuménico Vaticano II a considerar «atentamente a gravíssima importância da Educação na vida do homem e a sua influência cada vez maior no processo social do nosso tempo»²²⁶.

O Concílio insiste que, antes de qualquer outro organismo de educação, a família está em primeiro lugar com o dever de educar, mesmo que, por motivos de incapacidade em algumas áreas, tenha de contar com algumas instituições próprias de ensino para reiteração e ajuda, a fim de promover a formação cristã e humana da juventude.

O Concílio também esclarece, sem querer passar pela responsabilidade dos pais na educação de seus filhos, que por questões próprias, o dever de educar pertence à Igreja, «sobretudo porque tem o dever de anunciar a todos os homens o caminho da salvação, de comunicar aos crentes a vida de Cristo e ajudá-los com a sua contínua solicitude, a conseguir

²²⁶ *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, N.º 46, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 203.

a plenitude desta vida»²²⁷. Esta preocupação é apresentada no prefácio da Declaração *Gravissimum Educationis*, um documento conciliar que afirma que a Igreja, no cumprimento da missão que recebeu de Cristo, se preocupa com toda a vida do homem e vê no processo da educação do homem o seu papel de liderança²²⁸.

Portanto, a Igreja, como mãe, é obrigada a dar, «a estes seus filhos aquela educação, mercê da qual toda a sua vida seja imbuída do espírito de Cristo; ao mesmo tempo, porém, colabora com todos os povos na promoção da perfeição integral da pessoa humana, no bem da sociedade terrestre e na edificação dum mundo configurado mais humanamente»²²⁹.

Ficou claro, na conceção dos padres conciliares, que a edificação e construção do homem, da juventude, se assim se pode dizer, precisa abranger todas as áreas que constituem a pessoa: humana- psicológica, social- profissional e cristã.

A Igreja compreendeu no Concílio, que o processo ou itinerário formativo-educacional-catequético, só pode acontecer se for considerado o caminho que a pessoa, jovem ou adulto, percorreu ao longo da sua vida e de sua história. «Tal processo procurará unir fé e vida; dimensão pessoal e dimensão comunitária; instrução doutrinária e educação integral; conversão a Deus e atuação transformadora da realidade; celebração dos mistérios e caminhada com o povo»²³⁰.

É um grande desafio para a Igreja proporcionar aos seus membros, em especial aos jovens, uma formação integral que, para o pedagogo Everardo Adolpho, é ponto máximo da pedagogia renovada, entendendo que a formação completa da criança só acontece quando há unidade entre a instrução e a educação.

Everardo Adolpho, para definir o seu ponto de vista, reporta-se a Dupanloup que afirma:

Formar o homem inteligente, o homem bom, o homem com suas faculdades gerais e suas faculdades especiais e individuais, tal como a sociedade e a religião exigem: o homem antes de tudo, inteligência poderosa e pura em corpo vigoroso e são, mens sana in copore sano²³¹.

²²⁷ *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, N.º 3, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 206.

²²⁸ *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, N.º 3, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 204-205.

²²⁹ *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, N.º 3, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 206.

²³⁰ Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), *Catequese Renovada*. São Paulo: Paulinas, 1983, 29.

²³¹ Dupanloup (1851), citado por Everardo Adolpho Backheuser, *Técnica da pedagogia moderna: teoria e prática da Escola Nova*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934, 149.

A Igreja pós-conciliar preocupa-se com as mais diversificadas dimensões da vida dos jovens, desde a educação, a constituição de famílias que atuem positivamente na vida de seus filhos para que estes cresçam de forma digna (cf. GS 49), de molde a poderem fazer a sua escolha vocacional (cf. GS 52) com formação política (cf. GS 75) amparados em seu amadurecimento na fé (cf. PO 6), enfim, tendo garantidos seus direitos e sendo instruídos em seus deveres (cf. GS 27). Enfim, uma formação que permita à juventude «tomar conhecimento das realidades do mundo e lerem nos sinais dos tempos o chamamento do Senhor, para serem anunciadores do evangelho e levarem adiante a boa nova de Jesus Cristo a todas as nações» (cf. AG 39).

A Igreja presta uma atenção especial aos jovens e à sua formação, eles que em tantos lugares e países do mundo, representam «a metade de toda a população e, muitas vezes, a metade numérica do próprio povo de Deus que vive nesses países»²³². Eles constituem uma força excepcional, mas também um desafio para o futuro da Igreja.

Segundo a *Exortação Christifideles Laici* é: «nos jovens, que a Igreja lê o seu caminho para o futuro, esperando encontrar a Imagem e o convite daquela alegre juventude que o Espírito de Cristo constantemente enriquece.»

A eles o Senhor convida:

Vinde a mim, vós que careceis da instrução e habitai na minha escola. Porque quereis privar-me disso, se as vossas almas estão sedentas? Abri a minha boca e disse: ‘Enriquecei-vos da sabedoria sem necessidade de dinheiro; submetei a vossa cerviz ao seu jugo e receba a vossa alma a instrução. Ela está perto, ao vosso alcance’! (Eclesiástico 51, 23-26).

A Igreja se preocupa com a evangelização e a educação dos jovens, como também com a formação continuada dos adultos que se torna urgente atualmente. Ela envidará todos os esforços para que, em toda a parte, cada vez mais a educação seja de direito acessível à todos, aconselhando a que se multipliquem e aperfeiçoem as escolas, «com novas experiências, com novos métodos de educação e instrução, apontando-lhes o cultivo da verdade e da caridade»²³³.

Portanto para a realização do mandato recebido de Jesus, de anunciar o ministério da salvação a todos os homens e de tudo restaurar em Cristo, a Santa Igreja deve cuidar de toda a

²³² Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Christifideles Laici*, N.º 46, São Paulo: edição paulinas. 1989, 129.

²³³ *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, N.º 3, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 203-204.

vida do homem, mesmo da terrena, de acordo com a sua vocação celeste, que tem a sua parte no progresso e na ampliação na educação²³⁴.

Pois, como afirma o francês Jacques Maritain, a formação do homem deve muni-lo «[...] das armas do conhecimento, do poder de julgar e das virtudes morais»²³⁵, de tal forma a lhe proporcionar «[...] a retidão da vontade e a aquisição da liberdade interior, bem como o estabelecimento de uma sã relação com a sociedade»²³⁶. Como a formação do homem como todo faz parte da missão particular da Igreja recebido por Jesus que é fazer a vontade do Pai: «que todo aquele que vê o Filho e nele crê tenha a vida eterna» (Jo 6, 40).

Os Bispos compreendem, no documento conciliar *Gravissimos Educationes*, portanto, que como missão da Igreja, pertence à Ela,

o dever de educar... porque tem o dever de anunciar a todos os homens o caminho da salvação, de comunicar aos crentes a vida de Cristo e ajudá-los, com a sua contínua solicitude, a conseguir a plenitude desta vida... ao mesmo tempo, porém, colabora com todos os povos na promoção da perfeição integral da pessoa humana, no bem da sociedade terrestre e na edificação de um mundo configurado mais humanamente²³⁷.

Segundo Maritain: «A essência da educação não consiste em adaptar um futuro cidadão às condições e interações da vida social, mas primeiramente em formar um homem – e, por aí, preparar um cidadão»²³⁸.

A Igreja compreende que a educação é o olhar sobre o agir de cada ser humano, um meio para a realização da sua missão evangelizadora. Complementando-se, a educação ajuda a Igreja no cumprimento do mandato de Jesus: «Ide por mundo e ensinai» (Mt 28, 19-20).

Para isso, a Igreja conta com seus pastores, para difundir a fé conforme as suas possibilidades, sabendo que o Senhor chama sempre, dentre os discípulos, os que Ele quer para estarem com Ele e os enviar a evangelizar os povos. Sob a ação do Espírito Santo que «reparte os carismas como quer, inspira no coração de cada um a vocação missionária, e ao mesmo tempo, suscita na Igreja Institutos que assumem, como tarefa própria, o dever de evangelizar»²³⁹.

²³⁴ *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, N.º 3, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 204.

²³⁵ Jacques Maritain, *Rumos da Educação*, 5.ª Edição, Rio de Janeiro: Agir Editora, 1968, 36.

²³⁶ Jacques Maritain, *Rumos da Educação*, 5.ª Edição, Rio de Janeiro: Agir Editora, 1968, 40.

²³⁷ *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, N.º 3, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 206.

²³⁸ Jacques Maritain, *Rumos da Educação*, 5.ª Edição, Rio de Janeiro: Agir Editora, 1968, 43.

²³⁹ *Decreto Ad Gentes* N.º 23, in Concílio Ecuménico Vaticano II, Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 300.

E na sequência desse pedido, diz o CIC, no número 1632, que: «Os jovens devem ser conveniente e oportunamente instruídos sobretudo no seio da própria família, acerca da dignidade, missão e exercício do amor conjugal» (CIC 1632). Que os pais sejam os primeiros exemplos de vivência eclesial, de dignidade, de respeito e de amor fraternal.

É um compromisso que requer, por parte de todos os que pertencem à Igreja e assumem a missão da edificação do Reino de Deus, muito esforço e atenção ao processo formativo de cada pessoa, possibilitando que esta assuma como sua a proposta de Jesus Cristo, mediante a vivência da fé e da sua consciência, quanto à responsabilidade na vida social, educacional e solidária, tentando realizar o bem comum, como proposta de Jesus Cristo, de vida em plenitude, mediante a vivência da fé.

A Instrução catequética que, no tocante ao espaço e destaque dado à evangelização da juventude no documento da conferência episcopal Latino-Americana (CELAM), realizada em Puebla, no México, em 1979, foi considerada de suma importância no processo formativo do Jovem. O CELAM dedicando o segundo capítulo da quarta parte do seu Documento à opção preferencial pelos jovens, chama a atenção, no nº 1166 do seu documento, da necessidade de:

Apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único Salvador, para que, evangelizados, evangelizem e contribuam, como em resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e participação. (CELAM 11669)

Também o Papa Francisco, em cujo coração estão sempre presentes os jovens, pede uma especial atenção quanto às suas principais preocupações e desafios enfrentados por eles:

A juventude é a janela pela qual o futuro entra no mundo. Por isso, nos impõe grandes desafios. A nossa geração estará à altura da promessa contida em cada jovem, quando souber abrir-lhe espaço. Isso significa: tutelar as condições materiais e imateriais para o seu pleno desenvolvimento; oferecer-lhe fundamentos sólidos, sobre os quais construir a vida; garantir-lhe segurança e educação para que se torne aquilo que ela pode ser; transmitir-lhe valores duradouros pelos quais a vida mereça ser vivida; assegurar-lhe um horizonte transcendente que responda à sede de felicidade autêntica, suscitando nela a criatividade do bem; entregar-lhe a herança de um mundo que corresponda à medida da vida humana; despertar nela as melhores potencialidades para que seja sujeita do próprio amanhã e corresponsável do destino de todos. Com essas atitudes precedemos hoje o futuro que entra pela janela dos jovens²⁴⁰.

A Igreja olha de uma forma especial para os jovens, considerando-os a esperança da renovação da Igreja. Portanto, ela deve abrir-se ao diálogo e dinamismo apresentado pelo entusiasmo dos jovens, acolhendo-os com amor e predileção, assim como fez Jesus ao jovem do Evangelho (Cf. Mc 10,21). A Igreja cuidará em «encorajá-los a serem sujeitos ativos, protagonistas da evangelização e artífices da renovação social, de juventude para a Igreja e

²⁴⁰ Papa Francisco, *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, 1.ª Edição, São Paulo: Editora Paulinas, 2013, 18-19.

para a sociedade civil»²⁴¹. Que o ambiente eclesial de vida afetiva, de acolhimento do ambiente social ajude os jovens a encontrar-se com Cristo.

A Conferência Regional dos Bispos do Brasil (CRBB) declara que: «O jovem necessita não somente que falemos para ele de um Deus que vem de fora, mas de um Deus que é real dentro dele em seu modo juvenil de ser alegre, dinâmico, criativo e ousado»²⁴².

O Papa Francisco refere-se ao cristão como portador da alegria. Pois onde está o cristão deve haver a alegria que emana dos Evangelhos, que enche o coração e a vida inteira de quem se encontra com Jesus (cf. EG 1).

A Igreja conta com institutos, ordens, congregações e associações religiosas, como obra e ação do Espírito Santo, na implantação e expansão da sua ação missionária. Conta também com homens e mulheres que, em virtude da sua consagração, voltam ao serviço da Igreja, empreendendo, ao longo das suas vidas, a obra missionária segundo o modo próprio do seu instituto.

A Igreja quer contar com as religiosas e religiosos das congregações, institutos e ordens religiosas que têm, como carisma e missão, a educação, e pede que em suas escolas, colégios e obras de educação, seja ministrado à juventude «um ensino respeitador da verdade, das qualidades do coração e da dignidade moral e espiritual do homem»²⁴³, de maneira a contribuir para a missão da Igreja, levar a todos os homens a Boa Notícia, Jesus Cristo (CIC 931).

É bela, portanto, e de grande responsabilidade a vocação de todos os enviados pela Igreja, a colaborar com a sua missão de educar na fé, «partem, movidos pela fé e obediência, para junto dos que estão longe de Cristo, escolhidos para uma obra à qual foram destinados (cf. At. 13,2), como ministros do Evangelho» (AG, 23).

No desejo de colaborar com a missão e o apelo da Igreja, as RIC no art.º 5 das suas constituições, informam: «Em nossas obras de educação, nossa principal tarefa é promover a formação cristã dos jovens que nos são confiados e associar nossos colaboradores e as famílias ao que sempre foi e deve permanecer nossa principal preocupação. Proporcionar o

²⁴¹ Papa João Paulo II, *Exortação Apostólica Christifideles Laici*, N.º 46, 130-131.

²⁴² Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), *Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais*, São Paulo: Paulinas, 2007, N.º 80, 55.

²⁴³ *Catecismo Igreja Católica*, N.º 931, 214.

encontro dos jovens com o eterno bem, Jesus Cristo, aquele que caminha com o ser humano lado a lado em passo de amor»²⁴⁴.

A Assembleia Geral dos Bispos do Brasil chama a atenção: «Ou educamos na fé, colocando as pessoas realmente em contato com Jesus Cristo, convidando-as para seu seguimento, ou não cumpriremos nossa missão evangelizadora»²⁴⁵.

O concílio Vaticano II exorta os filhos da Igreja a: «colaborarem generosamente em todo o campo da educação, sobretudo nos justos benefícios da educação e da instrução»²⁴⁶. Pois todos os que foram batizados, são filhos de Deus e têm o direito à educação cristã, que os introduz gradualmente no conhecimento do mistério da salvação, do dom da fé, e aprendem a adorar a Deus Pai em Espírito e verdade (cf. Jo. 4,23) e a cooperar para o bem da sociedade.

De facto, proporcionar aos jovens a sua inserção na Igreja é dar-lhes condições para exercer a tarefa do compromisso efetivo na construção da nova civilização, do amor e da paz, tarefa muito exigente que exige uma profunda formação e participação responsável (DP 1192).

Por esta razão pastoral da juventude deve ser um processo de educação na fé que conduza à conversão e a um compromisso com a evangelização (cf. DP 1193).

A educação cristã deve apresentar aos jovens o Cristo vivo, Deus e homem, modelo de simplicidade, autenticidade e fraternidade, de maneira a penetrar profundamente nos seus corações, libertando-os de todo o pecado e de suas consequências e comprometendo-o com a libertação de todas as pessoas, por meios não violentos, mas por amor (cf. DP 1194).

A formação oferecida aos jovens deve proporcionar, em primeiro lugar, a experiência do encontro com Jesus, de tal maneira a despertar em seus corações o ardor missionário, motivando-os a olhar além de si próprios e partir ao encontro de outros jovens, para falar-lhes de Jesus e resgatá-los das “tramas do mundo”²⁴⁷.

Com muito entusiasmo e confiança na juventude, o Papa Francisco diz: «Cristo ‘bota fé’ nos jovens e confia-lhes o futuro de sua causa: ‘Ide, formai discípulos’. Ide para além das

²⁴⁴ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, Artigo 5.º, 14.

²⁴⁵ Conselho Episcopal Latino-Americano, *Documentos do CELAM: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingos*, São Paulo: Editora Paulus, 2004, 287.

²⁴⁶ *Decreto Gravisimum Educationis* N.º 1

²⁴⁷ “Trama do mundo” ou “coisas do mundo”, refere-se ao descuidar da vida espiritual, que torna as pessoas vulneráveis às coisas do mundo, ou seja, às situações do mundo que os cega. *Vide* Padre José Carlos Pereira, *Liturgia da Palavra II, Reflexão para os Domingo, solenidades, festas e memorias*, São Paulo: Paulus, 323.

fronteiras do que é humanamente possível e criai um mundo de irmãos»²⁴⁸. E afirma que os jovens também “botam” fé em Cristo e acreditam Nele, a ponto de «não ter medo de arriscar a única vida que possuem porque sabem que não serão desiludidos»²⁴⁹. O Papa Francisco conclui que a Igreja, seus pastores e demais fiéis precisam da juventude para se renovarem.

²⁴⁸ Papa Francisco, *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, 17.

²⁴⁹ Papa Francisco, *Palavras do Papa Francisco no Brasil*, 17.

CAPÍTULO 4

A AÇÃO PASTORAL DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ NO BRASIL

No quarto capítulo, apresentar-se-á a ação pastoral das RIC junto aos jovens do nordeste brasileiro, nas suas obras de educação, no meio popular e em meios mais abastados, a delinear os êxitos e desafios desta ação evangelizadora.

Ocorre que, atualmente, os jovens passam por um tempo de crise, a perda da identidade. Assim sendo, o desafio da evangelização do Instituto consiste em convencer os jovens das suas potencialidades e capacidades a nível humano, psíquico e espiritual.

O Papa Francisco, na exortação *Christus Vivit*, diz que Cristo quer o “Jovem Vivo.” Esta é a missão das religiosas, proporcionar ao jovem a Glória de Deus, que segundo Santo Ireneu é o “homem vivo”.

Os jovens são o futuro e o renovar da Igreja. Por isso, as religiosas, para chegarem aos jovens e para fazê-los ouvir, criam novas formas de ação pastoral de evangelização, os chamados “projetos de evangelização”, que têm, por objetivo, proporcionar, de forma lúdica, dinâmica e atraente, momentos de encontro significativos e qualitativos com Deus.

Daí que neste último capítulo, pretendo mostrar o quanto as RIC, no desenvolver da sua missão em quase dois séculos, se preocuparam e ainda se preocupam com a instrução e educação da fé da juventude de maneira a não se acomodarem, prosseguindo, sem medirem esforços e doação, no desejo de corresponder ao apelo da Igreja expresso no *Duc in altum*, “Faz-te ao largo” (Lc 5, 4).

Ano após ano, o desejo de fidelidade e de correspondência ao chamamento de Deus e à realização da sua vontade alimentou e alimenta as RIC. As irmãs mantêm-se sempre atentas às necessidades da Igreja que apela aos religiosos consagrados, nos seus documentos conciliares e do CELAM, a partir de Puebla, a ter uma atenção preferencial aos pobres e aos jovens. Para isso, as RIC buscam, a cada ano que passa, atualizar, em atitude de renovação, o Carisma e a sua ação pastoral e missionária junto à juventude nordestina brasileira. Uma experiência de vida que ultrapassa a barreira do tempo há mais de 125 de 200 anos de existência fundacional da congregação começado por Madre Agathe, na Bélgica.

É no requerimento dirigido ao Santo Padre Leão XIII que Madre Agathe e suas auxiliares pedem a aprovação da Congregação que acabara de fundar em 1823, da sua Regra e do seu Carisma, de maneira a amar e servir a Deus e a Igreja.

4.1. O PROTAGONISMO MISSIONÁRIO DAS PRIMEIRAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ BELGAS NO BRASIL PERNAMBUCANO DE 1896

Relembrando um pouco o início da história da Igreja missionária fora da Europa, percebe-se que essa história está inserida na história de um povo, num espaço e tempo determinados.

Segundo o autor Certeau, «a história é o lugar de experimentação, maneira de revelar diferenças. Saber do outro e, portanto, de si mesmo»²⁵⁰.

É assim que, a partir da expansão marítima e das descobertas de novas terras, nos séculos XV a XVIII, se dá o primeiro ciclo do *Duc in altum* - "Faz-te ao Largo" (Lc 5,4) da Igreja. Com o Papa Alexandre VI que, neste período, faz algumas concessões, «encarregando não só o Rei português como também o espanhol, de organizar a Igreja nas terras que haviam conquistado após as descobertas com a formação de dioceses, nomeação dos bispos, envio de missionários para a evangelização, etc. Essas concessões designavam-se como o direito de padroado»²⁵¹.

Foi esta a forma de a Igreja participar no novo mundo das descobertas e expansão, aproveitando a oportunidade de fazer chegar o Evangelho de Jesus Cristo aos novos povos que se encontram para além do mar (cf. Lc 5,4).

O segundo ciclo do avançar para águas mais profundas da Igreja para evangelizar se inicia no século XIX, com algumas melhorias. A Igreja do séc. XIX dedica um grande esforço para organizar as missões: «trata-se de arranjar os fundos tão necessários, de recrutar o pessoal adequado, de se estruturarem as missões e finalmente de se elaborar um método»²⁵². Pois é um século que, no seu contexto geral de mundo, passa por grandes transformações com «as missões protestantes, com o domínio marítimo da Inglaterra, conheceram uma tremenda expansão»²⁵³.

O apelo ao *Duc in altum*, toma grande ênfase na Igreja Missionária do século XIX, nos papados de Gregório XVI (1831-1846) ao de Pio XI (1922-1930), denominados como os papas da missão, que decorrem aproximadamente em cem anos²⁵⁴.

²⁵⁰ M. de Certeau, *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982, 34.

²⁵¹ Carlos Verdete, *História da Igreja II, do cisma do Oriente (1054) até o fim do século XIX*, 78.

²⁵² Carlos Verdete, *História da Igreja II, do cisma do Oriente (1054) até o fim do século XIX*, 115.

²⁵³ Carlos Verdete, *História da Igreja II, do cisma do Oriente (1054) até o fim do século XIX*, 114.

²⁵⁴ Carlos Verdete, *História da Igreja II, do cisma do Oriente (1054) até o fim do século XIX*, 114.

Neste período, surgiram as congregações religiosas especificamente missionárias, dedicadas à evangelização tanto masculinas como femininas. Fruto do trabalho feito pela Congregação *Dei Fide* (reação da propagação da Fé) criada no século XVII, em 1662, em Roma, para dirigir a evangelização fora da Europa²⁵⁵. Essa congregação passou por uma reorganização em 1817, «precisamente pelo seu Prefeito (isto é, administrador) mais importante, entre 1826 e 1831, o futuro Papa Gregório XVI»²⁵⁶. Tudo para tornar Jesus conhecido nas terras do novo mundo.

A Igreja passa a contar com a colaboração das Congregações, Institutos e Ordens Religiosas, na sua missão de evangelizar, para expandir o conhecimento e a fé em Jesus Cristo, a Boa Nova do Seu Reino, a salvação e amor pela humanidade.

É assim que, através do pedido ao papa Leão XIII, numa carta endereçada ao bispo de Gand da Bélgica, no ano de 1894, começa a história da missão das RIC fora da Europa que só será possível mediante o compromisso firmado entre Madre Agathe e o Papa Leão XIII, expresso no requerimento que ela enviou ao Papa, em 1823, onde afirmava que o objetivo da sua obra era o veemente desejo de se sacrificar e se consagrar inteiramente a Deus e à juventude não somente em Gand, mas em toda a parte onde pudessem «*cooperar na Propagação da glória do Senhor*»²⁵⁷, o que lhes foi concedido, obtendo de Sua Santidade a aprovação da sua regra e do seu carisma.

Mediante o compromisso que Madre Agathe firma com o Papa Leão XII, o instituto das RIC. se compromete a estar disponível a toda e qualquer necessidade da Igreja, pondo-se ao serviço por amor, ao contribuir com a sua missão de instruir, ensinar, educar e amar a juventude.

Daí por diante se entende o porquê do carisma se deslocar para diversos países do mundo; o pulsante ardor missionário das RIC já não cabia mais entre as fronteiras da Bélgica, mas devia estender-se para mais longe. Essa era e é a vontade de Deus.

As RIC estão conscientes de que o nome de Jesus e a Sua salvação que é a Boa Nova do Reino deve chegar mais longe, a todos os povos do mundo.

A evangelização consiste essencialmente no «anúncio de Jesus Cristo morto e ressuscitado, como a “Boa Nova” do Reino e sinal do amor salvífico de Deus para com o

²⁵⁵ Carlos Verdete, *História da Igreja II, do cisma do Oriente (1054) até o fim do século XIX*, 78.

²⁵⁶ Carlos Verdete, *História da Igreja II, do cisma do Oriente (1054) até o fim do século XIX*, 114.

²⁵⁷ *Constituições das Damas da Instrução Cristã*, 7.

mundo»²⁵⁸. Evangelizar é preciso! Só chegando mais longe e alcançando novos povos e culturas é possível o diálogo universal do amor, para que todos entendam que o objetivo é atingir a Boa notícia da salvação e viva a alegria do Evangelho.

A saída das irmãs da Bélgica, no dia 30 de setembro de 1896, para o Brasil, Pernambuco, atendendo à solicitação de Leão XIII para que as Congregações religiosas colaborassem no trabalho apostólico na América do Sul, testemunha total disponibilidade das RIC em realizarem a vontade de Deus em suas vidas, dedicando-se ali à instrução e educação cristã da juventude.

Importante observar que o mandato do Senhor na vida das RIC, para avançar além-mar, veio através do Monsenhor Antoine Stillemans que, no dia 17 de novembro de 1894, solicitou a Mère Ignace Pollenus, superiora geral da época, que se apresentasse no Palácio Episcopal, para compartilhar o conteúdo de uma carta, vinda da parte do Papa Leão XIII, endereçada ao Bispo, com um assunto muito importante, a ser transmitido às congregações de sua diocese que trabalham com o ensino²⁵⁹.

Três dias depois, em 19 de novembro, Madre Ignace acompanhada de Madre Sophie Wauthier, Superiora de Doorsele e Conselheira Geral, dirigiram-se ao Palácio episcopal, onde foram recebidas por Monsenhor Antoine Stillemans que se mostrou sobremaneira interessado em conhecer o instituto, dando a sua bênção apostólica às casas das RIC já fundadas²⁶⁰.

Monsenhor Stillemans diz às irmãs que o motivo do seu convite é transmitir-lhes o conteúdo da carta do Papa Leão XIII que apela, em nome de Deus, às congregações que se dedicam ao ensino, para colaborarem, «pela instrução da Juventude, pela renovação da vida cristã, na América do Sul»²⁶¹, que vive «abalada pela ignorância e imoralidade»²⁶² disseminada pelas ideias anticlericalistas do Regime Republicano implantado em 1889.

O antropólogo Thales de Azevedo na sua obra “O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social” afirma que:

²⁵⁸ Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil*, DGAE, Nº 70, doc. 61, Paulinas, 2002, 15, acedido a 15 de fevereiro 2021, <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbntYWduaWZpY2F0YW1kfGd4OjQwM2RjZTRINjJmZGEwODY>.

²⁵⁹ Cf. Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 82.

²⁶⁰ Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, Recife: Damas, 1996, 86-87.

²⁶¹ Cônego Simenon, *Congregação das Damas da Instrução Cristã*, 101.

²⁶² Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 87.

A partir da proclamação da República, a Igreja que, reorganizar a sua estrutura e restaurar as ordens religiosas cujas comunidades haviam sido quase extintas devido ao encerramento dos seus noviciados nas últimas décadas do século XIX. A maior parte das ordens religiosas necessitou estabelecer novas comunidades com pessoal estrangeiro; nas zonas de imigração, nos Estados do Sul, muitos padres seculares estrangeiros foram convidados a encarregar-se das populações rurais²⁶³.

Suscita da parte da Igreja Católica Apostólica Romana oportuna oposição às tendências laicistas da legislação nacional maçónica, especialmente no campo da educação.

O Papa Leão XIII, na sua Carta apostólica *Praeclara Gratulationis*, condena tais práticas, que:

Sob o pretexto de reivindicar os direitos humanos e tranquilizar a sociedade civil, ataca ferozmente o Cristianismo; repudia a doutrina transmitida por Deus; despreza os deveres religiosos, os sacramentos divinos e os bens mais sagrados, querendo referir-se: às superstições: ao casamento, à família, à juventude nas, à moral pública e privada; procura arrancar a marca cristã e remover das almas todo o respeito pela autoridade humana e divina²⁶⁴.

As questões objetivas foram apresentadas a Madre Ignácia Póllen, superiora geral que, depois de um tempo para discernir, conseqüentemente atende ao apelo da Igreja, declarando através de uma carta ao Papa Leão XIII:

... há algum tempo, o desejo de Vossa Santidade apelando para as ordens dedicadas ao ensino para secundar vosso zelo, regenerando a América meridional pela instrução e pela educação cristã da juventude, estamos aqui prontas, apesar de nossas fraquezas e de nossa indignidade, a ir para o Novo Mundo, guiadas pela Graça de Deus, trabalhar como verdadeiras Religiosas da Instrução Cristã para a maior Glória de Deus e para a salvação das almas²⁶⁵.

Madre Ignace está segura de que o melhor meio de conseguir esse fim, seria através do sacrifício de suas vidas, dos seus projetos, lançando-se na incerteza do desconhecido de uma terra distante, não por qualquer motivo fútil, mas por amor à educação e instrução cristã da juventude que está para além do mar - *Duc in altum* (Lc 5,4). Lema que as RIC assumiram para identificar o seu impulso missionário em saída, que marca a instauração de suas obras de educação no Brasil, por obra do Espírito Santo.

Foi com o desejo de responder ao chamamento de Deus e realizar o Seu mandato: «Faz-te ao largo» (Lc 5,4), «Ide e ensinai» (Mt 28, 20), que oito religiosas e uma leiga foram escolhidas e enviadas por Madre Ignace Pollenus, superiora geral: Irmã Livine Dirckx, Madre Marie Barbe Duchaine, Irmã Gabrielle Vreese, Irmã Hubertine Srooten, Madre Elizabeth Dobbelaere, Irmã Rosalie Ruyeus, Madre Marie Alphonse Cloes, e dois leigos «Mademoiselle

²⁶³ Thales de Azevedo, *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*, Coleção Nordeste, Salvador: Edufba, 2002, 35.

²⁶⁴ Papa Leão XIII, *Carta Apostólica Praeclara gratulationis* (20 de junho de 1894), acedido a 1 de setembro de 2021. https://docs.google.com/document/d/1yUzhR14HXYh6DejWpDIX_oXZuI2v1V7ume1ST_wigM0/edit#.

²⁶⁵ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 85.

Elisa Dobbelaere»²⁶⁶ e «Louis, o funcionário belga que vinha na caravana»²⁶⁷, sob a direção de Madre Loyola Steyart, Responsável pela missão no Brasil.

No dia 29 de setembro de 1896, para cerimônia de envio se encontravam de joelhos no meio do coro da Igreja de Dooresele as oito religiosas, tendo à frente Madre Loyola Steyaert de Gand como superiora, a Madre Marie-Aphonse de Liège como assistente, que receberam das mãos de Madre Ignace: a cruz, o Evangelho e as constituições do Instituto das Religiosas da Instrução Cristã que serão para elas companheiros inseparáveis “onde encontrarão o que Deus pede”.

Com o coração tocado fortemente pela palavra de Deus, Madre Marie Alphonse recorda as afirmações do Monsenhor Drubbel em seu sermão: «Parti! Deixai tudo, para conhecer o nome de Deus, para estender o Reino de vosso Esposo, para cumprir Sua Vontade que faz a felicidade dos anjos e dos Santos! Respondei, como apóstolas, à vossa sublime missão»²⁶⁸.

Essas religiosas partem, portanto, da Bélgica para o Brasil pernambucano, com o coração para o alto *Duc in altum*, onde buscam a força, a confiança e a alegria, para caminhar em busca da maior glória de Deus, doando-se inteiramente à juventude.

Elas saíram do seu país, a Bélgica, com rápida passagem de dois dias em Londres, para, em seguida, embarcarem na aventura de uma longa viagem, atravessando o Oceano Atlântico no navio a vapor “Nile”, até desembarcarem na cidade do Brasil chamada Recife, rumo a Olinda, levando na bagagem uma missão designada pelo Papa Leão XIII: *intensificar o trabalho apostólico nas Américas*.

As RIC encontram no rosto da juventude a motivação do seu carisma de sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à juventude, tendo presente no coração de cada religiosa o pulsar da missão de revelar a face do Cristo educador.

O mundo espera que as RIC sejam fermento de vida evangélica, onde quer que cheguem os seus trabalhos. Madre Loyola avançou, a ela foi confiada por Madre Ignace, superiora geral, a missão do Brasil que iniciou em 1896 e que completará 125 anos em 2021.

²⁶⁶ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 14.

²⁶⁷ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 20.

²⁶⁸ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 15.

O autor, António Maria afirma:

«O carisma não se mantém na história como se mantém um patrimônio de ideias, de valores, de experiências, somente porque seja possível contrastar com novas perspectivas e novas emergências. Mantém-se, sim, como uma “graça viva”, cuja direção pertence ao Espírito Santo: começa com um evento de graça que envolve o carismático em um ardente caminho para seguir a Cristo e pode permanecer na história somente como uma graça que sempre se renova»²⁶⁹.

A eficácia de um carisma se confirma quando ele não se perde no tempo, mas ele se sustenta e se renova ao longo da história com combates sólidos e com desejo de continuar avançando.

Qual o tamanho da missão que Madre Loyola, junto com suas irmãs, imaginava plantar no Brasil? Como foram os primeiros anos de sua chegada?

Nem ao mar nem à terra. Sentadas num pequeno barco que o mar se divertia sacudido em todas as direções! Um silêncio apenas quebrado pelo bater dos remos nas vagas. Nesse compasso de espera, um abandono completo à Providência. Era o início da missão. E se pela mente, poderia passar a inquietação desse amanhã que a vida lhes reservava, o coração respondia com a renovação do Sim sem restrições. Tudo seria unicamente - hoje e sempre para maior Glória de Deus!²⁷⁰

Era uma quinta-feira, 15 de outubro de 1896, o navio a vapor Nilo atracava em pleno mar do Recife, lançando suas âncoras, «pois a baía, cheia de recifes, só era acessível a pequenos navios»²⁷¹. O navio Nilo vindo da Europa chegava ao seu destino Brasil pernambucano depois de 12 e 1/2 dias²⁷² de viagem, atravessando o Oceano Atlântico. No dia seguinte, o diário de Pernambuco reservou um espaço em seu editorial para destacar a chegada de ilustres passageiras na embarcação²⁷³.

São precisamente nove mulheres: oito consagradas e uma leiga vestidas com roupas próprias para o clima europeu e não apropriadas para o calor do Nordeste, que deixaram as suas origens para plantar em solo brasileiro uma bela missão.

As RIC chegam ao Brasil em 1896 e encontram um país repleto de contradições e de mudanças, que acabara de sair de uma estrutura de Brasil Imperial para, agora, viver uma estrutura de Brasil Republicano com suas ideias de desenvolvimento. Um Brasil que deixa de

²⁶⁹ Antonio Maria Sicari, *Gli Antichi carisma nella Chiesa*, Milano: Jaca Book, 2002, 32-33.

²⁷⁰ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 71.

²⁷¹ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 71.

²⁷² Cf. Repositório Institucional da UF, *Jornal Diário de Pernambuco*, p. 4, acessido a 3 de agosto de 2021 <https://ufdc.ufl.edu/AA00011611/17721/12x>.

²⁷³ Cf. Repositório Institucional da UF, *Jornal Diário de Pernambuco*, p. 3, acessido a 3 de agosto de 2021, <https://ufdc.ufl.edu/AA00011611/17721/11j>.

ser católico e passa, então, a ser um estado laico sem o envolvimento de Deus, ou seja, da Igreja no meio político governamental do país²⁷⁴.

É neste contexto, neste processo de mudança que as RIC entram com uma proposta de mudar a sociedade, por meio da educação e por meio do acolhimento dos jovens, inicialmente a meninas, uma classe esquecida pelo novo regime.

A primeira morada das irmãs RIC, foi o Convento de São Francisco na Cidade de Olinda²⁷⁵, que fica na região metropolitana do Recife. O disparar do coração diante das novidades misturada ao cansaço de tantos dias de viagem foi acalmado já no primeiro momento pelo cuidado recebido dos "Reverendos padres Beneditinos Dom Michel e Dom Dinis e seis religiosas de Gysegem"²⁷⁶ que as recepcionaram no convento.

Esperavam-nas com mesa farta, no refeitório, brindaram com vinho do Porto a prosperidade do projeto das religiosas da Instrução Cristã no Brasil. Madre Tarcísia narra no seu livro "As Damas no Brasil", os primeiros momentos das RIC belgas: os movimentos e experiências foram tantas que o descanso só veio mais tarde, em cômodos simples, confortáveis e aconchegantes, situados no primeiro andar do convento. «Os quartos foram preparados para cada uma com o indispensável conforto», declararam às irmãs: «aí dormimos nossa primeira noite que, para a maior parte de nós, foi de pouco sono»²⁷⁷. A nova casa mostrou-se mais surpreendente do que elas imaginavam. Nos dias que se seguiram, o olhar poroso e comprometido das irmãs para com o convento, mostrou a pérola da história de fé que as recebia.

A sacristia de São Francisco é uma das joias mais preciosas e mais autênticas de Olinda, com um estilo barroco, o local é também importante templo da história do povo que passou a abraçar a missão. Todo esse enredo foi um dos principais ingredientes para as Religiosas Belgas no aprendizado da língua portuguesa. Elas andavam, perguntavam e conversavam sobre a nova morada e iam-se tornando cada vez mais brasileiras. Pouco a pouco, as correspondências eram enviadas aos familiares e às superiores. Levando para as superiores informações do dia-a-dia e a percepção graciosa do novo lar.

²⁷⁴ Cf. C. Mouffe, *Religião, democracia liberal e cidadania*. In: Joanildo Burity; M. Machado (Orgs.), *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições*. Recife: Massangana, 2006, 20.

²⁷⁵ O convento construído em 1585 foi completamente destruído por um incêndio em 1631 quando os holandeses ocuparam Olinda. A construção só foi possível em 1715 para terminar só em 1755. In, Fr. A. de S. M. Jaboatão (1858), *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, 138.

²⁷⁶ Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 73.

²⁷⁷ Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 73.

Em resposta a uma dessas cartas, desabafa a Madre Geral: «Como vocês são felizes nesse Brasil tão cheio de encantos! Louvemos ao Senhor!»²⁷⁸

Os ensinamentos desta casa não cessavam, no dia 21 de novembro, festa da Apresentação, a Igreja, estava ornada como para os dias de grandes festas, parecia «um pedaço do céu». A cada missa, a cada solenidade o povo brasileiro era mais numerosos, dando às irmãs uma primeira impressão real de quanto eram sedentos de Deus e quão comovente era a sua devoção a Maria Santíssima, considerando-os altares de seus corações²⁷⁹.

Movida pela vocação que Cristo lhe concedeu, Madre Loyola e suas companheiras chegam ao Brasil com o coração muitíssimo aberto e disposto a propagar o carisma das RIC, de sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à juventude e à educação dos jovens, legado da madre Agathe.

Trazendo no coração, o ardor apostólico, o zelo e o espírito missionário, com o desejo de educar a juventude à luz dos valores do Evangelho. E afirmam: Queremos hastear a bandeira do Sagrado Coração de Jesus em terras brasileiras «para que, por nossos sacrifícios e trabalhos apostólicos, seja mais amado e conhecido o Coração Divino»²⁸⁰.

As RIC, por desejo da Madre Geral, começaram a sua missão de educar e instruir na fé a juventude pernambucana brasileira, iniciando as atividades do seu primeiro colégio dedicado à Sagrada Família, em março de 1897, com a primeira aluna do pensionato que chegou pouco depois das irmãs, de seu nome Filadélfia de Paula Lopes com apenas «onze anos de idade, deixando marcas indeléveis na história desta missão»²⁸¹.

Um ano se passou e o número de novas alunas não cresceu como as irmãs esperavam: eram dez internas entre o dia 5 e 20 de outubro de 1897, e as despesas aumentavam a cada dia²⁸². As irmãs preocupam-se com o futuro do colégio. Transferir a missão para outra região do país era uma possibilidade cada vez mais forte.

Decidiram assegurar as orações a São José, protetor e amigo fiel que traria uma solução. Aconselhou Madre Ignace à comunidade de Madre Loyola: «Aguardem a festa do nosso protetor, ele não nos faltará. Se ainda não se vê um resultado claro e satisfatório, minha filha, é que ele reserva qualquer coisa no dia de sua festa. Aguardemos um pouco. Deus

²⁷⁸ Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 162.

²⁷⁹ Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 151.

²⁸⁰ Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 24.

²⁸¹ Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 168.

²⁸² Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 172.

cuidará por intercessão de São José!»²⁸³. Do dia 11 a 19 de março oraram na capela do Convento, entregando o destino da missão a São José, pois as religiosas viam nele um fiel intercessor, que não deixou de dar uma resposta às irmãs, «Dia 19: eram 19 as internas!»²⁸⁴ Esse era o sinal da vontade de Deus, as RIC deviam permanecer em Olinda, Pernambuco.

As irmãs tinham desejo de fazer a vontade de Deus e descobrir qual era. As RIC, belgas, diante das suas incertezas, colocam os seus corações no Sagrado Coração de Jesus: «Vontade do Coração de Jesus dispõe de nossos corações, do nosso ser, do nosso futuro.»²⁸⁵ Madre Loyola comunica, por carta à Madre Geral, a resposta que o Sr. O Bispo acabara: «de receber, por intermédio do Núncio, a permissão do Santo Padre, o Papa, para estabelecer seu seminário no convento de São Francisco, em Olinda. O despacho de Sua Santidade vem acompanhado do consentimento do Provincial dos franciscanos»²⁸⁶.

A chegada de novas internas confirmam a permanência das RIC, do seu Carisma e missão em Pernambuco só que agora em novo endereço, a casa do Arcebispo.

Quando deixaram o Convento de São Francisco, as religiosas levaram com elas para o Palácio do Bispo, 19 alunas. Talvez não imaginassem que era só um começo de uma história de milhares de vidas.

Uma questão se tornou imperativa no segundo ano das religiosas no Brasil: a necessidade de uma casa definitiva. A solicitação do Convento para acolher o seminário e as novas necessidades desafiaram as irmãs a buscar uma sede para a congregação. Sempre criadas por São José, Padroeiro da Igreja Católica, devoção instituída pelo Papa Pio IX em 1870²⁸⁷.

A casa ideal foi comprada em Recife, 5 anos depois que as RIC chegaram ao Brasil, «o Sobrado de Ponte d'Uchoa que pertencia ao Comendador Luiz Morais Gomes Ferreira que lá morou com seus seis filhos e a esposa, Ana Leopoldina de Sequeira Ferreira. Em 1921, as religiosas compraram a Casa do Barão de Casa Forte, que juntaram ao primeiro terreno»²⁸⁸.

Seuer Califice relata que: «a comunidade da Sagrada Família, composta de dezasseis religiosas sob a égide de Mère Loyola Steyaert, deixa o Palácio de Olinda para a nova casa do

²⁸³ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 190.

²⁸⁴ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 192.

²⁸⁵ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 179.

²⁸⁶ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 179.

²⁸⁷ Cf. Papa Francisco, *Carta Apostólica Patris Corde*, Prior Velho: Editora Paulinas, 2020, 05.

²⁸⁸ *Damas 112 anos*, In <http://www.colegiodamas.com.br/web/noticia/damas-112-anos>, acessado a 27 de julho de 2021.

Recife. A população escolar não cessava de aumentar: 184 internas e 134 semi-internas em 1926»²⁸⁹. É aí que as RIC começaram mais um capítulo importante nas suas vidas.

Fundaram ali o Colégio Damas que até hoje é um espaço que perdura há 125 anos no desempenho da sua missão de instruir e de educar milhares de jovens em terras brasileiras.

Olhar para essas religiosas que, naquela época do século 18/19, tiveram um olhar muito à frente do seu tempo, assim como para tantas outras mulheres que, pouco a pouco, foram encontrando e conquistando espaço e respeito na sociedade e no mundo, são exemplos que devemos seguir. Uma dessas mulheres é Clara de Assis que também rompe com o padrão da sua época, para seguir o modo de vida de Francisco. Colocam-se da mesma forma também as irmãs RIC que fazem essa experiência de romper, muitas vezes, com a realidade da época, saindo da sua realidade europeia para abraçar outra realidade, formas de vida, com mentalidade diferente, um povo novo um novo mundo da América Latina.

A audácia dessas mulheres religiosas levou-as a saírem da sua zona de conforto, na Europa, dispondo-se a partir para uma realidade de missão com desafios, demonstrando deste modo, a abertura dos seus corações, a condução do Espírito Santo e o seguimento radical de Jesus Cristo.

Chamadas por Deus a deixarem tudo, as RIC colocaram-se à disposição da igreja cuja cabeça é Jesus Cristo (cf. 1Cor 12, 27), fazendo parte daqueles e daquelas que se consagram e se dedicam ao Reino de Deus.

Madre Loyola, no contexto da expansão da missão das RIC no Brasil, demonstra a mulher ousada, corajosa que ela é, com uma visão muito à frente do seu tempo. Madre Loyola torna-se uma referência na cidade do Recife que, em reconhecimento ao protagonismo dessas mulheres, dedica-lhe uma das suas ruas - *A Rua Madre Loyola* que fica em frente ao colégio Damas, no Recife.

No Brasil, o carisma das religiosas cristãs ganhou sotaque diferente e a força da perseverança em Deus.

4.2. A CONCRETIZAÇÃO DA AÇÃO APOSTÓLICA DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ PÓS-VATICANO II

²⁸⁹ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 87.

O Concílio Vaticano II (1962-1965) foi um acontecimento na vida da Igreja que marcou a sua história, obtendo uma repercussão mundial até os dias de hoje.

Ao convocar o Concílio, o Papa João XXIII, tinha o desejo de abrir as janelas da Igreja às diversas realidades do mundo, trazendo-lhe uma lufada de ar fresco. O papa convocou a Igreja a pensar no seu *aggiornamento*²⁹⁰, ou seja, atualizar sua conceção identitária eclesial, fomentada pela vivência cristã entre os fiéis e com abertura às necessidades contemporâneas, promovendo «tudo o que pode ajudar à união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja» (SC, 01).

Segundo afirmação de Helmut Hoving:

O *aggiornamento* para adequar a Igreja aos tempos atuais não deveria significar a mera adaptação a relações mutáveis, mas sim abertura ao mundo moderno. O *aggiornamento* da Igreja, que era o objetivo do Concílio, não se verificou através da rutura com a tradição, nem com a adaptação a um ambiente transformado, mas mediante um encontro do presente com o passado, dando origem a uma simbiose perfeita²⁹¹.

O convite do Concílio ao *aggiornamento* tem como objetivo romper com o isolamento em que a Igreja entrou com o mundo moderno no séc. XIX. O Papa João XXIII queria acordar a Igreja, orientando-a para o diálogo com o mundo contemporâneo.

Como foi visto anteriormente, as RIC, num tempo bem anterior ao Concílio, já vinham tecendo um processo de *aggiornamento*, de renovação e de mudança paradigmática, pastoralmente falando, desde a saída da Bélgica, para implantar o reino de Deus na América Latina e na África, continentes de missão.

O avançar para as águas mais profundas da missão de evangelizar das RIC belgas foi sempre acompanhado pela flexibilidade dos seus corações, dispostos a acolher os movimentos do Espírito Santo que, dia após dia, as conduzia pelos caminhos indigitados por Deus.

Ao contemplar a comunidade da Sagrada Família, composta de dezasseis religiosas sob a égide de Mère Loyola Steyaert, deixar o Palácio de Olinda para a nova casa do Recife²⁹², tudo confirma justamente a sensibilidade dos corações das RIC belgas. Nas novas dependências, o projeto de Deus se confirmava na vida e na missão das RIC. A escola não

²⁹⁰ A Vaticannews explica: “*Aggiornamento*” é um termo italiano, que significa “atualização”, renovação. Acedido a 21 de setembro de 2021, <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-08/concilio-vaticano-ii-aggiornamento-sacrosanctum-concilium.html>.

²⁹¹ Helmut Hoving, *A Constituição Sacrosanctum Concilium. In: As Constituições do Vaticano II, Ontem e Hoje*, (Org.) Geraldo B. Hackmann; Miguel de Salis Amaral, Edições CNBB, 2015, 99-100, acedido a 21 de setembro de 2021, <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-08/concilio-vaticano-ii-aggiornamento-sacrosanctum-concilium.html>.

²⁹² Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l’Instruction Chrétienne*, 87.

cessava de aumentar, dia após dia. A fama de boas educadoras da juventude aumentava não só na cidade do Recife, mas também noutras cidades, despertando o interesse dos bispos em ter nas suas dioceses uma obra de Educação das RIC.

No antes e pós-concílio, muitos bispos viram no carisma das RIC uma inovadora contribuição para a missão e evangelização da Igreja. As RIC foram convidadas por vários Bispos, a abrirem, em suas dioceses, uma escola ou fraternidade para que de forma afetiva e efetiva, os ajudassem no diálogo com a juventude moderna segundo as orientações do concílio.

Um ponto importante considerado e uma das maiores revoluções do Vaticano II foi a afirmação de que todo o cristão, pelo batismo, é por natureza um apóstolo.

Considerando este ponto de vista, as RIC são chamadas a serem apóstolas da mensagem de Cristo para a juventude e para o mundo. Na verdade, no pensamento pastoral inovador do Papa João XXIII, a Igreja precisava de contemplar um horizonte mais vasto, promovendo as transformações e mudanças, dentro (ad intra) e fora dela (ad extra).

A intenção de diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo exigia a unidade e esforço de todo o corpo eclesial. Consequentemente, a vida consagrada religiosa, como parte integrante da Igreja, é convidada à renovação, tendo como referência a *Constituição Dogmática Lumen gentium-LG*, que fala sobre as necessárias mudanças da realidade eclesial a partir de dentro, para estar mais aberta ao diálogo com o mundo contemporâneo. Dentro dessa reflexão, o concílio dedica o sexto capítulo da *Lumen Gentium*, que aborda o tema do *aggiornamento* da VRC, que está inserida no contexto de renovação da concepção de Igreja, e o Decreto *Perfectae Caritatis* - PC, que aborda especificamente a VRC.

Citando os dois documentos do concílio *Lumen Gentium* e *Perfectae Caritatis*, Suer Monique afirma: «O ensinamento da Igreja põe em evidência a dimensão eclesial da vida religiosa. É nela que a Igreja realiza sua finalidade, partilha a vida e continua a obra de Cristo, seu Esposo (*Lumen Gentium*). Por ela, a vida religiosa tem um caráter apostólico. O decreto *Perfectae Caritatis* insiste ainda sobre o facto de o apostolado pertencer à própria natureza da vida religiosa»²⁹³.

As novas ideias e orientações para a Igreja - povo de Deus por Ele definida, fazem com que a ação apostólica das RIC tome um novo rumo fundamental de renovação, de

²⁹³ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 138.

mudança, de ousadia e, conseqüentemente, de expansão da sua missão e do seu carisma, na Europa, na América Latina e na África. Depois do concílio Vaticano II, a congregação das RIC, conforme as disposições do *motu proprio Ecclesiae Sanctae* (11, nº 6), foi convidada «a rever, adaptar e reformular as suas constituições»²⁹⁴, passando por uma grande transformação pastoral e missionária.

Com o desejo de responder ao apelo da Igreja expresso pela Congregação para os Religiosos, as RIC uniram-se, em *Flone*, no dia 10 de agosto de 1968, para um capítulo convocado de forma especial,

«Cujo objetivo e missão era a atualização de tudo o que dizia respeito às Constituições, regras de vida e governo do Instituto, missão formulada na seguinte questão: “Como a dedicação acumulada pelas Religiosas da Instrução Cristã pode ser orientada, renovada, adaptada segundo as necessidades da Igreja de hoje, numa verdadeira fidelidade às intuições apostólicas da Fundadora? O capítulo geral fixou como objetivo promover a renovação e adaptação de nosso Instituto, tornando assim mais claro para a humanidade de hoje o testemunho comunitário e apostólico a que ele foi chamado a dar no seio da Igreja»²⁹⁵.

Houve um esforço, por parte das RIC em fazer da melhor forma a recepção ao Concílio Vaticano II, a fim de compreender o seu apelo de *Aggiornamento*, ou seja, da renovação da vida eclesial da VRC.

Por fim, chegaram à conclusão de que esta renovação deve ser compreendida, como expressa Califice: «como um retorno às fontes e como uma adaptação às exigências apostólicas de nosso tempo»²⁹⁶. As RIC chegaram a compreender, depois de uma minuciosa contemplação dos ensinamentos deixados por Madre Agathe, que é na fidelidade ao espírito do Instituto nas constituições originais e na missão apostólica do mesmo, que se elaborariam as orientações para uma renovação da sua vida consagrada, da sua vida comunitária, da sua vida de oração e do seu apostolado.

Segundo Califice, a «adaptação às exigências apostólicas do tempo se fundamentam no ideal evangélico encarnado na pessoa de Cristo e na primeira comunidade cristã, assim como nas intuições da fundadora do Instituto»²⁹⁷.

²⁹⁴ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 138.

²⁹⁵ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 135.

²⁹⁶ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 135.

²⁹⁷ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 192.

No capítulo geral das RIC de 1968, no que diz respeito a sua vida apostólica, afirma que:

é necessário que a noção corrente de apostolado, seus princípios e métodos sejam repensados em função do que a Igreja diz dela mesma. A ação apostólica não é um elemento secundário, acessório, que viria a se juntar a uma vida religiosa já perfeitamente assumida nela mesma. É uma espécie de sacerdócio, um ministério eclesial destinado a tornar Cristo visível e salvar o mundo. E num mundo, onde cada ser humano toma cada vez mais consciência de seu próprio valor, onde as relações interpessoais se fundam cada vez mais sobre o diálogo e onde o progresso científico e técnico obriga a uma especialização crescente, o Capítulo Geral teve que rever e adaptar, primeiramente, as normas de governo, de autoridade e de obediência. Em segundo lugar, os princípios da formação e de abertura das comunidades numa preocupação de inserção “na Igreja com outras, para a construção do Corpo de Cristo”, como estipula o artigo 11 das Constituições de 1980²⁹⁸.

Pode-se contemplar o desejo de fazer novos passos no caminho da Igreja, seguindo a visão do concílio que considera a Igreja como Povo de Deus (cf LG 14). Se a Igreja é o Povo de Deus, a opção deve ser pelo povo, principalmente pelos mais pobres, e valorizar as suas expressões de fé e cultura.

As RIC realizaram Capítulos inteiros sobre as orientações de vida de 1968, fruto das reflexões do capítulo especial que aconteceu em Flonê. Elas foram relidas e analisadas; outros encontros de trabalho foram realizados como também um breve capítulo sobre os eventuais “membros associados leigos”. Por fim, um esboço das novas Constituições foi submetido ao Capítulo Geral de julho de 1980. Terminada esta assembleia geral, elas sofreram emendas, enviadas a Roma e aprovadas em 1983²⁹⁹.

A Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares reconheceram e concederam a aprovação solicitada nos textos das constituições das RIC, o desejo das irmãs em viver a consagração religiosa em comunidades fraternas, para realizar a missão apostólica que lhes foi confiada pela Igreja. Fiéis às intenções de sua fundadora, elas se dedicariam à formação cristã de jovens nas suas obras de educação, a fim de lhes proporcionar o acesso às riquezas da fé³⁰⁰.

Segundo Brito, as transformações sofridas na vida religiosa podem ser apontadas pela saída da vida conventual para a vivência de sua consagração em comunidades inseridas como

²⁹⁸ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 136.

²⁹⁹ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 137.

³⁰⁰ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 138.

recepção ao Vaticano II, alterando o cotidiano religioso, a prática e o campo de atuação de muitas congregações religiosas³⁰¹.

Impulsionadas pela ideia de um recomeço possível, muitas congregações religiosas, em vários países da América Latina, no pós-Vaticano II passaram por uma mudança fundamental, muitos de seus membros buscavam viver sua vida de missão.

Segundo o Documento *Perfectae Caritatis*,

A conveniente renovação da vida religiosa compreende não só um contínuo regresso às fontes de toda a vida cristã e à genuína inspiração dos Institutos, mas também a sua adaptação às novas condições dos tempos. Essa renovação, sob o impulso do Espírito Santo e a orientação da Igreja³⁰².

O Concílio Vaticano II impulsionou os religiosos a buscar os princípios cristãos da vida consagrada, adaptando-se às novas condições dos tempos, compreendendo e assumindo, na América Latina, sua identidade religiosa, junto aos empobrecidos expressivamente numéricos nesse continente.

As irmãs RIC estão nas periferias das grandes cidades, levando o carisma aos mais necessitados e nas regiões mais afastadas dos centros urbanos, se comprometendo também com o cumprimento da missão de sacrifício e consagração.

Afirma Califice que:

Como todos os institutos de vida consagrada, as Damas da Instrução Cristã foram levadas a reinaugurar inteiramente o seu “eu” (Rm 7, 15-24), entre 1950 e 1980, este “eu” que São Paulo descreve como uma força em nós que vive em guerra com nossa verdadeira identidade e que subverte nossa união com Deus e com a eficiência de nosso apostolado, pois, existe um mundo que está sob a influência do príncipe deste mundo (Jo, 8, 44; 12, 32; 13,2; 14,30). Este mundo está em nós e nas nossas comunidades como nos sistemas, nas estruturas sociais onde participamos³⁰³.

Outro símbolo externo da transformação da VRC das RIC foi optar por tirar o hábito mais ou menos no ano de 1968. Essa decisão foi tomada de forma evolutiva. Ela passou por quatro processos de mudança de hábito, até decidir não o usar mais. Com a decisão, criou-se uma divisão entre as RIC, as que concordavam tirar o hábito e as que não concordavam em deixar de usá-lo. A Madre da época, para cultivar a harmonia comunitária, decidiu que o uso do hábito fosse opcional, criando um vestuário padrão para os dias de festa da Congregação.

³⁰¹ Ir. Sebastiana R. de Brito, *Pesquisa sobre as pequenas comunidades*, Revista Convergência, N.º28. Ano III. CRB. Outubro de 1970, 08.

³⁰² Decreto *Perfectae Caritatis*, N.º 2, *In Concílio Ecuménico Vaticano II*, Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 175-176.

³⁰³ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 193.

Pois o desejo das Irmãs era a sobriedade do ser e do viver para melhor amar e servir a Deus e ao próximo que está para além da comunidade religiosa.

O artigo 37 das constituições das RIC revela como deve ser a maneira de cada religiosa desta congregação:

Nosso estilo de vida tenderá a assemelhar-se, na medida do possível, ao das pessoas modestas da região. Em nossa vida material, deveríamos aceitar com prazer o que caracteriza toda a pobreza: a privação, a dependência, a insegurança. 'O vestuário será decente e em conformidade com os usos do país onde se vive e com a pobreza religiosa. A alimentação e a habitação serão da maneira que convém a pessoas que fazem profissão de pobreza³⁰⁴.

As RIC assumem, neste novo traje, como suas as características de vida das pessoas mais modestas de cada região, ou país, onde está a missão, como ponto determinante do seu estilo de viver sua pobreza e consagração religiosa.

Todo este movimento fez com que as RIC voltassem os olhos para a sua identidade institucional deixada por Madre Agathe, renovando simultaneamente a sua vida de consagração religiosa eclesial.

A ação apostólica das RIC se desenvolveu e paralelamente se renovou, as irmãs empreenderam tudo o que podiam para responder, com coerência, aos apelos do concílio vaticano II, aprovando a sua alegre receção.

Aos poucos, foram juntando e organizando suas obras segundo o olhar do Vaticano II da partilha das responsabilidades e descentralização, do poder das autoridades do Instituto e da Igreja.

Posteriormente ao Concílio, as RIC sentiram a necessidade de, na sua missão apostólica, no Brasil, fazer algumas modificações estatutárias, bem como a introdução das fundações no Sul do País.

Enumera Califice:

Em 1968, Mère Celina Paelinck e seu conselho tinham criado as Províncias da Bélgica e do Brasil. Foi neste momento, que o Brasil Nordeste adquiriu seu território provincial. Paralelamente, a Inglaterra, erigida como Província em 1970, se vê governada por uma superiora provincial. Uma modificação estatutária foi posteriormente introduzida com as fundações no Brasil Sul. Em 1968, Mère Celina Paelinck e seu conselho tinham criado as Províncias da Bélgica e do Brasil. Foi neste momento, que o Brasil Nordeste adquiriu seu território provincial. Paralelamente, a Inglaterra, erigida como Província em 1970, se vê governada por uma superiora provincial. Quanto ao Congo, dependente da Bélgica, se tornou regional em 1974. Quanto à província belga, ela se estenderá a

³⁰⁴ *Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã*, Artigo 37.º, 27-28.

Portugal e à Polónia quando das fundações nesses países. No Brasil, dadas as grandes distâncias entre o Norte e o Sul, uma nova província foi erigida em 1980 que compreendeu o Sul brasileiro³⁰⁵.

Também a fundação de novas obras, quer escolas, quer fraternidades mostraram o quanto a Igreja, pelos seus bispos, acreditam ainda hoje no carisma Agatheano das RIC e na ação pastoral que se desenvolve e que se renova a cada ano que passa.

Em 1970, as RIC acolhem, em seus colégios, rapazes para que também eles pudessem viver uma nova transformação. A graça da presença destas mulheres educadoras que vivem o carisma Agatheano, não podia ficar restrita só às jovens raparigas, mas também precisava alcançar os corações dos jovens sedentos deste amor e o reconhecer como graça presente na sua história.

Descobrir a sua verdade e lutar para a transformação do mundo, diminuir as desigualdades que assolam o País brasileiro, foi este o lema das RIC.

Depois do Concílio as RIC como também outras congregações:

No Brasil, na África, como na Europa, a maior parte das comunidades tradicionais subsistiram na sua maneira de viver nos colégios e nas escolas; mas algumas implantações mais modestas se inseriram em contextos diferentes, segundo os modelos introduzidos pelo Vaticano II, tendo em vista as diversas realidades sociais, por exemplo, as implantações no mundo estudantil, algumas vezes no mundo rural no Brasil ou em estruturas lembrando as comunidades primitivas e respondendo às necessidades espirituais como a animação de jovens fora dos colégios e escolas, o acompanhamento aos habitantes de asilos, a pessoas necessitadas ou mesmo em situações quase sazonais...³⁰⁶.

A ação Apostólica das RIC, como foi visto, sofreu várias mudanças depois do concílio Vaticano II, e ainda hoje não pára de se renovar ao acompanhar o tempo que passa.

Atualmente, o mundo passa por um contexto de pandemia, de profundas dores, mágoas e marcas deixadas nas vidas das pessoas, nas famílias, nas crianças, nos jovens e nos adultos. No meio de tantas mortes, existe uma fagulha de esperança, de sopro de vida, existe um carisma que traz uma resposta: a força do amor vivida na dinâmica da história e pela decisão corajosa dessas mulheres Religiosas e de muitas que disseram o seu *sim* que se perpetua, não só nas RIC, filhas de madre Agathe, mas nas vidas de seus amigos, funcionários, pais, alunos ou em todos que tem a oportunidade, direta ou indiretamente, de ter contato com esse carisma Agatheano da consagração e sacrifício a Deus.

Os nossos Fundadores e Fundadoras sentiram em si mesmos a compaixão que se apoderava de Jesus quando via as multidões como ovelhas extraviadas sem pastor. Tal como Jesus, movido por tal

³⁰⁵ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 138-139.

³⁰⁶ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, 194.

compaixão, comunicou a sua palavra, curou os doentes, deu o pão para comer, ofereceu a sua própria vida, assim também os Fundadores se puseram ao serviço da humanidade, à qual eram enviados pelo Espírito servindo-a dos mais diversos modos: com a intercessão, a pregação do Evangelho, a catequese, a instrução, o serviço aos pobres, aos doentes... A inventiva da caridade não conheceu limites e soube abrir inúmeras estradas para levar o sopro do Evangelho às culturas e aos sectores sociais mais diversos³⁰⁷.

4.3 A VIVÊNCIA DO CARISMA DAS RIC NO BRASIL EM TEMPO DE PANDEMIA

Avançar nunca foi tão importante como no momento atual, o mundo vive desde 2020 uma coligação incansável desse verbo em nome da vida e é, em nome da vida, que o Instituto das RIC quer demonstrar a sua comunhão com coração e os joelhos prostrados diante do Senhor em unidade com todas as vítimas do coronavírus.

As RIC, no art.º 3 de suas constituições, dizem que: «A glória de Deus é o homem vivo».³⁰⁸ Logo a luta pela vida faz parte da sua missão. As religiosas procuram estar presentes na vida daqueles que convivem com elas, pais, alunos colaboradores, professores e de todos aqueles que, mais próximos ou mais distantes, precisam delas, quer presencialmente, quer através dos meios de comunicação. É o carisma que move as RIC, animando-as a não ficarem paradas. É no tempo da pandemia que as religiosas mais se aproximam de quem precisa.

O art.º 7 das Constituições das RIC, é muito importante para o mundo, neste momento de pandemia: «No cumprimento da nossa missão que nos cabe qualquer que seja a maneira pela qual ela se apresenta no momento e quando se quer que sejam as circunstâncias termos sempre em toda a parte o desejo e a vontade de encarnar a face atual do Cristo educador». Esse artigo move as RIC, no momento duro que o mundo atravessa. Por isso, essas religiosas continuam ainda hoje, a exemplo de Madre Agathe e das primeiras irmãs que fundaram o instituto em 1823, como também a exemplo das primeiras missionárias belgas que chegaram, em 1896, ao Brasil. Exemplos de religiosas, sensíveis e abertas à ação do Espírito Santo que as impulsionava a não desistir diante das dificuldades, a serem mulheres corajosas, avançando continuamente, perante os desafios que se lhes deparam. As RIC sentem que a missão de Deus a elas confiada, não pode parar.

³⁰⁷ PAPA FRANCISCO, *Carta Apostólica às pessoas consagradas: Para Proclamação do Ano da Vida Consagrada*. Acedida em 27 de Setembro de 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacraati.html.

³⁰⁸ *Constituições das Damas da Instrução Cristã*, Artigo 3.º, 13.

As RIC, com um pensamento impulsionador, reconhecem como desejo de Deus que a missão deve acontecer, independentemente das circunstâncias que o mundo atravessa. As religiosas ousam e dinamizam o seu carisma e a sua missão na realidade que as rodeia.

O mundo inteiro vive um contexto pandémico, de dor e sofrimento, de ausência e de morte, de privações e de fome, de perda de liberdade. É justamente aqui neste tempo e neste lugar da terra, que as RIC, movidas pela graça da sua consagração a Deus e no desejo de realizar a missão a elas confiada, buscam viver o seu carisma de sacrifício e consagração à juventude, mediante a abertura de suas escolas e obras de educação para acolher adultos, crianças e jovens.

Nas constituições das RIC há vários artigos em que, na conceção de Madre Agathe, o Cristo detentor do seu carisma é o Cristo educador.

O carisma do Instituto é uma forma de concretizar o projeto de Jesus, que, neste período de pandemia, teve origem no tempo bem determinado, a meados do século XXI.

Nossa fundadora falava da impiedade e irreligião. Hoje o que vemos é cada vez mais o processo de uma busca da religião segundo as suas próprias necessidades e quando se fala de compromisso, muitos abandonam. Eis aqui um tremendo desafio em testemunhar que o mesmo Deus que nos ama, cuida de nós, age com misericórdia, também nos pede o compromisso de ir ao encontro do outro.

4.4. A AÇÃO PASTORAL DE EVANGELIZAÇÃO DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ E SEUS DESAFIOS PARA COM OS JOVENS DOS COLÉGIOS

Para ajudar a leitura da realidade da ação pastoral de evangelização das RIC, no Brasil, e os desafios enfrentados na sua realização nos colégios, seguirei, como linha de orientação, neste trabalho, os resultados dos questionários realizados em três Colégios³⁰⁹ da Instituição, preenchidos por algumas religiosas responsáveis pelo setor da pastoral com a participação de alguns colaboradores, alunos e ex-alunos associados, e do plano de planejamento do setor de Pastoral da Rede Damas de Educação, chegando à conclusão que devesse criar no ambiente escolar um lugar propício de comunhão, de partilha e de relações fraternas para que os jovens

³⁰⁹ Foi atribuído um questionário aos colégios da Rede Damas de Educação: Colégio Damas, Recife- PE; Colégio Imaculada Conceição, Campina Grande-PB e Colégio Santa Cecília, Fortaleza-CE. A fim de ter uma visão da realidade da evangelização Pastoral das Religiosas da Instrução Cristã e da vivência do seu carisma na contemporaneidade. Para isso também se contou com a ajuda Irmãs RIC responsáveis pela coordenação da pastoral nesses colégios.

se sintam primeiramente amados, acolhidos na diversidade do seu ser, apresentando-os a Jesus com características juvenis e deixá-los procurarem Jesus que é misericordioso, de maneira a se envolverem na missão e queiram eles ser evangelizadores de outros jovens.

Confirmando esse apelo, o Papa Francisco na exortação *Christus Vivit* diz:

«O Senhor procura a todos, quer que todos sintam o calor da sua misericórdia e do seu amor. E convida-nos a levar, sem medo, o anúncio missionário aos locais onde nos encontrarmos e às pessoas com quem convivemos: no bairro, no estudo, no desporto, nas saídas com os amigos, no voluntariado ou no emprego, é sempre bom e oportuno partilhar a alegria do Evangelho. É assim que o Senhor vai aproximando de todos; e pensou em vós, jovens, como seus instrumentos para irradiar luz e esperança, porque quer contar com a vossa coragem, frescor e entusiasmo»³¹⁰.

O apelo é que os jovens sejam protagonistas da evangelização de outros jovens. Segundo o testemunho de uma ex-aluna leiga e jovem³¹¹ associada ao Instituto das RIC: A ação pastoral das RIC está apostada em fazer despertar nos jovens o desejo de vivenciar, em diferentes lugares, o jeito Agatheano de seguir Jesus. Tocados pelo testemunho de vida de Me. Agathe, a evangelização encontra nela a inspiração para viver o Evangelho, comprometer-se com o Reino e atender os apelos da Igreja nos tempos atuais.

É a experiência do encontro verdadeiro que faz a amizade profunda e livre entre duas pessoas. Em Puebla, os bispos confirmam que: «Embora não se dê conta disso, a juventude vai ao encontro de um Messias, Cristo, que caminha em direção aos jovens. Só Ele torna o jovem verdadeiramente livre» (DP, n. 1183).

Perante a dificuldade da aproximação dos jovens, o Papa Paulo VI, em Medellín, disse que um dos grandes objetivos da Igreja naquele momento, era juventude. No seu discurso, ele diz-lhes que são muito respeitados pela Igreja «dignos do maior interesse e de grandíssima atualidade»³¹². A grande dificuldade é a Igreja encontrar a linguagem certa para falar com a juventude. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) diz que este problema de comunicação «com a juventude, merece ser estudado e aprofundado, para que o diálogo e a linguagem estabelecidos com os jovens tenham impacto e força de convocação para o seguimento de Jesus»³¹³.

³¹⁰ Papa Francisco, *Exortação Apostólica Christus Vivit: Aos jovens e a todo o povo de Deus*, N.º 177.

³¹¹ Testemunho de uma ex-aluna e leiga jovem associada ao Instituto das RIC, do colégio Imaculada Conceição na Paraíba.

³¹² Dom Cândido Padin; Gustavo Gutiérrez; Francisco Catão, *Conclusões da Conferência de Medellín - 1968 - Texto oficial: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?*, São Paulo: Paulinas, 2010, 20.

³¹³ Documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), *Evangelização da Juventude. Desafios e perspectivas pastorais*, N.º 16, 18.

O grande desafio da ação pastoral das RIC, ao longo destes 125 anos de missão no Brasil, sempre foi e é encontrar a linguagem certa para se comunicar o evangelho à juventude dentro e fora dos nossos colégios.

No art.º 2 das constituições perante a Igreja e a sociedade, as RIC demonstram a grandeza do seu carisma e do compromisso, que é a graça e a missão que receberam desde a origem do seu Instituto, «de nos sacrificarmos *a nós mesmas e de consagrar-nos inteiramente à juventude*»³¹⁴.

As RIC comprometem-se e assumem, com a Igreja, a sua «opção preferencial pela Juventude» assumida na III conferência da CELAM (cf. DP 1192), reafirmando o seu carisma e missão de sacrifício e consagração nas terras do novo mundo.

O Instituto tem escolas em diferentes cidades do país comprometidas com o desafio de educar e evangelizar os jovens à luz dos novos tempos.

É o amor a Deus e à juventude que faz as RIC ouvir o pedido da Igreja que quer estar presente no campo escolar, expresso no concílio Vaticano II, no seu documento *Gravissimum Educationis* de que as escolas católicas criem, em seus estabelecimentos, um ambiente de comunidade, animado pelo espírito evangélico de liberdade e caridade, para ajudar os adolescentes, ao mesmo tempo que desenvolvem a sua personalidade, cresçam segundo a nova criatura que são pelo batismo, «de tal modo que seja iluminado pela fé o conhecimento que os alunos adquirem gradualmente a respeito do mundo, da vida e do homem»³¹⁵.

Relembrando as palavras de Madre Agathe, no requerimento enviado a sua santidade o Papa Leão XIII, ela expressa que a graça desejada ardentemente presente em seus corações e a intensidade de suas almas é de obter do Papa a aprovação das suas regras, certificando-se da existência da congregação e de seus trabalhos. Seria essa a garantia da «missão Divina, da qual Nosso Senhor quer encontrar revestidos todos aqueles que, como nós, trabalham para aumentar o rebanho do Divino pastor ou para impedir que o lobo venha devastar o aprisco ou dispersar as ovelhas»³¹⁶.

Não sabia ela a que proporção ia chegar o compromisso das RIC com a educação de crianças e jovens em terras brasileiras. Hoje, as RIC organizaram as suas obras de educação, utilizando a simbologia da rede como forma de dizer que estão interligadas. Como foi dito

³¹⁴ *Constituições das Damas da Instrução Cristã*, Artigo 2.º, 13

³¹⁵ *Declaração Gravissimum Educationis sobre a Educação Cristã*, N.º 8

³¹⁶ *Constituições das Damas da Instrução Cristã*, 7.

anteriormente, a primeira fundação das Belgas RIC foi o Colégio Damas (anteriormente no início de Sagrada Família), mas proveniente destes outros onze colégios foram erguidos em seis estados brasileiros, a pedido de seus Bispos, além de um centro social e uma faculdade, permitindo a difusão do carisma Agatheano.

O carisma, tal como a semente do grão de mostarda (Mc 4,31-32), cresceu, multiplicou-se e não permaneceu somente em Pernambuco, mas expandiu-se em vários estados e regiões do Brasil norte e sul, centro-oeste através das escolas e da faculdade que muito contribuiu para a formação humana, com o único interesse - a glória de Deus.

Atualmente as RIC têm como responsabilidade assumida com a Igreja do Brasil, educar e orientar a juventude para que ela busque o verdadeiro sentido da sua vida, abrindo-se para a experiência do amor a Deus e ao próximo.

As religiosas, nesse contexto, compreendem: «que a dimensão espiritual e religiosa é transcendental, constituindo um elemento intrínseco e primordial para o ser humano. Concomitantemente, favorecem o desenvolvimento do espírito crítico e a construção de relações humanas mais fraternas»³¹⁷.

O interesse das Religiosas e de seus colaboradores é sempre «apresentar aos jovens o Cristo vivo, como único e salvador, para que evangelizados, evangelizem e contribuam, como resposta de amor a Cristo, para a libertação integral do homem e da sociedade, levando uma vida de comunhão e partilha.» (DP 1166)

As RIC, no art.º 5 das suas Constituições, afirmam que, em suas escolas, a «principal tarefa é promover a formação cristã dos jovens que lhes são confiados e associar nossos colaboradores e as famílias ao que sempre foi e deve permanecer nossa principal preocupação»³¹⁸.

É exatamente este cuidado espiritual de proteção à juventude que precisa encontrar a semente da fé dentro das escolas das RIC, em cujo setor de pastoral tem como objetivo geral «desenvolver com os demais setores, o processo de formação integral do ser humano, favorecendo o crescimento espiritual, intelectual e físico do educando»³¹⁹. Pois a principal tarefa das RIC é «promover a formação Cristã dos jovens»³²⁰.

³¹⁷ Pastoral das Religiosas da Instrução Cristã, *Livro de Planejamento: Pastoral da Rede Damas Educacional*, 1.

³¹⁸ *Constituições das Damas da Instrução Cristã*, Artigo 5.º

³¹⁹ Pastoral das Religiosas da Instrução Cristã, *Livro de Planejamento: Pastoral da Rede Damas Educacional*, 1.

³²⁰ *Constituições das Damas da Instrução Cristã*, Artigo 5.º

A IV conferência Episcopal Latino-Americano, em São Domingos, chama a atenção de que os novos tempos exigem que a mensagem cristã chegue ao homem de hoje mediante novos métodos, mediante uma linguagem acessível, válida e profunda sem alterar e modificar em nada o conteúdo da mensagem do evangelho³²¹. Por isso, as RIC, na sua ação evangelizadora da Rede Damas, desejando ser fiel ao carisma herdado de Me. Agathe Verhelle, «Sacrificar-nos e consagrar-nos inteiramente à juventude», almeja atualizá-lo através de projetos de evangelização que contemplem todo o seu corpo docente, discente e familiares.

Dentre os projetos apresentados, podemos citar o *Projeto Ágape* que aborda concretamente o amor de Deus, a sua criação, e o ato de ver em si mesmo e no próximo a imagem e semelhança de Deus. Outro exemplo de atividades realizadas são as que seguem o calendário litúrgico: Semana vocacional (trabalhos em sala, vídeos institucionais, entrevistas), Semana da Bíblia (estendendo para toda a comunidade educativa: através da narração de histórias, espaços que favoreçam a leitura e acesso a passagens bíblicas), preparação para a Semana Santa e Tríduo Pascal (sugestão de vivências em família, partilha do pão e celebração para toda a comunidade educativa).

O *Projeto Geração* visa a integração, participação e serviço, bem como a troca de experiências e realidades, fazendo valer concretamente o ato de ver Jesus no outro. Isso também acontece no Natal Solidário, momento rico, cheio de emoção, possibilitando o “abrir o coração para o irmão” e assim sentir-se útil para a construção de um mundo melhor, mais fraterno.

Na mesma linha de apresentação, também o jovem (J.V) aluno do ensino Médio do Colégio Santa Cecília, responsável pelo *EJD (Encontro Jovem Damas)* testemunha três projetos de evangelização RIC, vividos pelos mais crescidos. Começa por dizer que:

Olhando de maneira mais específica para o cuidado com os jovens, é possível dizer que a escola possui um projeto bastante diferenciado, no tocante às ações pastorais e evangelizadoras, principalmente quando se compara a colégios que buscam uma vivência parecida (outros colégios católicos).

O *EJD* é um projeto no qual os alunos podem ter um contato mais direto com outros jovens que, imbuídos do amor de Deus, querem levá-lo a outros jovens. Esse contato faz toda

³²¹ Conferência do Episcopado Latino Americano. SD N.º 29, In Conselho Episcopal Latino-Americano, *Documentos do CELAM: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingos*, 650.

a diferença e é uma das melhores ações evangelizadoras, pois a mensagem das irmãs (que é a mensagem de Deus) é perpetuada por meio desses jovens que continuam frequentando o *EJD* mesmo quando se tornam Ex-Alunos, como é o caso de diversas pessoas no Colégio Santa Cecília. A meu ver, é o projeto que mais se destaca por seguir o ciclo da aprendizagem escolar.

As Irmãs passam a mensagem de Deus de formas diferentes durante o processo de aprendizagem.

Além do *EJD*, cito a *Fórmula 1*, pois acredito que traz uma mensagem extremamente importante para os tempos de hoje: A nossa relação com o outro, seja a nossa família, amigos e, sobretudo, Deus. É um dos projetos mais queridos pelos alunos e com razão, pois consegue fazer com que os estudantes tenham uma noção da sua importância no mundo e de como Deus está presente em cada uma dessas relações. Chega-se a afirmar que: “A mesma pessoa é diferente, para melhor no pós Fórmula 1”. Julgo que este projeto deve ser valorizado e constantemente atualizado, sendo de fundamental importância para a formação dos alunos.

Por fim, cito a *Crisma* como um dos alicerces dessa ação evangelizadora. É o Sacramento da Confirmação e quem o recebe são apenas aqueles que querem seguir a caminhada na fé. Dito isso, o número altíssimo de crismados mostra que o empenho para conquistar alunos para a Crisma está sendo correspondido. Além disso, é de salientar que o processo é altamente bem conduzido, com um material bem feito, bons formadores e um retiro para que a vivência seja completa. É bom constatar que todos os responsáveis pela formação são muito acessíveis e estão disponíveis para a consulta dos jovens, o que é de fundamental importância já que a maioria tem muitas dúvidas devido à sua fase etária.

Mais outros dois projetos são apresentados pela ex-aluna (S.F.V) do Colégio da Imaculada Conceição, leiga associada às RIC:

O Projeto *copa do Mundo* foi um encontro criado com base no carisma das Religiosas da Instrução Cristã juntamente com o carisma do *EJD*, com o intuito de estender o campo de missão para além dos colégios. Normalmente, o encontro é realizado junto a alguma paróquia de cidades do interior conforme solicitado pelos párocos. Como o próprio nome sugere, o encontro é norteado pela linguagem do futebol, onde os participantes são chamados de jogadores e divididos em equipas que são os times. O encontro trabalha temas como a vida em comunidade, os desafios enfrentados atualmente, o compromisso e a responsabilidade do cristão, assim como a sua fé e missão na Igreja e fora dela.

Segundo a jovem leiga, o projeto *Máscara* é um encontro direcionado para os alunos do 3º ano do ensino médio e tem como característica abordar o participante enquanto pessoa. Os temas provocam nos jovens interrogações sobre quem são verdadeiramente e o que realmente é preciso para ser feliz. O objetivo é fazer com que eles vejam em Jesus um novo

modo de viver, abandonando o “homem velho” para se conformar cada vez mais com Cristo, o “Homem novo”.

O projeto *Acampamento* tem por objetivo levar os adolescentes a refletir sobre a vida e a maneira como a vivem. As RIC projetaram *O Acampamento*, que tem como tema: Uma só coisa é necessária. (Lc 10,42). “A proposta é viver o essencial” diz a Irmã (J.L) coordenadora da pastoral do colégio Damas. De facto, o *Encontro de Evangelização Acampamento* visa contribuir para que os adolescentes, através da fascinante experiência de acampar, procurem descobrir que as opções devem conduzir sempre ao que é essencial. Para isso, torna-se necessário despojar-se de coisas, ideias e valores secundários ou contrários ao projeto de Jesus Cristo. Este projeto é realizado no 9º ano do Ensino Fundamental

A Irmã (J.L) fala também do projeto *24 HORAS* que tem por tema: Existe um tempo para cada coisa. (Ecle 3,1). O objetivo é ajudar os adolescentes a descobrirem a sacralidade do tempo como dom de Deus e vivê-la a cada momento de acordo com o seu plano e sua vontade. É um projeto para o 7º ano do Ensino Fundamental.

Para terminar a Irmã (M.L), coordenadora da Pastoral do colégio Santa Cecília e a Coordenadora da catequese para a primeira comunhão na escola (A.M), dizem que:

Dentre os inúmeros projetos da Pastoral, a Catequese para a Primeira Comunhão mostra-se como um importante meio que leva as nossas crianças e pré-adolescentes a uma maior intimidade com Cristo, tornando-as, mais tarde, fiéis adoradoras de Jesus Eucarístico, superlotando a nossa capela, durante o SPH - Só Por Hoje. Essa semente é com certeza semeada durante essa primeira catequese, dando frutos de evangelização para as próprias famílias.

A escola católica, pelo clima que se instaura, facilita a catequese e deseja contribuir com a formação para a ação pastoral e litúrgica da Igreja.

As coordenadoras dizem que o desafio que encontram, em alguns casos, está nas famílias que não dão o exemplo da vivência Eucarística.

O projeto *DDD (Dias de Deserto com Deus)* - Parte da preparação para a Crisma. Dois encontros são realizados, em finais de semana, para aprofundar a experiência com Deus, realizados através de pregações, desertos, partilhas, encontro com a Palavra de Deus, adoração, oração pessoal e comunitária. Este projeto é vivido na 2ª série do Ensino Médio - que seria em Portugal o 11º ano.

Nem tudo são flores. Para a realização da ação pastoral nos colégios, as RIC enfrentam alguns desafios de uma sociedade fragmentada e descomprometida com os valores cristãos. Percebe-se que as crianças e os jovens, por estarem inseridos nas redes sociais e nesse contexto de sociedade individualista, são alvos fáceis de uma realidade que pode gerar desvios na sua formação integral, enfrentando diversas informações familiares e mundanas que podem descaracterizar a sua personalidade, dada a pouca ou nenhuma informação, para a sua individualidade como pessoa com anseios e conflitos, necessitando da presença da família, ora ausente.

As RIC enfrentam os desafios e prosseguem a sua caminhada, olhando para o alto, onde se encontra Aquele a quem cada religiosa consagrou a sua vida *Duc in altum*.

Essa foi uma pequena demonstração de como as RIC buscam manter vivo o seu carisma, fazendo-se ouvir pelos jovens para que Jesus Cristo lhes dê coragem, dinamismo e qualidade de vida. Todos os projetos foram criados com o intuito de tornar a evangelização mais atrativa, utilizando temas lúdicos que despertam nos jovens o interesse pelo Reino de Deus.

O carisma Agatheano deve ser continuamente atualizado, de forma a manter o vigor dos primeiros tempos e assim corresponder às exigências de cada tempo e de cada lugar. A constante renovação do Carisma Agatheano é uma obra do Espírito Santo que renova a face da terra, no coração de cada religiosa da instrução cristã que se deixa dinamizar por Ele.

É o carisma que move, atualiza e impulsiona as religiosas RIC, na sua missão de formar e evangelizar as crianças e os jovens em terras brasileiras.

4.5. A AÇÃO PASTORAL DE EVANGELIZAÇÃO DAS RELIGIOSAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ E SEUS DESAFIOS PARA COM OS JOVENS NAS COMUNIDADES DE INSERÇÃO

Duas obras e um só carisma! São duas realidades de missão que as RIC vivem no atual momento da América Latina desde o Concílio Vaticano II, quando se tornou possível viver em comunidades inseridas nas periferias das cidades, onde se encontram os pobres, sejam eles jovens ou não.

Como falam os Bispos no DP, nº 1132: «Os pobres e os jovens constituem, portanto, a riqueza e a esperança da Igreja na América Latina, sendo prioritária a sua evangelização».

As RIC belgas logo que chegaram ao Brasil pernambucano, onde iniciaram sua missão, não puderam abrir nenhum estabelecimento dedicado à assistência dos mais pobres, por haver outra congregação responsável por esse serviço, a pedido do Bispo. Madre Tarcísia relata o modo como foram recebidas pelo representante do Bispo, o Dom Abade:

Considerou que o externato teria um caráter diferente do trabalho que exercia as irmãs de Gyseghem, pois enquanto elas mantinham classes de alunas pobres gratuitamente, as Damas atingiam a classe média, que pagariam os estudos. Madre Loyola Levantou uma questão: A nossa regra, no seu artº 73, é muito explícita ao dizer: ‘Quando as circunstâncias permitirem, haverá em cada uma de nossas casas uma escola para os pobres (...)’ Dom Abade ouviu e balançou a cabeça: Parece-me, Madre que o seu Instituto foi muito iluminado e prudente quando iniciou o artº 73 assim: ‘Quando as circunstâncias permitirem.’ Neste momento, parece-me que elas não permitem, pois isso prejudicaria um trabalho que já está sendo feito há alguns anos pelas Irmãs de Gyseghem³²².

Mas ele não fechou a questão e continuou: «Tão logo as circunstâncias se modifiquem, as senhoras começarão um externado para os pobres. Nada impede, no entanto, de auxiliá-los agora de uma outra maneira. Pode tranquilizar seu coração, eu mesmo falarei tudo ao Bispo»³²³. A esperança de Madre Loyola foi alimentada pela motivação de sua Madre Geral Ignace, que também amava a juventude menos desfavorecida e que gostaria de, no momento oportuno, sob a permissão do Bispo, por ela fazer alguma coisa.

Segundo Madre Tarcísia, a Madre Ignace sempre teve um olhar especial e de preocupação para com os mais carentes e pobres. A Madre não se cansava de lembrar que mantivesse em suas casas, «escolas para os pobres, ‘porção mais querida e mais abandonada do rebanho de Jesus Cristo’»³²⁴.

Foi precisamente em 1904, depois de mudarem de Olinda para Recife que, naquela proximidade, num outro bairro da cidade, as RIC puderam realizar o seu projeto de abrir um

orfanato para crianças pobres, assim como uma escola gratuita que contava, em 1926, com uns cinquenta alunos; finalmente, foi criado um centro de acolhimento para os pequeninos, cujas mães não podiam levá-los para o trabalho: geralmente sozinhas, pois seus companheiros trabalhavam nos campos de cana-de-açúcar situados longe das cidades, elas desejavam deixar seus filhos pequeninos com pessoas em que pudessem confiar e que cuidavam também da alimentação³²⁵.

O desejo dos corações destas mulheres religiosas era proporcionar às alunas mais carentes, além da religião e dos bons costumes, as ciências úteis e os trabalhos próprios como forma de vida, inspirando-lhes o horror ao vício e o amor à virtude”³²⁶. É o que ainda hoje as

³²² Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 185.

³²³ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 185.

³²⁴ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 230.

³²⁵ Califice Isabelle; Séverine Janssen, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l’Instruction Chrétienne*, 88.

³²⁶ Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 185.

RIC, no meio popular periférico das cidades, procuram realizar da melhor maneira: as tarefas humanas que assumiram livremente sem com isso «esquecer o essencial que é o acesso dos jovens à riqueza da Fé»³²⁷. Portanto, as atividades culturais, os serviços de saúde que acontecem na África ou serviços sociais que cada religiosa presta, não perdem em nada o seu valor próprio. Contanto que as RIC exerçam o que essa missão requer, competência e amor, sabedoria e dedicação numa súplica constante e, por vezes, mais perseverantes no poder e na compaixão de Deus, diante da profundidade e grandeza da miséria humana.

É o testemunho das Irmãs que vivem na comunidade de Nazaré e atuam no Centro Social Dom João Costa, fundações da década de 1969, que estão inseridas na Região Metropolitana do Recife. Elas procuram, através dos diversos programas e projetos sociais, anunciar Jesus Cristo, por meio do serviço, do diálogo, do anúncio e do testemunho de fé, à luz da evangélica opção pelos pobres, promovendo a valorização e a dignidade da pessoa, participando da construção de uma sociedade mais justa e solidária.

As ações evangelizadoras das RIC concretizam-se através de diversos projetos que buscam levar a cada etapa de desenvolvimento um jeito de entender e experienciar a mensagem de Jesus e seu jeito de ser e proceder em favor dos irmãos e irmãs em especial dos mais pobres e mais frágeis. Como exemplo, posso referir o *Projeto eu acredito* que vivencia a expressão de Jesus e o seu carinho com as crianças pobres, sendo encarregue de, por vezes, oferecer-lhes o carinho, a escuta e atenção e algo de sua necessidade, como um brinquedo, uma roupa, um alimento...

E o EJD com os adolescentes e jovens que tem a missão de levar, serem sinal da presença do Cristo educador, sacrificando um pouco de seu tempo e suas vidas em favor dos irmãos e irmãs.

A ação pastoral e evangelizadora com os jovens da *comunidade Nazaré inserida no Alto José* do Pinho, periferia de Recife, tem uma participação nas pastorais paroquiais: Catequese (dando uma contribuição na formação de catequistas aptos para trabalharem com a formação de novos cristãos, preparando-os para o batismo, primeira Comunhão e Crisma). Participam da formação litúrgica e dos conselhos paroquiais.

Desenvolvem vários Projetos sociais que buscam contribuir com o desenvolvimento integral de crianças, adolescentes, jovens e suas famílias. Os principais projetos que o Centro Social abraça hoje são: *Orquestra e Banda* social Dom João Costa que atendem diariamente

³²⁷ *Constituições das Damas da Instrução Cristã*, art.º 4º, 13.

uma média de 150 pessoas; o *PASE – Programa de Apoio Sócio Cultural desportivo*, que atende em média 180 crianças e adolescentes com atividades desportivas, reforço escolar, narração de histórias, espiritualidade, etc. E o *PDP – Programa de desenvolvimento social* que trabalha com adolescentes, jovens e adultos de toda a região metropolitana do Recife, oferecendo-lhes vários cursos de empreendedorismo, saúde e bem-estar, nutrição, corte e costura entre outros. Em todos eles as RIC buscam trabalhar habilidades técnicas específicas de cada área sem perder de vista o acesso às riquezas da fé e o cultivo de valores como a solidariedade, a empatia e o respeito a cada um e cada uma como imagem e semelhança do próprio Deus.

Como diz o Papa Francisco: «Não poupemos esforços na formação da juventude!» (PAPA, 2013K). Empenham-se as RIC em resgatarem os jovens marginais, defendendo-os das garras dos perigos do sistema social que os aprisiona.

Segundo a CNBB, torna-se imperioso «Promover grupos, retiros, vivência dos sacramentos, cursos, espaços de reflexão e estudo para que os jovens possam ter uma adequada formação e experiência de Deus e, nas palavras de Pedro, aprender a dar razão da sua esperança» (cf. 1Pd 3,15)³²⁸.

Esperança é o que as RIC, na comunidade Emaús, inserida em Juazeiro da Bahia, pretendem semear nos corações e nas vidas das crianças e dos jovens em situação de vulnerabilidade social. Favorecendo e acompanhando o desenvolvimento integral da criança, do adolescente e do jovem, em situação de vulnerabilidade, garantindo as prioridades socioeducativas; com atividades desportivas, aulas de reforço escolar, balé, musicalidade e cursos profissionais.

Para as RIC, assumindo as palavras *Gaudium Spes*: «As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração» (GS, n. 1).

Assim, as RIC se unem à Diocese do Juazeiro, a fim de unir forças e da melhor maneira realizar o *Projeto Casa que acolhe* com o intuito de oferecer um espaço de convivência saudável, formação para a participação e cidadania dos jovens e adolescentes,

³²⁸ CNBB, *A evangelização da Juventude - Desafios e perspectivas Pastorais*, documento 85, nº 22.

ajudando-os a desenvolver o protagonismo e autonomia, despertando-os para os valores humanos e cristãos pertinentes à vida do ser humano.

O projeto abrange sete bairros periféricos e pobres da cidade de Juazeiro-BA, com um contingente que vive abaixo da linha da pobreza, não tendo, na sua maioria, uma habitação própria, salário fixo. Muitos vivem da catação de lixo para reciclagem; o contexto em que vivem as famílias é de todo o tipo de violência e morte. A área de desenvolvimento do projeto construído é de 610m², tendo ainda uma área para construção de uma quadra poliesportiva e uma Capela.

Diante do aumento da pobreza no mundo, o Brasil destaca-se pelas crises: política, econômica e social, sanitária e humanitária. O descaso das autoridades é evidente, sobretudo, com os empobrecidos. Em Juazeiro-BA não é diferente. Portanto, as RIC percebem a necessidade de proteger a assistência e integração da criança, adolescente e jovem em situação de vulnerabilidade social: da violência, da pobreza e da morte. As drogas são fatores eminentes, em que os jovens, sobretudo os negros e pobres, estão envolvidos e perdem a sua vida logo cedo. Por outro lado, existem muitas famílias que sonham com um futuro melhor para seus filhos e sonham com as possibilidades de melhoria. O projeto da Casa Dom José Rodrigues, sob a coordenação das RIC, acolhe crianças e adolescentes dos 07 aos 17 anos de idade.

As RIC da Comunidade Santa Inês, que vivem na cidade de Sertânia, na Diocese de Pesqueira–Estado de Pernambuco, testemunham, nos seus trabalhos junto do povo, sobretudo dos mais pobres, tornar, pelo espírito o carisma de sacrifício e consagração a Deus e à juventude em toda a parte, vivo e eficaz, cooperando para a propagação da Glória do Senhor, para que a mensagem de Jesus de Nazaré possa chegar a todos, sobretudo aos jovens e aos pobres.

As Religiosas apontam para alguns desafios que enfrentam no exercício da missão, naquela região como:

A fraca consciência da missão dos pais de família como referência familiar ativa e efetiva; a falta do sentimento de pertença na comunidade, perda da identidade comunitária e eclesial. A perda dos valores éticos e morais, gerando uma crise de paradigmas, de maneira especial a aumentar nos jovens o desencanto, a perda de sentido para a vida. A falta de trabalho contribui para o aumento da miséria, da pobreza, da violência, e dos vícios tóxico - dependentes. A falta de emprego provoca o êxodo dos pais, obrigando-os a ausentar-se do convívio e do acompanhamento familiar. Também foi apontado pelas RIC, nesta comunidade,

a falta de apoio espiritual e moral das famílias das crianças e dos jovens na catequese e na escola.

O Papa São João Paulo II confiou como missão a toda Igreja a responsabilidade no desenvolvimento da criança, do adolescente e dos jovens: «Dirijo-me agora a vós, queridos pais e educadores cristãos, a vós, queridos sacerdotes, consagrados e catequistas. Deus confiou-vos a peculiar missão de conduzir a juventude no caminho da santidade. Sede para eles exemplo de uma generosa fidelidade a Cristo»³²⁹.

Portanto, quando as RIC assumem como carisma o sacrifício e a consagração de toda a sua vida à juventude, de maneira particular, confirma-se que o exercício da sua ação missionária e pastoral é, ao mesmo tempo, missão da Igreja, quando assume o anúncio e a opção preferencial pelos jovens e pobres. As RIC, em consonância com o Documento do CELAM, em São Domingos, desejam que os jovens compreendam «na vida cotidiana que o Deus da Vida ama os jovens e quer para eles um futuro diferente, sem frustrações nem marginalizações, onde a vida plena seja fruto acessível a todos» (SD 118).

Quando as RIC entregam as suas vidas em consagração a Deus é por causa dos jovens que elas assumem a missão de Jesus, de proporcionar à juventude o acesso ao tesouro da fé e à sua vivência, não importando o lugar, nem a classe social. O que importa é fazer chegar a todos a *Glória a Deus*.

Hoje, as RIC navegam em mar agitado, mas avançam firmes e com a coragem herdada da sua querida fundadora madre Agathe Verhelle.

³²⁹ Mensagem do Papa João Paulo II, para o 42º Dia Mundial de Orações pelas vocações, 2005. Acedido em 30 de Setembro de 2021, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_20040811_xlii-voc-2005.html.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao terminar a minha dissertação, gostaria de afirmar que atingi o objetivo a que me propus, mas receio trair a minha humildade, preferindo que seja outrem a pronunciar-se. Todavia, sempre posso dizer que tentei fazer o melhor, ao apreciar o percurso histórico-teológico da vivência do carisma das RIC, desde o séc. XIX até aos nossos dias.

Ao realizar este estudo, constatei que a história da Congregação das RIC é feita de amor, persistência e devoção, carregados pelo esforço, oração e perseverança da sua fundadora, Madre Agathe, e de sua comunidade fundacional. Exemplos de mulheres que, abertas ao sopro do Espírito Santo, fizeram a diferença, escrevendo na sociedade e na Igreja, a história de fidelidade ao chamamento do Senhor e ao carisma institucional.

A chamada de amor e zelo que incentivou o coração de Madre Agathe e o das suas colaboradoras atraiu inúmeros jovens que se deixaram seduzir por Jesus, mercê do carisma tão necessário à vida da Igreja naquela época da história, e que permanece cheio de vigor e atual até os dias de hoje, de tal modo que podemos concluir que a vontade de Deus e da Igreja era convencer as RIC a viver o seu carisma de sacrificar-se e consagrar-se inteiramente à juventude. E, de facto, mediante esse carisma, elas viveram com fidelidade a sua missão de doação total à juventude, onde quer que estivessem.

Porém, constatou-se que as RIC, para desempenharem devidamente as suas funções, precisavam aumentar a sua formação espiritual, cultural, intelectual, académica, experiencial e afetiva.

Concluiu-se também que, para as RIC, a formação da juventude, em suas obras de educação, deve estar em consonância com a Igreja que tem como objetivo de sua missão, despertar no coração juvenil o ardor missionário, motivado e alimentado pela oração, pela vivência sacramental e eclesial, afetiva e participativa na missão da Igreja. Os Jovens que, no dizer do Papa Francisco, devem ser incentivados a serem veículos de cultura e missão na participação, renovação e comprometimento com o “Ide e fazei discípulos” entre os jovens³³⁰.

³³⁰Papa Francisco, Palavras do Papa Francisco no Brasil, 17.

O Papa Francisco conclui que a Igreja, seus pastores e demais fiéis precisam da juventude para se renovarem³³¹.

Sob o sopro do Espírito Santo, Madre Agathe Verhelle, e suas companheiras, lançaram mão de seus projetos pessoais no seguimento de Jesus Cristo, respondendo ao Seu apelo evangélico de se sacrificarem e consagrarem inteiramente à juventude por toda a parte onde pudessem cooperar na propagação da Glória de Deus, à medida que iam aumentar os perigos em que se encontrava a juventude, minada, naquela época, pelos perigos da revolução.

Como sementes lançadas em bom terreno, germinaram e deram frutos. Assim, no ano de 1896, 8 irmãs e uma leiga, lideradas por Madre Loyola Street, chegaram a Olinda de Pernambuco, trazendo no coração o ardor apostólico, o zelo e o espírito missionário com o desejo de cultivar a juventude, proporcionando-lhe a educação fundamentada nos valores do evangelho. As RIC assim afirmavam: «Queremos implantar a bandeira do Sagrado Coração de Jesus» em terras brasileiras, para que, por nossos sacrifícios e trabalhos apostólicos, seja mais amado o coração Divino»³³².

O carisma, como a semente da parábola do grão de mostarda, cresceu, multiplicou-se e não permaneceu somente em Pernambuco, mas expandiu-se por vários estados e regiões do Brasil Norte, Sul, Centro-Oeste através das escolas e faculdade, centro social, comunidades inseridas nas paróquias e nas dioceses. Leigos que se associam à espiritualidade, ao carisma e à missão das RIC, os profissionais das diversas áreas que colaboraram e colaboram diretamente na sua missão.

Podemos constatar que o desejo ardente do coração de Madre Agathe se concretiza atualmente, como nos afirma o Papa Francisco: «Os carismas não representam algo estático e rígido, não são «peças de museu». Pelo contrário, são rios de água-viva (cf. Jo 7, 37-39) que correm no terreno da história para a irrigar e para fazer germinar sementes do Bem»³³³. O

³³¹ Francisco, Papa, Revista Vida Pastoral: visita ao Brasil por conta da JMJ (Jornada Mundial da Juventude 2013). Acedido em 30 de Setembro de 2021. <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/o-papa-francisco-e-a-juventude/>.

³³² Cf. Madre Tarcísia Pitanga de Mesquita, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, 24

³³³ Papa Francisco, Mensagem do aos Participantes no 2º Simpósio Internacional sobre a gestão financeira organizado pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólicas [Pontifícia Universidade Antonianum, 25-27 de novembro de 2016]. Acedido em 14 de setembro de 2021.

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2016/documents/papa-francesco_20161125_messaggio-simposio-vita-consacrata.html.

carisma de um Instituto Religioso não é uma peça de museu que permanece intacta numa vitrine para ser contemplada e nada mais.

A fidelidade de manter puro o carisma não significa, de modo algum, encerrá-lo numa garrafa selada como se fosse água destilada, para não se contaminar com o exterior. É preciso abri-lo e deixar que saia, a fim de que entre em contacto com a realidade social com as pessoas com suas inquietações e seus problemas.

Nesta preparação para o bicentenário de existência do Instituto das RIC, as irmãs celebram em conjunto pela ação de graças de renovarem o desejo de fidelidade a Deus e a observância do desejo de Madre Agathe de sacrificarem-se e consagrarem-se inteiramente à juventude, em qualquer lugar onde puderem cooperar, com muita alegria, na Propagação da Glória de Deus.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes e Documentos

- Abbagnano, Nicola, *Dicionário de Filosofia*, Tradução da 1.^a Edição brasileira, São Paulo: Editora Martins Fonte, 2007.
- Azevedo, Thales de, *O catolicismo no Brasil: um campo para a pesquisa social*, Coleção Nordestina, Salvador: Edufba, 2002.
- Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 1998.
- Bíblia Capuchinhos. Difusora Bíblica. Lisboa/ Fátima, 2003.
- Backheuser, Everardo Adolpho, *Técnica da pedagogia moderna: teoria e prática da Escola Nova*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1934.
- Baurnarde, Mosenhor, *Histoire de la Vénérable Mère Madeleine-Sophie Barat*, Paris: 1900.
- Bifet, J. E., *Teologia de la evangelización. Curso de Missiologia*, Madrid: BAC, 1995.
- Bosch, David Jacobus, *Missão transformadora, Mudanças de Paradigma na Teologia da Missão*, 2.^a Edição, São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- Braz, Cardeal de Aviz João; Carballo, J. Rodríguez, *Anunciai: Carta circular aos consagrados e consagradas, testemunhas do Evangelho entre os povos*, N.º 13, Lisboa: Paulus, 2016.
- Brito, Ir. Sebastiana R. de, Pesquisa sobre as pequenas comunidades, Revista Convergência, N.º28. Ano III. CRB. Outubro de 1970.
- Bucellato, Giuseppe, *Carisma e Rinnovamento*, Bologna: Edizioni Dehoniane, 2002.
- Califice, Isabelle; Janssen, Séverine, *Le feu sur la terre: Histoire et spiritualité des Religieuses de l'Instruction Chrétienne*, Liège: DIC, Liège, 2015.
- Câmara, Irmã Alina Leal, da traduzido por Irmã Jaeanne Marie Rodrigues, *Madre Loyola Steyart, Missionaria e Educadora*, Fortaleza: OfinArtes, 1996.
- Carpentier, Jean; Lebrun, François *História da Europa*, Lisboa: Editorial Estampa, 2002.
- Catecismo da Igreja Católica, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1993.
- Certeau, M. de, *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense, 1982.
- Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 11.^a Edição, Braga: A.O., 1992.

- _____ Constituição dogmática *Lumen Gentium*, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 11.^a Edição, Braga: A.O.,1992, p. 58-118.
- _____ Constituição dogmática *Sacrosanctum Concilium*, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 11.^a Edição, Braga: A.O., 1992, p. 12-41.
- _____ Decreto *Ad Gentes*, in Concílio Ecuménico Vaticano II: Constituições, decretos, declarações e documentos pontifícios, 11.^a Edição, Braga: A.O., 1992, p. 277-314.
- _____ Decreto conciliar *Perfectae Caritatis* sobre a Renovação da Vida Religiosa. 4.^a Edição, Editorial A.O, Braga 1992.
- Congregação para a Doutrina da Fé, *Declaração Dominus Iesus. Sobre a unidade e universalidade salvífica de Jesus Cristo e da Igreja*, N.º18. Lisboa: Paulinas, 2000.
- Conselho Episcopal Latino-Americano, *Documentos do CELAM: conclusões das conferências do Rio de Janeiro, de Medellín, Puebla e Santo Domingos*, São Paulo: Editora Paulus, 2004, N.º 1166.
- Costa, J. Almeida; A. Sampaio e Melo, *Dicionário da Língua Portuguesa.*, 7.^a edição, Porto: Porto Editora, 1994.
- Constituições do Instituto das Damas da Instrução Cristã, Aprovado pelo Capítulo Geral de Flône em 25 de julho de 1980, Recife: 1980.
- Constituição Dogmática Dei Verbum*, 19.^a edição, São Paulo: SP: Paulinas, 2011.
- Couto, António, *Fundamentação bíblica da missão*, Lisboa: Obras Pontifícias, 2004.
- Cunha, Antônio Geraldo da, *Dicionário etimológico da língua Portuguesa*, 4.^a Edição, Rio de Janeiro: LEXIKON editora, 2010.
- Dicionário de Francês-Português, Português-Francês*, Neckarsulm: Editora Mixing, 1999.
- Dicionário de Latim-Português*, 2.^a Edição, Porto: Porto Editora, 2001.
- Diccionario Griego Español*, Barcelona: Editorial Ramon Sopena 1998.
- Ferguson, Sinclair B; David F. Wright, David F., et al, *Novo Dicionário de Teologia*, São Paulo: Hagnus, 2009.
- Fernandes, Francisco, *Dicionário de sinónimos e Antónimos da Língua Portuguesa*, 37.^a Edição, São Paulo: Editora Globo, 1921.

- Francisco, Papa, *Carta Encíclica: Lúmen Fidei*. Lisboa: Editora Paulus, 2013.
- _____*Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; ed. Loyola, 2014.
- _____*Exortação Apostólica Christus Vivit: Aos jovens e a todo o povode Deus*, Lisboa: A.O.Lisboa, 2019.
- _____*Carta Apostólica Patris Corde*, Prior Velho: Editora Paulinas, 2020.
- Freire, Paulo, *A Educação na Cidade*, São Paulo: Cortez; 1991.
- _____*Pedagogia da Autonomia*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- _____*Palavras do Papa Francisco no Brasil*, 1.^a Edição, São Paulo: Editora Paulinas, 2013
- Giovanna, Irmã, (Revisora), *A Reverenda Madre Agathe Verhelle, Fundadora do Instituto das Damas da Instrução Cristã 1786-1838*, Recife: Bagaço, 2003.
- Guillebaud, Jean Claude *La tyrannie du Plaisir*. Saint-Amand: Seuil, 1998.
- Jaboatão, Fr. A. de S. M., *Novo orbe seráfico brasílico ou Chronica dos Frades menores da Província do Brasil*. Rio de Janeiro: Tipografia Brasiliense, 1858.
- João Paulo II, Papa, *Exortação Apostólica Pós- sinodal Vita consecrata*. São Paulo: Editora Paulinas, 1996.
- _____, *Carta Encíclica Redemptoris Missio. A validade permanente do mandato missionário*, São Paulo: Paulinas, 1991.
- Koch R., *Carisma*, In: J. B. Baueb, *Dicionário de Teologia Bíblica*, Barcelona, Editorial Herder, 1967.
- Lantschoot, Me. Paula Van (Revisora); Califice, Suer Monique *Madre Agathe Verhelle: Uma semente que germinou*, Fortaleza: OfinArtes, 2003.
- Libânio, José Carlos *Didática*, 2.^a Edição, São Paulo: Cortez, 2013.
- Maia, Antonio. *Pequeno Dicionário Católico*. Rio de Janeiro: Coleção estrela do Mar, 1966.
- Maritain, Jacques, *Rumos da Educação*, 5.^a Edição, Rio de Janeiro: Agir Editora, 1968.
- Memore Restori, *A Missão no Vaticano II*, Coleção Marco conciliar, São Paulo: Paulus, 2015.
- Mesquita, Madre Tarcísia Pitanga de, *As Damas Cristãs no Brasil 1896-1996*, Recife: Damas, 1996.

- Mouffe, C., Religião, *democracia liberal e cidadania*. In: Joanildo Burity; M. Machado (Orgs.), *Os votos de Deus: evangélicos, política e eleições*. Recife: Massangana, 2006.
- Padin, Dom Cândido; Gutiérrez, Gustavo; Catão, Francisco, *Conclusões da Conferência de Medellín - 1968 - Texto oficial: trinta anos depois, Medellín é ainda atual?*, São Paulo: Paulinas, 2010.
- Paelinck, Mère Celina MAV, *Escritos Espirituais Madre Agathe Verhelle*, 1977.
- Pereira, José Carlos, *Liturgia da Palavra I. Reflexões para os dias de semana*, São Paulo: Paulus, 2014.
- Pereira, José Carlos, *Liturgia da Palavra II, Reflexão para os Domingo, solenidades, festas e memórias*, São Paulo: Paulus.
- Pikaza, Xabier; Silanes, Nereo, *Dicionário Teológico O Deus Cristão*, São Paulo: Paulus, 2014.
- Rocca, Giancarlo,, *Il Carisma do fondatore*, Milano: Ancora editrice, 1998.
- Antonio Maria Sicari, *Gli Antichi carisma nella Chiesa*, Milano: Jaca Book, 2002.
- Simenon, Cônego ,*Congregação das Damas da Instrução Cristã*, Recife: Bagaço, 2003.
- Strong, James, *Dicionário Strong Hebraico-Aramaico-Grego*, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.
- Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano de Caribe, Documento de Aparecida, 1.^a Edição, São Paulo: Paulus; Paulinas; CNBB, 2007.
- Verdete, Carlos, *História da Igreja II, do cisma do Oriente (1054) até o fim do século XIX*, Lisboa: PAULUS Editora, 2009.
- _____História da Igreja Católica, Das origens até ao Cisma do Oriente (1054). Vol. I, Lisboa: Paulus, 2009.
- _____História da Igreja, Do cisma do Oriente (1054) até ao fim do século XIX, Vol. II, Lisboa: Editora Paulus, 2009.
- Vitório, Jaldemir SJ, *Sacrificar-nos e consagrar-nos à Juventude*, Belo Horizonte: Editora o Lutador, 2012.
- Yarza, Florencio I. Sebastiàn, *Diccionario Griego-Español*, Barcelona: Editorial Ramon, 193.

Documentos eletrônicos

Bento XV, Papa, *Carta Apostólica Maximum Illud* de 1919, acessado a 10 de fevereiro de 2021, In https://www.vatican.va/content/benedict-xv/pt/apost_letters/documents/hf_ben-xv_apl_19191130_maximum-illud.html.

Britannica Escola. Web, acessado a 9 de dezembro de 2020, <https://escola.britannica.com.br/artigo/Torá/482696>.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, DGAE*, N° 70, doc. 61, Paulinas, 2002, 15, acessado a 15 de fevereiro de 2021, <https://docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbntYVWduaWZpY2F0YW1kfGd4OjQwM2RjZTRINjJmZGEwODY>.

Congregação para a Doutrina da Fé. Instrução Ad resurgendum cum Cristo, acessado a 5 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20160815_ad-resurgendum-cum-christo_po.html.

Congregação para a Doutrina da Fé. Instrução Dignitas Personae, sobre algumas questões da Bioética, acessado a 05 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html.

Congregação para a Doutrina da Fé. Instrução sobre as orações para alcançar de Deus a cura, acessado a 05 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20001123_istruzione_po.html.

Congregação para a Doutrina da Fé. Instrução sobre o respeito à vida humana nascente e à dignidade da procriação, acessado a 05 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19870222_respect-for-human-life_po.html.

Congregação para a Doutrina da Fé. Instrução sobre alguns aspetos da “Teologia da Libertação, acessado a 05 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_20081208_dignitas-personae_po.html.

Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução para a criação de comissões doutrinárias, acessado a 05 de janeiro de 2021, Acessado a 05 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19670223_instructio_po.html.

Congregação para a Doutrina da Fé. Promover e Salvar a Fé – Do Santo Ofício à Congregação para a Doutrina da Fé, Acedido a 4 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/storia/documents/rc_con_cfaith_storia_20150319_promuovere-custodire-fede_sp.html#Prefacio.

Congregação para a Doutrina da Fé, Instrução Donum Veritatis, sobre a vocação eclesial do Teólogo, acedido a 05 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_199_00524_theologian-vocation_po.html.

Damas 112 anos, In <http://www.colegiodamas.com.br/web/noticia/damas-112-anos>, acedido a 27 de julho de 2021.

Dicionário infopédia da Língua Portuguesa, Porto: Porto Editora, 2003-2020, acedido a 5 de maio de 2020, <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/perseveranca>.

Francisco, Papa, Carta Apostólica às pessoas consagradas: Para Proclamação do Ano da Vida Consagrada. Acedida em 27 de Setembro de 2021, https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_letters/documents/papa-francesco_lettera-ap_20141121_lettera-consacraati.html.

Francisco, Papa, Mensagem para o Dia Mundial das Missões de 18 de outubro de 2020, acedido a 5 de março de 2021, In <https://www.fraterno72.net/post/mensagem-do-papa-francisco-para-o-dia-mundial-das-miss%C3%B5es-de-2020>.

Francisco, Papa, Reunião do Comitê diretivo do CELAM, Bogotá, 7 de setembro de 2017, acedido a 10 de fevereiro de 2021, In <https://pastoral.rsb.org.br/Noticia/499/Mes-Missionario-Extraordinario-2019>.

Francisco, Papa, Revista Vida Pastoral: visita ao Brasil por conta da JMJ (Jornada Mundial da Juventude 2013). Acedido em 30 de Setembro de 2021. <https://www.vidapastoral.com.br/edicao/o-papa-francisco-e-a-juventude/>.

Fundador da Congregação de Santa Cruz, acedido a 12 de janeiro de 2021, https://pt.wikipedia.org/wiki/Congrega%C3%A7%C3%A3o_de_Santa_Cruz.

Fundador da Congregação dos Padres da Doutrina Cristã, acedido a 12 de janeiro de 2021, https://pt.wikipedia.org/wiki/Congrega%C3%A7%C3%A3o_dos_Padres_da_Doutrina_Crist%C3%A3.

Hoping, Helmut, *A Constituição Sacrosanctum Concilium. In: As Constituições do Vaticano II, Ontem e Hoje*, (Org.) Geraldo B. Hackmann; Miguel de Salis Amaral, Edições CNBB, 2015, 99-100, acedido a 21 de setembro de 2021, <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-08/concilio-vaticano-ii-aggiornamento-sacrosanctum-concilium.html>.

João Paulo II, Papa, *Mensagem para o 42º dia mundial de orações pelas vocações*, 2005. Acedido em 30 de Setembro de 2021, https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/vocations/documents/hf_jp-ii_mes_20040811_xlii-voc-2005.html.

João XXIII, Papa, *Constituição Apostólica Humanae Salutis para a convocação do Concílio Vaticano II*. Libreria Editrice Vaticana, 1961, N° 7, acessido a 24 de maio de 2021, https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html.

Leão XIII, Papa, *Carta Apostólica Praeclara gratulationis* (20 de junho de 1894), acessido a 1 de setembro de 2021. https://docs.google.com/document/d/1yUzhR14HXYh6DejWpDIX_oXZuI2vIV7ume1ST_wigM0/edit#.

Luaiza, C. Benito Almaguer Luaiza, acessido a 10 de dezembro de 2020, <https://www.monografias.com/pt/trabalhos3/educacao-ensino-instrucao/educacao-ensino-instrucao2.shtml>.

Maia, António, *Pequeno Dicionário Católico*, Coleção Estrela do Mar, Rio de Janeiro: 1966, 108, acessido a 4 de janeiro de 2021, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_pro_1407_1997_po.html.

Nova *Agendi ratio in doctrinarum examine*, acessido a 31 de dezembro de 2020, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_pro_1407_1997_po.html.

Oxford Dictionaries | English, acessido em 25 de novembro de 2020, <https://www.lexico.com/definition/torah>.

Paulo VI, Papa, *Exortação Apostólica Evangelica Testificatio*, sobre a renovação da vida religiosa segundo os ensinamentos do Concílio, N.º 11, acessido a 6 de fevereiro de 2021, https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19710629_evangelica-testificatio.html.

Paulo VI, Papa, *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi*, sobre a Evangelização do mundo contemporâneo, N° 14. Acessido 4 de Maio de 2020. https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html.

Repositório Institucional da UF, Jornal Diário de Pernambuco, p. 4, acessido a 3 de agosto de 2021 <https://ufdc.ufl.edu/AA00011611/17721/12x>.

Repositório Institucional da UF, Jornal Diário de Pernambuco, p. 3, acessido a 3 de agosto de 2021, <https://ufdc.ufl.edu/AA00011611/17721/11j>.

Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, acessida a 20 de novembro de 2020, https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/storia/documents/rc_con_cfaith_storia_20150319_promuovere-custodire-fede_sp.html#Prefacio

Sagrada Congregação para os Religiosos Seculares, Sagrada Congregação para os Bispos, Critérios diretivos para as relações mútuas entre Bispos e Religiosos na Igreja, N.º 11, acessido 5 de janeiro de 2020,

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccsclife/documents/rc_con_ccsclife_doc_14051978_mutuae-relationes_po.html.

Strong, James, *Dicionário Strong Hebraico-Aramaico-Grego*, Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, <http://www.sbb.org.br>, 2002.

Vaticannews explica: “Aggiornamento” é um termo italiano, que significa "atualização", renovação. Acedido a 21 de setembro de 2021, <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2018-08/concilio-vaticano-ii-aggiornamento-sacrosanctum-concilium.html>.

Veliq, Fabrício, acedido a 14 de dezembro de 2020, <https://domtotal.com/noticia/1343625/2019/03/8203-texto-biblico-instrucao-ou-lei/>.